

AS CENTRALIDADES NOTURNAS EM GOIÂNIA

LAYARA ALVES CRUZ
PROF^ª. GABRIELA TENORIO

AS CENTRALIDADES NOTURNAS EM GOIÂNIA

LAYARA ALVES CRUZ

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo

Linha de Pesquisa: Projeto e Planejamento Urbano e Regional (PP)

Orientadora: Gabriela de Souza Tenorio

Brasília, 2021

NOITE
NOITE

NOITE URBANA
NOITE URBANA

“ Campo de tensão central em nossa sociedade, espaço de ideias e fronteira última da cidade, **a noite tem muito a dizer ao dia**. Ela deve estar aberta à investigação científica, ao futuro e à criatividade. É tempo de explorar o arquipélago noturno, de decodificar a noite urbana, [...]. Perante as pressões do tempo contínuo da economia e do sistema, devemos investir na noite, explorar a **última fronteira** da cidade a fim de antecipar os conflitos e imaginar os futuros possíveis da Urbs e da Civitas. Precisamos colocar a noite na agenda política e lançar um grande debate em favor de cidades mais belas que nossos dias.

Agradecimentos

Durante todo o processo do mestrado houveram muitos aprendizados. Em meio ao momento pandêmico, ainda vivenciados, passamos a ter aulas remotas, nos distanciamos fisicamente.

A pesquisa precisou de adaptações, as cidades à noite mudaram. A nossa relação com os espaços urbanos também. Precisamos criar estratégias para nos proteger e proteger aqueles a quem amamos. Nos adaptamos.

Nesse cenário tão sensível tive a felicidade em ser acolhida por uma orientadora que além de muito competente em sua atuação, é gentil - Gabriela Tenório - serei eternamente grata por seus ensinamentos, por todas as horas de orientação e generosidade em transmitir tão bem o conhecimento.

Ao docente Rômulo Ribeiro, que se dispôs a ministrar as aulas da disciplina de geoprocessamento nesse novo formato EAD, e mesmo vivenciando um momento delicado em sua saúde, manteve-se comprometido com o ensino.

Ao docente Valério Medeiros por dividir conosco o conhecimento sobre a Teoria da Sintaxe espacial com tanto empenho.

Nesse momento agradeço a minha família amada por todo incentivo, amor incondicional e por se fazer presente apesar da distância.

Ao meu amado esposo, Kariston, por seu apoio, companheirismo e compreensão.

Aos meus amigos a paciência por entenderem em muitas circunstâncias a minha ausência. Em especial, a Wesley Oliveira e Tâmara Araújo, que estiveram ao meu lado durante todo esse período.

À Secretaria Acadêmica do PPG-Fau sempre tão solícita.

As pessoas de luz que fizeram parte desse processo, obrigada!

Resumo

Este estudo gira em torno da dinâmica da noite urbana em Goiânia. Na cidade contemporânea, as atividades atravessam o dia e, gradativamente, se naturalizam no ambiente noturno; e modificam o modo como nos relacionamos com o espaço e o tempo na cidade. Entende-se que a noite não se resume apenas a um período cronológico, mas se define também pela disposição de uma vida social que surge com a possibilidade de extensão das atividades para depois que o sol se põe, e também pelo surgimento de práticas essencialmente noturnas. No entanto, são raros os estudos sobre a noite urbana, e quando há, focam apenas em aspectos relacionados à boemia, iluminação, segurança e economia noturna, por exemplo. O principal objetivo é investigar como as atividades noturnas se distribuem espacialmente sobre a cidade de Goiânia, observando as dispersões e centralizações dos usos, no intuito de identificar quais são as centralidades noturnas na cidade, especializadas e diversificadas. Para alcançar os resultados, foram utilizadas ferramentas da Teoria da Sintaxe Espacial com grande aplicabilidade às questões com interseção entre o espaço físico e as relações sociais. Como procedimento metodológico, mapeou-se, categorizou-se e quantificou-se as principais atividades ativas à noite na capital para obtenção das centralidades funcionais, em seguida realizou-se os estudos para identificação das centralidades topológicas, e por fim, verificou-se a relação entre elas. Os resultados apontam que as centralidades estão concentradas em áreas consolidadas do tecido urbano na capital goiana, e que possuem uma alta correspondência com os eixos integrados do sistema.

Palavras-chave: Centralidade noturna, Sintaxe Espacial, Goiânia, Noite, Planejamento urbano.

ABSTRACT

This study addresses the dynamics of urban nightlife in the city of Goiânia. In a modern city, activities extend beyond the day, and gradually become a natural part of the night life. As such, nocturnal activities change the way we relate to space and time in the big city. Beyond being a chronological time, the night is also defined by the social life that arises with the possibility of activities extending after the sun goes down. With the rise of nocturnal practices, social night life thrives. Studies on urban night are rare; however, and the few studies available focus on topics such as bohemia, lighting, security, and night-time economy. The main objective of the thesis is to investigate how nocturnal activities are spatially distributed over the city of Goiânia, observing the dispersions and centralizations of uses, in order to identify the specialized and diversified nocturnal centralities of the city. To obtain the results, tools from the Spatial Syntax Theory were used with great applicability to issues with intersection between physical space and social relations. As a methodological approach, firstly, the main nightlife activities across the city were mapped, categorized, and quantified to gather the key activity centers, secondly, the study identified the topological centralities of the city, and lastly, the relationship between them were compared. The results depict that the centralities are concentrated in consolidated areas of the urban fabric of Goiânia, the capital of Goiás, and that they have a strong relation with the integrated axes of the system."

Keywords: Nocturnal centrality, Spatial Syntax, Goiânia, Night, Urban planning.

Sumário

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>13</u>
<u>CAPÍTULO 1.....</u>	<u>18</u>
1.1 CENTRO E CENTRALIDADE	19
1.1.1 CENTRO NA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	19
1.1.2 CENTRO PERSPECTIVA SIMBÓLICA	20
1.1.3 CENTRO PERSPECTIVA DE ACESSIBILIDADE.....	20
1.1.4 OUTRAS PERSPECTIVAS PARA CENTRO E CENTRALIDADE.....	21
1.2 CIDADE E USO NOTURNO	25
1.2.1 ILUMINAÇÃO	25
1.2.2 ATIVIDADES	29
1.2.3 MOBILIDADE	33
1.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	37
<u>CAPÍTULO 2.....</u>	<u>38</u>
2.1 O RECORTE ESPACIAL – GOIÂNIA	39
2.2 UMA NOVA CAPITAL PARA GOIÁS	41
2.3 EXPANSÃO URBANA DE GOIÂNIA	45
2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	48
<u>CAPÍTULO 3.....</u>	<u>49</u>
3.1. SINTAXE ESPACIAL.....	50
3.2 PADRÕES ESPACIAIS.....	51
3.2.1 MAPA AXIAL.....	52
3.2.2 INTEGRAÇÃO	53
3.2.3 CONECTIVIDADE	55
3.2.4 INTELIGIBILIDADE	55
3.2.5 MAPA DE SEGMENTOS	55
3.3 VIDA ESPACIAL	56
3.4 VIDA SOCIAL.....	56
3.5 ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	57
3.6 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	61

<u>CAPÍTULO 4.....</u>	<u>62</u>
4.1 VIDA ESPACIAL	63
4.1.1 FEIRAS ESPECIAIS NOTURNAS	66
4.1.2 PARQUES	70
4.1.3 UNIVERSIDADES E FACULDADES	73
4.1.4 TEATROS E CENTROS CULTURAIS	74
4.1.5 HOSPITAIS E CLÍNICAS	75
4.1.6 SHOPPINGS	76
4.1.7 COMÉRCIO E SERVIÇO	77
4.1.8 SOBREPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES	79
4.2 PADRÕES ESPACIAIS	94
4.2.1 INTEGRAÇÃO GLOBAL E TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO MORFOLÓGICO	94
4.2.2 INTEGRAÇÃO GLOBAL – RN.....	98
4.2.3 INTEGRAÇÃO LOCAL	101
4.2.4 NAIN	105
4.2.5 INTELIGIBILIDADE.....	106
4.2.6 CONECTIVIDADE.....	107
4.2.7 CORRELAÇÃO ENTRE CENTRALIDADES FUNCIONAIS E SINTÁTICAS.....	108
4.3 VIDA SOCIAL.....	116
4.4 CORRELAÇÃO COM DENSIDADE	117
<u>CONCLUSÃO.....</u>	<u>122</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>125</u>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Brasília, cidade “tricéfala”	21
Figura 2– Teatro Goiânia à noite	29
Figura 3 - Cronotopias (relógios gráficos) para a frequência de usuários e de transportes.	34
Figura 4 - Frequência de pessoas nos espaços públicos à noite ao longo da semana.	36
Figura 5 - Localização de Goiânia, em relação ao Brasil e ao Estado de Goiás.....	39
Figura 6 - Goiânia e região metropolitana.	40
Figura 7 - Cidade de Goiânia: zoneamento de usos 1934.	42
Figura 8 - Croquis de concepção do Plano de Urbanização de Atílio	43
Figura 9 - Núcleo Pioneiro de Goiânia- Plano de Urbanização- Planta Setor Central (1938)	44
Figura 10-Expansão urbana em Goiânia décadas de 1930-1940 e 1950-1960.....	45
Figura 11 - Expansão urbana em Goiânia décadas de 1970-1980 e 1990.....	46
Figura 12 - Expansão urbana em Goiânia décadas de 2000 e 2010.....	47
Figura 13 - A escolha dos percursos.....	51
Figura 14 - Processo para representação linear	52
Figura 15 - Escala cromática	53
Figura 16 - Mapa axial da Praça Cívica e do Centro Cívico de Goiânia.	54
Figura 17 - Mapa de Segmentos (Análise de Segmento).....	55
Figura 18 - Centros diversificados supra urbanos	63
Figura 19 - Centros diversificados urbanos	64
Figura 20 - Número de feirantes/ bancas feiras especiais noturnas em Goiânia	69
Figura 21 - Feira da Lua	69
Figura 22 - Parques Flamboyant e Vaca Brava à noite	70
Figura 23 - Parque Marcos Veiga Jardim à noite	72
Figura 24 - Setor Leste Universitário.....	83
Figura 25 - Legenda	87
Figura 26 - Avenida 24 de outubro, Setor Campinas, durante o dia (01) e noite (02).	93
Figura 27 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.	95
Figura 28 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.	96
Figura 29 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.	97
Figura 30 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.	98
Figura 31 - Comparação entre os valores médios de integração obtidos para as cidades brasileiras.	99
Figura 32 - Comparação dos valores de inteligibilidade para as capitais brasileiras.	106
Figura 33 - Vista área Setor Bueno, Google Maps.	119

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Goiânia por regiões.....	59
Mapa 2 - Feiras Especiais Noturnas em Goiânia	68
Mapa 3 - Parques e bosques abertos 24 horas.....	71
Mapa 4 - Instituições de Ensino Superior com funcionamento noturno	73
Mapa 5 - Teatros e Centros Culturais	74
Mapa 6 - Hospitais e clínicas com funcionamento noturno	75
Mapa 7 - Shoppings com funcionamento noturno	76
Mapa 8 - Comércio e Serviço com funcionamento noturno	77
Mapa 9 - Comércio e serviços de alimentos, bebidas e entretenimento.....	78
Mapa 10 - Mapa com sobreposição de todos os usos noturnos identificados	80
Mapa 11 - Região Central com sobreposição de todos os usos identificados	84
Mapa 12 - Região Sul com sobreposição de todos os usos identificados	86
Mapa 13 - Concentração dos usos na Região Sudoeste	88
Mapa 14 - Concentração dos usos na Região Leste.....	89
Mapa 15 - Concentração dos usos na Região Norte.....	90
Mapa 16 - Concentração dos usos na Região Noroeste	91
Mapa 17 - Concentração dos usos na Região Oeste.....	92
Mapa 18 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura da integração global Rn para o ano de 2015.	100
Mapa 19 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura da integração R9 para o ano de 2015.	102
Mapa 20 - Recorte Mapa Axial da Região Central de Goiânia com a leitura da integração global R9.....	103
Mapa 21 - Recorte Mapa Axial da Região Sudoeste de Goiânia com a leitura da integração global R9.	104
Mapa 22 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura de NAIN para o ano de 2015.	105
Mapa 23 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global níveis 01 e 02. .	109
Mapa 24 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global nível 03.	110
Mapa 25 - Resultado da Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global....	111
Mapa 26 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9 nível 01.....	112
Mapa 27 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9 níveis 02 e 03.	113
Mapa 28 - Resultado da Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9.	114
Mapa 29 - Resultado das centralidades sintáticas e funcionais noturnas.....	115
Mapa 30 - Concentração de domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de mais 10 salários mínimos.	116

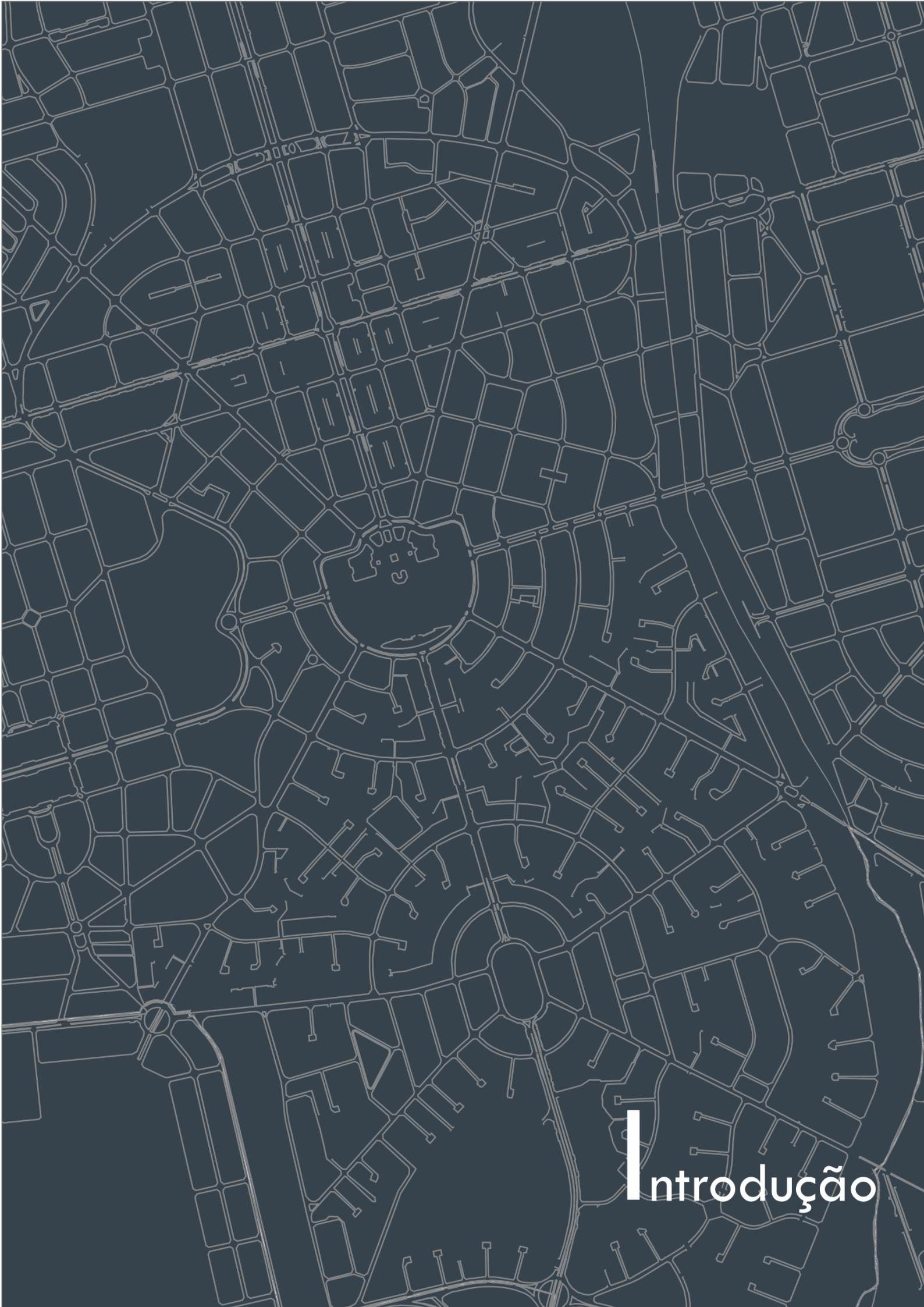
Mapa 31 - Mapa de densidade demográfica subdistritos a partir do Censo 2010.	117
Mapa 32 - Recorte do mapa de densidade demográfica subdistritos, censo 2010, recorte Região Sul.	118
Mapa 33 - Mapa de densidade demográfica, censo 2010 com sobreposição das centralidades identificadas.	120

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Concentração dos usos por região	81
Tabela 2 - Centralidades funcionais e diversificadas noturnas identificadas.	82
Tabela 3 - Concentração dos usos na Região Central	83
Tabela 4 - Concentração dos usos na Região Sul	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Programação Feiras Especiais Noturnas em Goiânia	67
---	----



I Introdução

Ouvi falar de Goiânia como cidade planejada, mas soube da intenção de Atílio Correa Lima em pensar a Avenida Goiás como local para o “footing à tarde e à noite” (LIMA, 1935 apud GODINHO, 2013, p. 105) recentemente, quando me debrucei na história da capital de Goiás na procura por qualquer dado sobre a noite urbana. A verdade é que pouco se observa sobre as noites nas cidades, e por vezes a discussão se limita à vida boemia.

Associar a noite como tempo-espaço restrito apenas às práticas de lazer e diversão não faz mais sentido. O ritmo acelerado da vida urbana já não cabe nas horas de sol! As atividades rotineiras extrapolam o horário comercial, e há muito tempo não necessitam da luz do dia para acontecer. A cidade está aí com os supermercados, academias, farmácias, instituições de ensino, hospitais e uma série de locais com acesso público e privado em funcionamento ativo durante o período noturno.

O interesse pelo tema surge da preocupação com o desenvolvimento urbano capaz de abarcar o espaço-tempo noturno no escopo das estratégias para a vida social nas cidades contemporâneas. Estima-se que a noite atravessa a memória da cidade e ressignifica os seus usos pelas transformações fomentadas por diferentes agentes e processos ao longo do tempo.

A noite revela novas possibilidades para ocupar a cidade e um processo em que, de forma cada vez mais efetiva, as cidades ampliam a disponibilidade de serviços e atividades e impactam no modo como as pessoas relacionam entre si e com os espaços nelas produzidos. A criação e manutenção dessas atividades depende direta e indiretamente de uma série de fatores que envolvem aspectos físicos, funcionais, sociais, econômicos e culturais que suscitam a vida noturna.

É costume que as discussões acerca do planejamento urbano sejam direcionadas para pensar a cidade sem essa marcação temporal. As estratégias que envolvem o planejamento das cidades costumam tecer os parâmetros na vida cotidiana diurna da cidade, a noite não é um tópico incluso nessas estratégias urbanas, como se não houvesse as suas particularidades.

Gwiazdzinski (2014) nos avisa que, independentemente de estarmos ou não atentos à noite urbana, ela está presente, é algo concreto e continuará a coexistir com as suas questões de transporte e deslocamentos, insegurança, iluminação, extensão e funcionamento de comércios e serviços, a dualidade entre a rotina de quem se diverte e de quem trabalha, a violência urbana, entre outros pontos. Para o autor, “é necessário decodificar a noite urbana, descobrir seus atores, seus limites, suas centralidades, suas margens e seus ritmos.” Mais que isso, “a noite urbana interroga nossa capacidade de viver juntos.” (Colaboratório, 2014, p.57 e 69)

Intensos processos de transformação e expansão do tecido urbano foram evidenciados, principalmente no século XX, no Brasil, sendo mais expressivos na região Centro-oeste a partir da década de 50. Essas mudanças, além de impactarem a forma urbana e influenciarem a dinâmica espacial, também repercutiram sobre as relações sociais, econômicas e culturais. A partir do pressuposto de que as centralidades surgem em meio a essas transformações, impulsionadas pela concentração das atividades diurnas, o estudo presume que as atividades ativas a noite na cidade contemporânea sejam capazes de articular percursos e (re)configurar os espaços para engendrar as centralidades noturnas.

Nos primeiros anos de Goiânia, eram restritas as opções para a noite urbana, os locais existentes, sendo as principais desenvolvidas no Grande Hotel ou nas instalações comerciais simples daquele tempo, devido ao fato de que a cidade era jovem e estava em implantação a infraestrutura, incluindo a iluminação. Essa situação fez com que, naquela época, a população estabelecesse uma forte dependência com as atividades concentradas na área que inicialmente ocupava a posição de cidade, mas que, com a construção da capital, passou a condição de bairro e principal ponto de apoio: o Setor Campinas, que pode ser considerado o primeiro centro da cidade.

Embora tenha surgido como uma cidade planejada, a capital do estado de Goiás, Goiânia, excedeu os limites definidos no plano urbanístico, produziu novas configurações com o crescimento urbano desordenado, sobretudo o surgimento de novos polos econômicos que condicionaram modificações estruturais visíveis no sistema viário a partir de novas demandas de circulação, além de necessitar ampliar a infraestrutura existente. Essas transformações se refletem igualmente na dinâmica produzida para a cidade durante o período noturno, seja pela produção de novos deslocamentos, prolongamento ou surgimento de atividades e serviços, ou até mesmo pelos conflitos nela desencadeados.

Atualmente, Goiânia atinge dimensões metropolitanas, com eixos que avançam a partir da sua demarcação central, articulam e modelam linhas de movimento na produção e inclusão de novas áreas. Desse modo, a capital repete o processo de inúmeras cidades que passam a estabelecer novos “centros” ou as chamadas centralidades.

Em 2004, Alarcón se dedicou a identificar os locais tidos como centralidades na capital Goiana. É importante relatar que em sua pesquisa a autora não especifica a demarcação de um turno, mas tem um olhar predominante para os usos diurnos. Esta pesquisa será uma importante base para este trabalho, uma vez que dialoga com muitos procedimentos adotados. Os resultados de Alarcón apontam as centralidades com características diurnas naquela altura em Goiânia. Posto isso, questiona-se quais são as centralidades noturnas na cidade de Goiânia atualmente. O intuito é compreender se e como a cidade é organizada para

a vida noturna, e se a morfologia urbana afeta a produção ou manutenção dessas centralidades.

Há uma conexão do espaço físico com as relações sociais, o que direciona este estudo a adotar a Teoria da Sintaxe Espacial como suporte teórico e metodológico, uma vez que essa teoria apresenta ferramentas propícias às análises, com grande aplicabilidade em pesquisas semelhantes. Também serão mapeados os usos ativos à noite em Goiânia que contribuem para a vitalidade noturna na capital.

Pretende-se observar e compatibilizar as centralidades funcionais, obtidas a partir dos mapeamentos dos usos, com as centralidades morfológicas, produzidas pelas análises da Sintaxe Espacial. Acredita-se que o debate aqui proposto avança ao permitir explorar novas articulações com a inserção da noite aos tópicos do planejamento urbano para além dos pontos que aferem a iluminação urbana.

Organização da Pesquisa

O principal propósito dessa pesquisa está em torno da dinâmica da noite urbana e das centralidades noturnas por ela desenvolvida. Analisar o real impacto das relações socioespaciais observando como os espaços são estruturados para as atividades noturnas.

O objetivo geral é identificar quais são as centralidades noturnas em Goiânia. Em relação aos objetivos específicos, propõem-se:

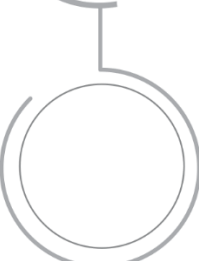
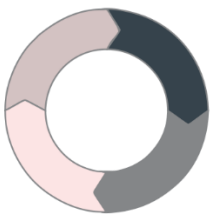
- Identificar as centralidades morfológicas ou sintáticas;
- Identificar as centralidades funcionais noturnas;
- Mapear as atividades desenvolvidas ao redor dessas centralidades;
- Classificar as centralidades identificadas.

O presente estudo será organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 apresentará conceituações fundamentais ao entendimento do tema e discussão a partir do referencial teórico. Portanto, será feita uma discussão acerca de centro e centralidade, na intenção de definir tais conceitos e contextualizá-los neste estudo. Ainda nesse capítulo será abordado o tópico sobre cidade e uso noturno, no qual serão apresentadas algumas questões que envolvem a noite urbana, como a iluminação, as atividades, a economia noturna, a mobilidade e os conflitos, de modo a nos contextualizar sobre a abrangência e traçar um panorama sobre a diversidade do tema.

O capítulo 2 trará o objeto de estudo, a cidade de Goiânia, ao abordar a sua origem como cidade planejada e características físicas, bem como apresentará sua expansão urbana.

O processo metodológico e a caracterização do modelo que norteará a investigação serão delimitados no capítulo 3, onde serão apresentadas algumas ferramentas da Teoria da Sintaxe Espacial, adotada como principal aparato teórico-metodológico neste estudo.

Por fim, no capítulo 4, serão apresentadas as análises, a partir da metodologia exposta no capítulo 3, e feita a discussão dos resultados.



Capítulo 1

1.1 CENTRO E CENTRALIDADE

Em meio à dinâmica do espaço urbano e das relações nela desencadeadas, as cidades estabelecem os seus centros e suas centralidades, e apesar da semelhança entre os termos, eles apresentam conceitos distintos, o que torna necessária sua compreensão.

De acordo Silveira (2016, p. 169), o centro é um “Ponto situado no interior de uma circunferência ou uma esfera e equidistante de todos os pontos da circunferência ou da superfície esférica. [...] Ponto de convergência.” Quando um ponto está situado no centro, ele se encontra estável e em repouso, “organizando os elementos em torno de si e dominando o seu campo” (CHING, 2008, p. 4). Na qualidade de elemento geométrico, o centro expressa a ideia de hierarquia ao estabelecer a organização de outros elementos a partir de uma posição principal.

A centralidade por sua vez é definida por Aulete (2011, p. 311) como uma “Característica ou condição do que é central, do que ocupa o centro. Grande importância de algo (comparativamente a outras coisas), especialmente daquilo que não pode deixar de ser levado em conta”.

O que o centro e centralidade representam no contexto das cidades e como eles são percebidos?

Como apontado por Coelho (2017), dada a diversidade das estruturas urbanas, é possível obter direcionamentos distintos partindo do pressuposto que há diferentes modos de organização e hierarquias de centro. Para tanto, torna-se importante compreender algumas perspectivas.

1.1.1 Centro na perspectiva histórica

Constantemente, as discussões sobre as cidades tocam sobre os seus centros como o seu núcleo inicial, o ponto por onde é originada a cidade. Facilmente identificado, esse era o lugar onde aflorava a vida pública urbana em consonância com as atividades econômicas. Entre outros aspectos, “o centro, historicamente, guarda o sentido de convergência, de local mais fisicamente acessível da cidade a partir de todas as suas partes, sendo derivado do seu núcleo primeiro.” (TENORIO, 2008, p. 13) Essa descrição pode ser percebida em algumas cidades que ainda preservam o seu núcleo inicial como o ponto mais ativo do tecido urbano.

De acordo com Vargas e Castilho (2006), a partir de sua origem urbana, o centro histórico remete à valorização do passado e é o lugar onde se encontram as sedimentações e as estratificações da história de uma cidade.

1.1.2 Centro perspectiva simbólica

Sobre outra perspectiva, os centros carregam o seu sentido simbólico dentro da organização social, e sobre isso Villaça (2001, p. 241) ressalta que “o valor material é a fonte de seu valor simbólico. É a excepcional importância comunitária e social dos centros que faz com que eles passem a ser objeto de grande valorização simbólica”.

Barreto (2010) complementa que, enquanto referencial simbólico da urbanidade, as áreas centrais das cidades estabelecem uma relação espacialmente hierarquizada entre os diferentes territórios urbanos (econômicos, políticos, culturais ou sociais), transformando-se em fatores de coesão e integração às comunidades, aos grupos e aos espaços.

Assim, compreende-se que as áreas centrais possuem relação com suas lógicas históricas e socioespaciais, geram percepções e vivências das cidades, e evidenciam duas noções:” a integradora (nível funcional e social) e a simbólica (nível imagético e lúdico)”. Ao ponto de estar presente no imaginário de qualquer pessoa como lugar, simbólico, inovador e propício aos intercâmbios. (DEL RIO, 1995, p. 54).

1.1.3 Centro perspectiva de acessibilidade

Segundo Villaça (2001), o centro origina-se através das aglomerações e como elas se deslocam, mesmo de forma obrigatória ou não, esses afastamentos estão diretamente relacionados com as classes sociais, com as condições distintas na escolha da acessibilidade na cidade, ou seja, o centro “surge em função de uma disputa: a disputa pelo controle do tempo e energia gastos nos deslocamentos humanos”. (VILLAÇA, 2001, p. 239)

Kneib (2008) traz a acessibilidade como uma das variáveis avaliadas para a identificação de áreas candidatas a centralidades (centro e subcentro). Parte do entendimento de acessibilidade segundo Walter G. Hansen (1949), o primeiro a empregar acessibilidade no contexto de planejamento de transportes, na qual o sentido está na distribuição das atividades, configurada de modo a superar a segregação espacial.

Além do mais, Kneib relaciona o sistema de transportes com a acessibilidade e destaca a sua importância na estrutura espacial urbana:

O objetivo mais comum do transporte é a acessibilidade, ou habilidade de alcançar bens, serviços, atividades ou destinos desejados, chamados de oportunidades. Assim, podemos concluir que a acessibilidade está extremamente vinculada à eficiência do sistema de transportes e contribui para a alteração da estrutura urbana (KNEIB,2008, p. 18) [...] Acessibilidade é a variável mais significativa nesse processo, uma vez que a perda de

acessibilidade do centro (ou subcentro) leva ao seu processo de decadência e descentralização rumo a áreas mais acessíveis. (KNEIB, 2008, p. 21)

1.1.4 Outras perspectivas para centro e centralidade

No esforço de definir e compreender esses lugares em meio à estrutura urbana, os estudos de Holanda *et al.* (2015, p. 16) propõem três classificações para os centros das cidades:

- 1) Centro funcional: caracterizado por sua representatividade econômica, polo de empregos e serviços, também denominado pela sigla CCS – Centro de Comércio e Serviços;
- 2) Centro demográfico: ponto que minimiza a distância física a todos os habitantes da metrópole; o centro de massa;
- 3) Centro morfológico: ponto mais acessível¹, a partir de todos os demais pontos da cidade.

Essas definições podem ser observadas no estudo realizado em Brasília (Ilustradas na Figura 1).

Figura 1- Brasília, cidade “tricéfala”.



Fonte: Holanda, 2010, p. 61.

1 Nesse caso o conceito de acessibilidade é considerado a partir da Teoria da Sintaxe Espacial: a acessibilidade referida é de ordem topológica e não métrica.

Nota-se que os intensos processos de aceleração e crescimento marcam a expansão urbana em eixos que extrapolam áreas tidas como centrais, articulam e modelam a produção e inclusão de novas porções urbanas. Inúmeras cidades passam a estabelecer novos “centros” e nos fazem compreender que a ampliação do sentido da própria palavra acompanha as necessidades espaciais. Como posto por Panerai (2006), “a modificação da noção de centro pode ser interpretada como um ajuste histórico: o que ontem era novo tornou-se antigo”. (p. 140)

O mito do centro único agrupando a autoridade política, os locais de comércio, os símbolos da religião e oferecendo um espaço – geralmente uma praça, ágora ou fórum – destinado à reunião dos habitantes e ao debate dos assuntos citadinos pertence a uma época finda. Há muito que o centro já é múltiplo, quer dizer, formado pela soma dos centros correspondente aos diferentes grupos sociais ou aos diferentes usos (que variam conforme a época) de um mesmo grupo. (PANERAI, 2006, p. 145).

Como resultado do deslocamento e surgimento de outras áreas, a porção central muitas vezes deixa de ser o lugar de maior destaque e começa a concorrer com as demais, enfraquece a sua posição de notoriedade, e, em algumas circunstâncias, quando não é estabelecido o seu reconhecimento enquanto memória coletiva, passa ao esquecimento e à degradação (OLIVEIRA, 2010). Essa dinâmica enfatiza e evidencia: “os centros dos sistemas *se movem*.” (MEDEIROS, 2008, p. 93. Grifo no original)

As centralidades surgem, então, a partir da expansão do tecido urbano, e podem ser compreendidas como “um processo com alto poder de estruturação espacial, organizando as relações sociais, fluxos, nós e convergências” (GASPARI e DA SILVA, 2018, p. 73). São assim locais com grande importância no contexto urbano.

A especialização de atividades ou serviços ao longo de vias com grande circulação de veículos, conforme observa Sposito (1993), pode ser interpretada como um desdobramento da área central da cidade, como se houvesse uma complementação das atividades desenvolvidas no centro principal, e, portanto, uma forma de expressão de centralidade.

A formação dos subcentros nas cidades é um ponto que merece maiores esclarecimentos. Eles também são derivados dos processos de expansão da malha urbana e remetem ao distanciamento e limitações de acesso ao centro das cidades. Para Villaça (2001), o subcentro “consiste numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em partes sem, entretanto, a ele se igualar. [...] A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade.” (p. 293)

Para Kneib (2008), os subcentros podem ser expressos como núcleos com características de centralidade, que surgem na área urbana, como resultado do desenvolvimento e crescimento da cidade, no qual deixa-se de existir um centro único, agrupando as atividades e serviços.

Os estudos desenvolvidos por Christaller (1966) partem da premissa que os centros urbanos possuem uma abrangência espacial, havendo, portanto, um nível de demanda e consumo expressos para cada centro, em um sistema com níveis de hierarquia capaz de configurar e caracterizar uns lugares em relação aos outros, com efeito do seu alcance espacial máximo ou mínimo.

A diferenciação entre as localidades centrais traduz-se, em uma região homogênea e desenvolvida economicamente, em uma nítida hierarquia definida simultaneamente pelo conjunto de bens e serviços, oferecidos pelos estabelecimentos do setor terciário e pela atuação espacial dos mesmos. Essa hierarquia caracteriza-se pela existência de níveis estratificados de localidades centrais, onde os centros de um mesmo nível hierárquico oferecem um conjunto semelhante de bens e serviços, e atuam sobre áreas semelhantes, no que diz respeito a dimensão territorial e ao volume de população. Os mecanismos fundamentais que atuam gerando essa hierarquia de centros, são de um lado, o alcance espacial máximo e, de outro, o alcance espacial mínimo. (CORREA, 1988, p. 61)

Christaller delineou que “o alcance espacial máximo e o mínimo variam de acordo com os diferentes bens e serviços”, assim como, “variavam ainda em função do nível de demanda da população, isto é, densidade demográfica, renda e padrão cultural.” (CORREA, 1988, p. 69)

Bessa (2012) explica que essa rede hierárquica é configurada por centros com uma área de menor alcance, subordinados aos centros com uma abrangência elevada e, portanto, com um grau hierárquico superior. Isso significa, conforme a teoria das localidades centrais, que cada lugar dentro do espaço urbano pode ser dotado de centralidade, cada um exercendo uma influência e abrangência diferente dentro do sistema urbano. Essa abordagem amplia o olhar para o espaço urbano e possibilita uma nova interpretação sobre as dinâmicas espaciais.

As análises conduzem para o entendimento que “uma centralidade urbana pode ser um centro de bairro, uma esquina dinâmica, enfim, um ponto focal para onde convergem vários tipos de atividades, como fluxos de pedestres, comércio, transporte, atividades, serviços.” (GELPI e KALIL, 2016, p. 33)

Além desses aspectos, é observado que a temporalidade – relação dia/noite – pode interferir e influenciar na transferência ou definição de novas centralidades urbanas. De acordo com Panerai (2006, p. 145), “o dia não tem o mesmo centro que a noite.” É para essas centralidades que este estudo se direciona, porções urbanas com o potencial de concentração

de pessoas, atividades e serviços, podendo ser especializados ou diversificados, com funcionamento ativo do entardecer até no mínimo às 22 horas, ou seja, as centralidades noturnas.

Nesse sentido, uma centralidade urbana noturna pode ser um local que durante o dia não desempenhe esse papel de centralização, mas pelas atividades características da noite se transforma em uma. Ou podem ser as mesmas que as diurnas, com a extensão das mesmas atividades, como por exemplo, Universidades e hospitais, ou com propósitos diferentes daqueles realizados durante o dia, como uma avenida comercial que à noite dá espaço à instalação de uma feira.

As centralidades noturnas são caracterizadas nesse estudo como áreas de convergências de pessoas e fluxos, portanto facilmente acessíveis, e com concentração de atividades ativas à noite, sejam elas diversificadas ou especializadas.

1.2 CIDADE E USO NOTURNO

Da mudança de hábitos ao uso noturno

O sol se põe e as cidades anoitecem. Novos ruídos, uma agitação diferente, um outro ritmo, há exibição de novos contextos. Há várias cidades em uma mesma noite: a que trabalha, a que se diverte, a que descansa e dorme. Da desconstrução da noite como temida, sombria, coberta de perigos, imoral à naturalização da continuidade das atividades, à socialização e à boemia, há um longo percurso e, no início dele, está a luz.

1.2.1 Iluminação

Como descrito por Alves (2005), a noite esteve sempre no imaginário popular relacionada a todos os perigos, insegurança, criminalidade e desconforto. Na ausência do sol e presença da noite, as pessoas refugiavam-se em casa, sendo os espaços públicos comumente desfrutados na existência de luz artificial produzida pelo fogo, a exemplo das fogueiras, ou quando a luz natural, o luar, o permitia.

Mascaró (2006, p. 19) afirma que, “durante milênios, a simples chama foi a única fonte de luz artificial a seu serviço.” Ainda que, a princípio, de forma precária, o “domínio” sobre a luz significou um grande avanço na história. A escuridão sempre esteve associada à insegurança. Ilustrada nas lendas e imaginário popular; as sombras representavam perigo e alimentavam o receio de explorar e vivenciar a atmosfera noturna.

O advento da luz artificial teve um impacto significativo na forma de o homem explorar o tempo. Antes condicionado a realizar suas tarefas aproveitando somente a iluminação natural, passou a prolongar suas atividades, despertando o ensejo para a vivência urbana, viabilizou-se, assim, a socialização noturna.

A iluminação das áreas públicas, a partir das primeiras formas de controle da luz artificial, permitiu a complementação da leitura noturna e o desenvolvimento de uma série de atividades, ainda que por um longo período a iluminação de caráter público foi limitada a partes centrais das cidades.

Derze (2014) aponta que a origem da iluminação pública está associada à “relação simbólica com espaços privados – palácios, estátuas, igrejas – representativos da autoridade cultural, os quais estiveram iluminados antes da cidade.” (DERZE, 2014, p. 160) Naquelas circunstâncias, a luz era utilizada para destacar o poder, ou seja, não tinha o propósito de favorecer as aglomerações, mas destacar o poderio do governo.

As cidades, por muito tempo, foram condicionadas a ausência ou precariedade dos dispositivos de iluminação pública. A busca por melhorias no sistema de iluminação levou à utilização das lâmpadas de azeite, o uso da vela pela invenção dos romanos, o óleo de baleia. Após a Revolução Industrial, o desenvolvimento do farol de azeite e a revolucionária iluminação a gás, tornou possível levar iluminação pública às principais cidades da Europa. Mas foi a partir da produção da energia elétrica que a iluminação pública ganharia uma fonte “confiável de energia para alimentação das lâmpadas” (SILVA, 2006, p.10).

No Brasil, até a chegada dos portugueses, os índios se orientavam pela luz da lua e do fogo. Após a colonização, as demais alternativas foram trazidas da Europa. A lâmpada de azeite foi bastante empregada no interior das casas e dos engenhos, assim como na iluminação externa (MASCARÓ, 2006, p. 22). Segundo Rosito, “no Brasil, os primórdios da iluminação pública nos remetem ao século XVIII, quando foram instaladas cerca de 100 luminárias a óleo de azeite pelos postes da cidade do Rio de Janeiro, em 1794” (2009, p. 30).

O aparecimento da luz elétrica, no Brasil, se deu tempos depois. Instaladas na estação Dom Pedro II, em 1879 no Rio de Janeiro.

D. Pedro II visitara a Exposição de Filadélfia em 1876 e voltara ao Brasil estimulado com a energia elétrica. Autorizou, então, que Thomas Edison introduzisse suas invenções no Brasil e, em 1879, foi inaugurada a iluminação elétrica da estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II (depois Central do Brasil, no Centro do Rio de Janeiro), constituída por apenas seis lâmpadas Jablockhov acionadas a partir da energia elétrica gerada por dois dínamos. (SILVA, 2006)

O uso da energia elétrica influenciaria não somente novas possibilidades tecnológicas, mas também marcaria o período moderno no modo de vida das pessoas, reafirmados e impulsionados pelo cenário da industrialização.

O controle e a difusão da iluminação artificial foi um fator indispensável à viabilização e ao crescimento do uso da cidade durante a noite. Na proporção em que a luz artificial era implantada, ela proporcionava outros olhares para as cidades e novas interações entre as pessoas e os espaços públicos (Góis, 2011), uma vez que ela interferia na maneira como as pessoas interpretavam os espaços (Miguez, 2005). De fato, esse foi um fator essencial à vida noturna. No entanto, a busca por cidades iluminadas parte da inquietação em dispor de um controle social, bem como uma medida de preservação. “A preocupação com a segurança talvez tenha sido o primeiro incentivo para a criação de meios de iluminação pública.

Apropriar-se da noite tornou-se uma medida indispensável para o comportamento dos habitantes das cidades.” (GÓIS, 2011, p. 17)

Como observado por Derze (2018, p. 172), o advento da luz artificial “alterou o ritmo de trabalho e lazer, e o modo de desfrutar os espaços e o tempo”. Na medida em que há possibilidade de extensão das atividades, a noite ganha lugar de destaque para os momentos de ócio, diversão, assim como para as atividades laborais.

Para Monteiro (2018, p. 27), foi na sociedade industrial que o lazer noturno passou a ser incorporado à vida urbana. Em meio às jornadas diárias de trabalho, era nesse tempo livre de “escape e descompressão” que as pessoas usufruíam da vida notívaga.

Os relatos descritos por Góis (2015) para a cidade do Rio de Janeiro, na época do Império, declaram a existência de uma série de ações desenvolvidas na tentativa de regular as atividades noturnas e, conseqüentemente, as práticas no espaço público. A intenção era inibir comportamentos indesejados, principalmente próximos aos locais onde se agrupavam atividades tidas como nobres.

A ideia inicial parecia ser transformar a noite em dia, como se a civilidade da vida diurna pudesse ser transportada para as fronteiras da noite. Este processo não se daria somente a partir de uma insistente perseguição às práticas transgressoras, mas também, de forma complementar, a partir de mudanças na própria forma da cidade. Desse modo, a modernidade – como modo de ser e como modo de intervir no mundo – seria um dos meios de manifestação dos valores conservadores da sociedade carioca de então. (GÓIS, 2015, p. 48)

Entre tensões e conflitos, visto o impasse entre tempo, espaço e práticas sociais, as apropriações dos espaços abertos à noite resultaram, e resultam até hoje, em diversos embates. Por muito tempo, a ocupação noturna dos espaços públicos foi associada à segurança oportunizada pela iluminação artificial. Como sugerido por Gehl (2013), podemos abordar a segurança no espaço urbano sob dois aspectos, por um lado em relação ao tráfego e por outro, como prevenção à criminalidade.

Quanto ao primeiro ponto, é importante esclarecer que viabilizar a segurança para circulação é uma necessidade básica dos sistemas de iluminação pública. Para as pessoas, é fundamental que sejam garantidos os níveis de visibilidade, sendo perceptível a presença de obstáculos, veículos e até mesmo outros transeuntes. Ou seja, durante a noite é fundamental que a luz sirva como um meio de orientação para os pedestres, permitindo a identificação de diversos elementos urbanos (MASCARÓ, 2006).

De outro modo, quando a iluminação é posta como meio de proteção e contenção da criminalidade, gera grandes discussões e divide opiniões. Carvalho (2016) demonstra em sua pesquisa a posição de alguns autores que questionam a ausência e comprovação de dados para sustentar a afirmação que, de fato, os investimentos na iluminação pública sejam capazes de reduzir os índices de criminalidade. Como exposto pela autora, o que as investigações sugerem são uma “redução do medo dos que trafegam pelas ruas mais bem iluminadas”. Ou seja, prevalece uma percepção ambiental muito mais associada à cultura do medo presente em países vitimizados pela violência urbana do que uma efetiva resposta em termos de combate à criminalidade. (Pepe, 2007, apud Carvalho, 2016, p. 54)

Sabidamente, Jacobs (2007, p. 43) traz uma reflexão sobre a questão da segurança atribuída à iluminação: “As luzes da rua podem ser comparadas àquela famosa pedra que cai num deserto onde não há ouvidos para ouvi-la. Será que faz barulho? Sem olhos atentos para enxergar, a luz ilumina? Para fins práticos, não.” E de fato, a iluminação por si só não protege as pessoas do perigo da violência. Como colocado, nada adianta a presença da luz, sem a presença das pessoas ocupando o espaço e procedendo à sua vigilância informal.

Para Jacobs (2011), a economia pode contribuir para a vitalidade e segurança das ruas, ao promover o fluxo contínuo de pessoas por meio dos usos principais combinados. Ainda mais quando há distribuição das atividades ao longo do tempo alcançando o período noturno, favorecendo a manutenção de gente andando o tempo todo.

Nos dias atuais, as luzes estão instaladas por praticamente toda a cidade, e já não nos surpreendemos com a sua existência, a não ser, nas composições criativas com letreiros e luzes coloridas em RGB destacando monumentos, paisagens, épocas festivas, ou simbolizando à noite vibrante dos centros e locais simbólicos ao contexto da cidade. Quando a iluminação artificial ganha abordagens criativas ela passa a ser um elemento visualmente reconhecível na leitura noturna do espaço urbano, a exemplo da iluminação da fachada do Teatro Goiânia (Figura 2).

Figura 2– Teatro Goiânia à noite



Fonte: Rosário Esteves.

1.2.2 Atividades

Com a concretização de uma sociedade que não para, as atividades atravessam o dia e sucessivamente se naturalizam no ambiente noturno. Na cidade contemporânea a noite já não pode ser rotulada com o único propósito de lazer e diversão, os usos são incorporados entre os sete dias da semana e se expandem entre práticas econômicas, culturais, educacionais, institucionais e recreativas.

Lazer, cultura e entretenimento

É fato que a sociedade de consumo tem, na vida noturna, terreno fértil para o desenvolvimento de atividades econômicas, que, em muitas circunstâncias, funcionam como um atrativo e impulsionam o uso urbano. Com efeito, não se pode ignorar a relevância da economia noturna para o entretenimento e o lazer.

Ao introduzir a economia noturna em seus estudos, Iannicelli (2016) cita conceituações essenciais ao nosso tópico. A princípio, “a economia noturna [...] se refere à gama de atividades de lazer e de experiências associadas a padrões noturnos de socialização e entretenimento, incluindo beber, comer e a prática criativa.” (Hannigan, 1998, apud Iannicelli 2016:21) Enquanto que para Lovatt & O'Connor (1998), “a economia noturna é uma impressionante manifestação da intrincada e dinâmica relação entre as economias sociais,

culturais e materiais das cidades com ênfase no estilo de vida e lazer.” (Lovatt & O'Connor, 1998 apud Iannicelli, 2016, p. 21)

Ao falar sobre as práticas socioeconômicas, Góis (2014) expõe a associação negativa dos centros urbanos quanto à sua utilização à noite, as consequências do medo, criminalidade e seus desdobramentos para a economia e a utilização dos espaços públicos.

Crime e violência parecem ter sido associados, nas décadas de 1960 e 70, a um momento (a noite), a um lugar (o centro) e a um tipo de público (os jovens pobres). [...] O medo de estar na área central durante a noite parece, no entanto, ter alimentado um subsetor da economia urbana, com atividades marginais como bares ilegais, prostituição, alojamentos em *squatters*, e espaços para o consumo de drogas. O uso dos espaços públicos foi reduzido, especialmente com a diminuição da presença de mulheres, crianças e idosos (Melbim, 1978; Talbot, 2006, apud Góis 2014, p. 223)

Assim, compreendemos que os investimentos para a realização de atividades de lazer no centro das cidades, com estímulo à economia notívaga, simbolizam estratégias contra a crise que afastava as pessoas de ocuparem os centros urbanos no período noturno, com ações por parte do poder público e, até mesmo, iniciativa privada (Góis, 2014). Sobre esse tipo de intervenção, Góis (2014) apresenta os projetos implementados na cidade do Rio de Janeiro que beneficiaram o uso durante o período noturno: os programas Rio Cidade, Corredor Cultural Carioca e o Projeto Rio Orla. As estratégias implementadas voltaram-se para áreas centrais dos bairros, intervenções no espaço físico da Lapa e os calçadões das praias. Cada local recebeu um tratamento estratégico, ora incentivando o desenvolvimento de atividades de comércio e lazer, ora com reestruturações físicas abrangendo o transporte, acessibilidade, iluminação pública, ou usos controlados com o fechamento de ruas em horários de maior fluxo de pedestres, alcançando com essas reestruturações urbanas, em muitas circunstâncias, a valorização dos espaços públicos.

Monteiro (2018) corrobora ao considerar o uso noturno como uma oportunidade de monetização, visto que a utilização da cidade à noite e o incentivo às atividades econômicas podem acompanhar o processo dinâmico de transformação das cidades. Assim, podem estimular e servir de estratégia para a revitalização dos centros urbanos.

De modo contínuo, a economia noturna desponta em um cenário “pós-industrial” e agrega na sua produção atividades que misturam inovação, cultura e conhecimento, ao que os pensadores expõem no Manifesto da Noite² como economia criativa. Para o Colaboratório

² Em 2014, na cidade de São Paulo, foi realizado o Seminário da Noite Paulistana por iniciativa do grupo interdisciplinar Colaboratório e da Secretaria Municipal de Cultura e, a partir dele, foi produzido

(2014), a noite pode ser vista como uma “nova fronteira”, com grande potencial para abrigar atividades de caráter cultural e de lazer. Além disso, essa articulação entre cultura e lazer pode levar a novas formas de se apropriar do espaço público, como relatado na ocupação do túnel sob a Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo:

Um dos casos mais famosos é o do túnel que passa embaixo da Praça Roosevelt, centro de São Paulo, passagem para o viaduto do Minhocão. Fechado todas as noites para o trânsito de automóveis, o espaço começou a ser usado por coletivos artísticos e musicais para promover festas, e foi batizado de “Buraco da Minhoca”. A iniciativa gerou impasses com a vizinhança e a polícia. [...] Muitas atividades ainda são realizadas ali, tornando o “Buraco da Minhoca” uma cena noturna que tem ganhado cada vez mais visibilidade pública pela produção artística e cultural. (COLABORATÓRIO, 2014, p. 95 e 97)

Para além dos ambientes fechados, a vida noturna aflora nas áreas livres no espaço intraurbano. Os parques públicos constituídos em meio ao tecido das cidades podem configurar como um local com grande potencial de permanência noturna. Apesar de serem um ambiente com uma associação predominante para o uso diurno, essas áreas podem contribuir para a manutenção de práticas de lazer, esportivas e até culturais no cotidiano noturno da população, podendo ser espaços híbridos. Um estudo realizado em 2018 no Parque do Povo, em Presidente Prudente, São Paulo, revelou que “o período da noite foi o mais frequentado (53%), seguido do período da tarde (23%), manhã (16%) e meio do dia (8%).” (XAVIER; ARANA, 2018, p. 89)

O que esperamos dos espaços públicos nas cidades é que eles sejam utilizados em um período integral – noite e dia. Na prática, há uma série de espaços subutilizados nas cidades com grande potencial para o uso, inclusive à noite. Embora os conflitos possam acontecer, todo esse potencial gerado pela diversidade de usos ativa a noite urbana, sendo essencial à constituição da vida pública.

Outras atividades

Por outra perspectiva, Colchete Filho et al. (2013) expõem, no estudo feito para Juiz de Fora, Minas Gerais, a dinâmica que levou ao surgimento de diversas atividades em bairros da cidade, distantes da área central, oportunizando os chamados “subcentros”. Como relatado

um material chamado o Manifesto da Noite, no qual se colocou em pauta a importância da noite para as cidades a partir da temporalidade e a diversidade, entre outros temas.

pelos autores, além de empreendimentos do ramo alimentício ou de lazer, é possível encontrar supermercados e hospitais abertos 24 horas.

O Alto dos Passos conta ainda com um posto de gasolina [...] e com um supermercado, ambos de funcionamento 24 horas [...] O supermercado conta também com um conjunto de lojas, dentre as quais uma drogaria, cujo horário de funcionamento é de 24 horas também. As instalações desses tipos de comércio se relacionam com as modalidades de serviço noturno que se localizam nas imediações: a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, o maior hospital da Zona da Mata; o Hospital de Pronto Socorro Dr. Mozart Teixeira; a Casa de Saúde HTO e estações de rádio. (COLCHETE FILHO ET AL, 2013, p. 8)

Com essa colocação, nota-se que o uso das cidades à noite também está vinculado a outras práticas, ao exemplo citado dos estabelecimentos de saúde, que têm o seu funcionamento contínuo e ocasionam a concentração de pessoas tanto para trabalhar, nas jornadas de plantões, quanto para a utilização dos serviços. Posto isso, é preciso estar atento ao processo natural que desperta da centralização de algumas atividades ou serviços no horário noturno, visto que eles demandam reestruturações e impactos na infraestrutura, bem como nas atividades secundárias que eventualmente possam surgir a partir delas.

Colchete Filho (2013) aponta que os estabelecimentos comerciais noturnos imprimem uma característica “emergencial”, observando a relação da procura e oferta, e demonstram o estilo de vida contemporâneo com a sobreposição de atividades e novas demandas para o gerenciamento do tempo, incentivando que algumas atividades cotidianas sejam programadas à noite. Assim, farmácias, supermercados, academias, borracharias, postos de combustíveis e lojas de conveniência costumam permanecer abertos após o horário comercial. De maneira análoga, algumas atividades e serviços indispensáveis ao período noturno contribuem para a manutenção de um mercado consumidor à noite, observando o fluxo de pessoas geradas por usuários e trabalhadores de “hospitais, hotéis, gráficas, estações de comunicação, empresas internacionalmente conectadas com fusos horários diversos, trabalhadores de bares, restaurantes, teatros etc.” (VARGAS, 2006, apud COLCHETE FILHO et al. 2013, p. 3)

Semelhante a esse processo, é crescente o aumento do fluxo de pessoas que utilizam os horários à noite para o desenvolvimento de atividades educacionais. Essa é uma situação comum ao “aluno trabalhador”. Conforme o Censo da Educação Superior apresentado em 2018 pelo INEP, em um total de 990.415 dos estudantes concluintes em cursos de graduação presencial, distribuídos entre as Instituições de Ensino brasileira, 36,84% estavam

matriculados no turno diurno, enquanto 63,16% universitários concentravam-se no período noturno.

Além disso, vários outros estabelecimentos funcionam durante a noite. Como explicado por Fischer (2016), em entrevista³ à Coordenação de Educação (CEd) da Fundacentro, aeroportos, indústrias químicas, siderúrgicas e outras tipologias já citadas, subsidiam a cidade 24 horas e geram uma grande necessidade de pessoas para trabalhar nesse turno.

Desdobramentos e conflitos

Nas cidades contemporâneas, as atividades respondem a demandas específicas em que os serviços são ampliados, acarretam modificações e ressignificam a interação com o espaço físico. Algumas transformações são efetuadas com pequenas intervenções no mobiliário, ao exemplo do caso demonstrado em Ituiutaba, Minas Gerais, no qual Ferreira (2016) relata a rotina de um restaurante localizado em uma das ruas da cidade que costuma ocupar o canteiro central com mesas e cadeiras como uma estratégia para aumentar o espaço físico. Para o autor, práticas como essas são comuns, já que se repetem em praças e calçadas em vários locais da cidade à noite.

No entanto, se por um lado, extensões para o espaço público de atividades comerciais, de entretenimento, cultura e lazer trazem mais presença nas ruas e calçadas, e, conseqüentemente, favorecem a vigilância informal e a sensação de segurança, por outro pode provocar conflitos com outros usos, a depender das características do bairro onde ocorrem. Isso é especialmente importante quando está em foco a preponderância do uso residencial ou educacional na vizinhança. O ruído, por exemplo, pode ser um grande incômodo aos núcleos residenciais localizados próximos a áreas de bares e boates com uma agitada vida noturna. Se não há o estabelecimento de regras, consenso ou tolerância, os confrontos entre moradores e boêmios podem repercutir na fuga dos moradores para outras áreas ou até mesmo expulsar os estabelecimentos de uso noturno para locais mais afastados do tecido urbano (GWIAZDZINSKI, 2005).

1.2.3 Mobilidade

A mobilidade, um tema tão recorrente nas discussões da sociedade e uma das grandes preocupações do planejamento urbano, aparece de maneira tímida quando ampliada para o

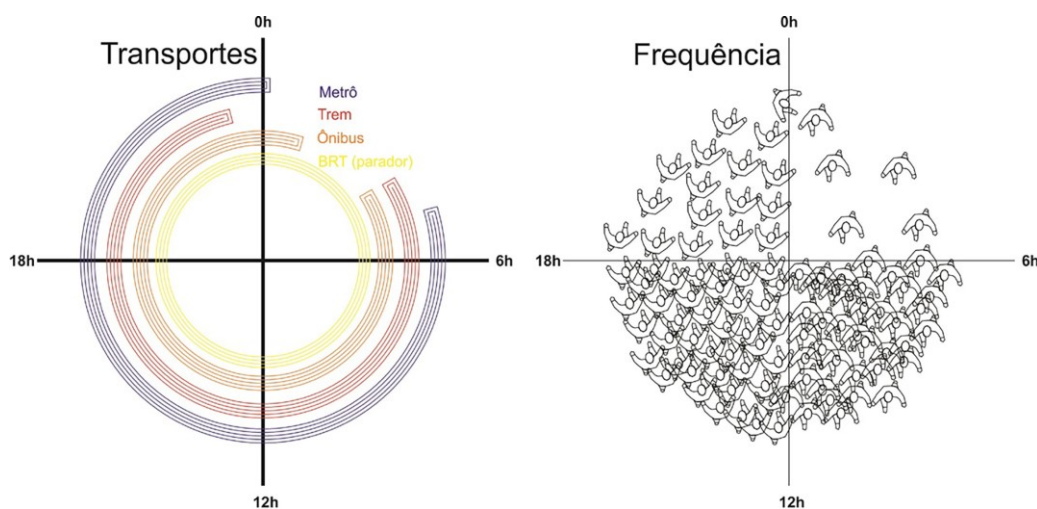
³ Entrevista Frida Fischer, presidente da Working Time Society. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/noticias/detalhe-da-noticia/2016/10/aproximadamente-20-milhoes-de-pessoas-trabalham-no-periodo-noturno>. Acesso em 20/01/2020.

período noturno. Essa questão surge neste estudo como uma das urgências de debate para a viabilização da cidade contemporânea em sua plenitude.

Com a expansão das atividades e o estabelecimento de uma vida noturna, as cidades permanecem em movimento, e o modo como circulamos, as possibilidades de deslocamento, impactam na apropriação da cidade à noite, conseqüentemente, o acesso e o uso dos espaços públicos. A discussão remete às fragilidades do transporte público e às extensões de deslocamentos, que, amparadas pelos estudos de Góis (2018) na cidade do Rio de Janeiro, apontam questões substanciais à nossa investigação.

Como apresentado pelo autor, o problema da mobilidade noturna está na redução do transporte público após o horário de pico, em torno das 20 horas. Em algumas situações é comum utilizar esse período para manutenções, ocasionando a diminuição dos serviços ou a sua interrupção (como exemplificado na Figura 03). Para ele, “esta oferta também se encontra desproporcionalmente distribuída em toda a cidade, resultando em diferentes estratégias espaciais associadas aos lugares de lazer, trabalho e moradia.” (Góis, 2018, p. 267)

Figura 3 - Cronotopias (relógios gráficos) para a frequência de usuários e de transportes.



Fonte: Góis, 2013, p. 267.

O Manifesto da Noite (2014) toca em um ponto essencial ao falar sobre o sistema de transporte em São Paulo: na madrugada, o transporte costuma ser restrito a veículos particulares, como carros e táxis. Despesas com estacionamentos ou tarifas de táxis devem ser consideradas, sendo essa uma alternativa que reflete em altos custos, nem sempre acessíveis a um grande número de pessoas: “Quanto mais o cidadão tem que gastar para se deslocar, menos ele gasta com cultura e lazer. Na maioria das vezes, esses custos se apresentam como fator limitador, e até anulador, do acesso à cidade à noite” (Colaboratório,

2014, p. 191 e 193). De fato, o problema da mobilidade implica diretamente no direito das pessoas de participarem da vida pública noturna.

Situações como essa são comuns nas cidades brasileiras. Dias (2017), ao falar sobre a cidade de Salvador, descreve a realidade das famílias de regiões fragilizadas na capital baiana que, condicionadas ao transporte público, contam com a colaboração da vizinhança para lidar com a ausência dos serviços em diversas situações. O autor relata um episódio em que, na ocorrência de um evento artístico sediado no centro da cidade, os moradores chegaram a se organizar em “caravanas” noturnas para viabilizar seu deslocamento.

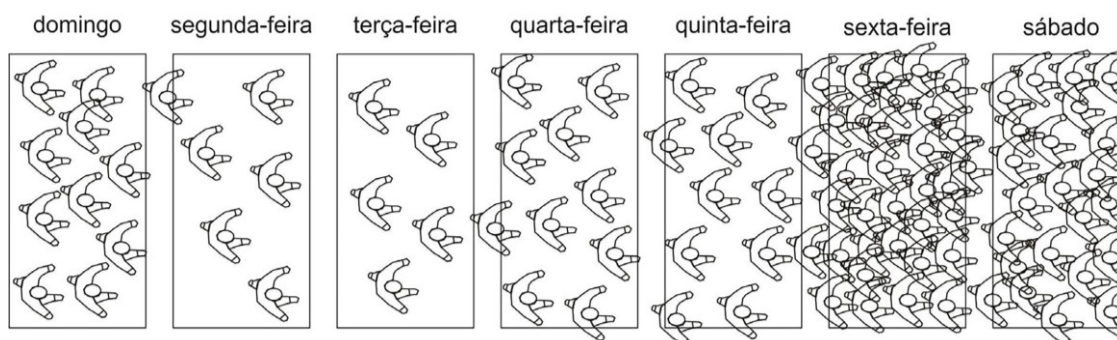
Até aqui fica claro que a mobilidade noturna impacta em uma série de pontos em uma cidade. Como enfatizado, “Uma das questões que mais evidencia a discrepância entre o acesso à cidade de dia e de noite é a **MOBILIDADE URBANA**. A infraestrutura para a circulação de pessoas durante o dia, mesmo que seja insuficiente e apresente superlotação, é substancialmente maior que durante a noite.” (Colaboratório, 2014, p. 191, grifo no original)

É importante salientar, ainda que seja uma constatação lógica, que não bastaria apenas os serviços de transportes para o uso noturno, da forma como estão estruturados para o uso diurno, uma vez que a noite tem suas próprias dinâmicas e necessidades.

A noite possui os seus próprios circuitos ou, de outra maneira, que com o avanço da noite novos circuitos são formados a partir de novos interesses sociais. [...] A entrada da noite parece contribuir para mudanças na organização interna dos fluxos e das concentrações no tecido urbano, estabelecendo novas centralidades, novos ritmos e novas estratégias de circulação. (GÓIS, 2018, p. 269)

Em seus estudos, Góis (2018) concentra a investigação nos deslocamentos relacionados às atividades de lazer, e expõe três fatores fundamentais para as análises: primeiramente, a densidade; em um segundo momento, a frequência; e, por último, as centralidades ocasionadas pelas atrações noturnas. A partir desses pontos, o autor demonstra graficamente que há uma maior circulação de pessoas nos finais de semana em alguns locais na cidade do Rio de Janeiro (Figura 4).

Figura 4 - Frequência de pessoas nos espaços públicos à noite ao longo da semana.



Fonte: Góis, 2018, p. 270.

Se, na maior parte dos estudos da noite, o tema da mobilidade urbana surge como um elemento secundário, menos frequente ainda é a relação com a configuração urbana. Em geral, o foco maior é nos sistemas de transporte. Furquim (2016), ao falar sobre a boemia em Brasília, narra um dos pontos de encontro noturnos da cidade com relevante destaque no contexto urbano. Trata-se do Bar Beirute que, como descreve o autor, “resiste” diante da sua localização no comércio local da quadra 109 da Asa Sul no Plano Piloto, visto que a área foi previamente planejada por Lucio Costa para abrigar as atividades comerciais de vizinhança, claramente diurnas.

Mesmo não sendo o foco de interesse, o autor nos presenteia com uma narração importante, e nos apresenta um ponto fundamental, o desenho urbano e sua influência no modo como as pessoas se deslocam nesse trecho da cidade.

Chegar ao Beirute é outra questão interessante. Primeiramente, os encontros, em geral, são programados e muitas pessoas marcam de se encontrar ali ou em algum lugar próximo para chegarem juntas ao bar. Seguindo a lógica rodoviarista da cidade, o carro é usado pela maioria dos seus frequentadores. Em partes, isso é facilitado pela própria disponibilidade de estacionamento no local à noite, uma vez que as várias lojas de material elétrico encontram-se fechadas neste período. Por outro lado, muitos dos percursos potenciais para que pedestres cheguem ao local são descontínuos, possuidores de obstáculos e inseguros. Um exemplo disso aparece no Eixo Rodoviário [...], localizado próximo ao bar e que se configura como uma enorme barreira aos pedestres, transponível basicamente por passagens subterrâneas (muito evitadas à noite devido à sua insegurança) ou pelas passagens criadas pelo metrô. (Furquim, 2016, p. 9)

Fica evidente que a configuração urbana, por impactar diretamente no modo como as pessoas se deslocam nos centros urbanos, deve ser um aspecto a se observar para a viabilização do acesso e circulação dos transeuntes nas cidades, visto que o desenho urbano pode favorecer,

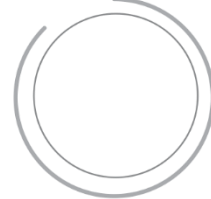
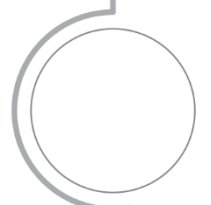
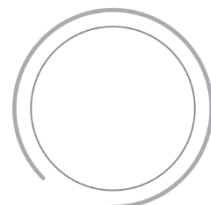
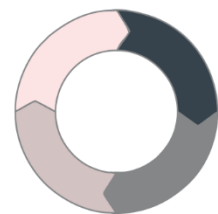
inibir ou elitizar a circulação de pedestres em alguns pontos da cidade, sendo este um tema a ser incorporado nas discussões de mobilidade noturna.

1.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foi abordado o suporte teórico, fundamental ao estudo. Na primeira parte, buscou-se apresentar os conceitos de centro e centralidade. Em seguida, o tema sobre a noite urbana foi explorado, evidenciando questões importantes desde a evolução da iluminação artificial até a naturalização e extensão das atividades ao espaço-tempo noturno.

A definição de centro é abordada por diferentes perspectivas pelos autores: histórica, simbólica e de acessibilidade, por exemplo. Neste trabalho, admite-se que o centro e os centros locais são uma expressão de centralidade e, assim em qualquer ponto da cidade, pode-se estabelecer uma centralidade com hierarquias diferentes no sistema urbano.

Além disso, estima-se que a temporalidade, relação dia-noite, pode interferir na formação das centralidades, justificando a busca para a identificação das centralidades noturnas em Goiânia. O próximo capítulo apresentará o objeto de estudo, a cidade de Goiânia.



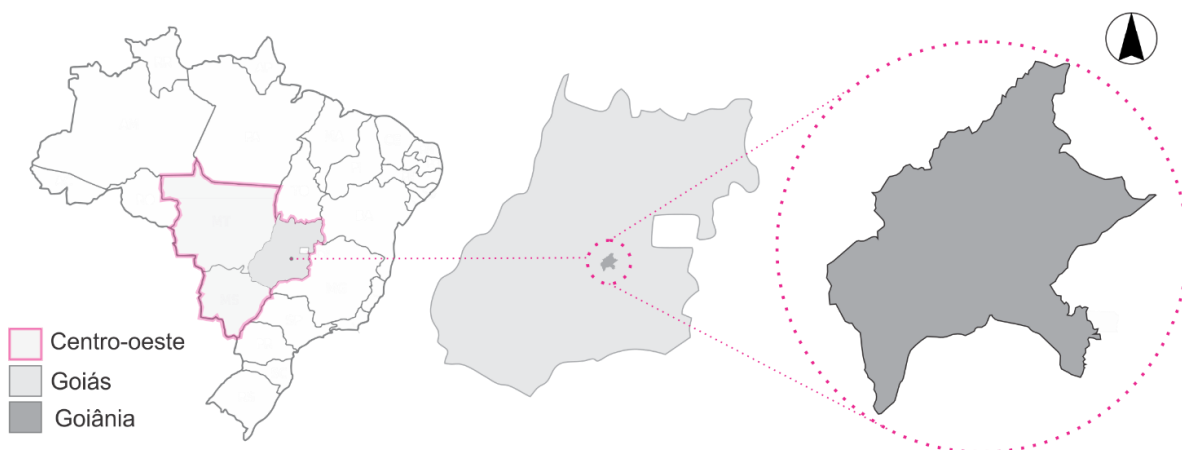
Fonte: André Chiote

Capítulo 2

2.1 O RECORTE ESPACIAL – GOIÂNIA

A capital goiana está situada na Região Centro-Oeste (Figura 5), com população estimada em 2019, a partir do cálculo de projeção feita pelo IBGE, de um milhão e quinhentos e dezesseis mil e cento e treze pessoas (1.516.113) e uma densidade demográfica de aproximadamente 2 mil e 80 habitantes por quilômetro quadrado. Tendo assim a maior aglomeração urbana do estado e a segunda maior da região Centro-Oeste, atrás apenas de Brasília-DF – com uma população em torno de 3 milhões e 15 mil habitantes. O seu lugar no desenvolvimento econômico é compatível com a sua posição de capital do estado, ao concentrar atividades de comércio, serviços e industriais.

Figura 5 - Localização de Goiânia, em relação ao Brasil e ao Estado de Goiás.

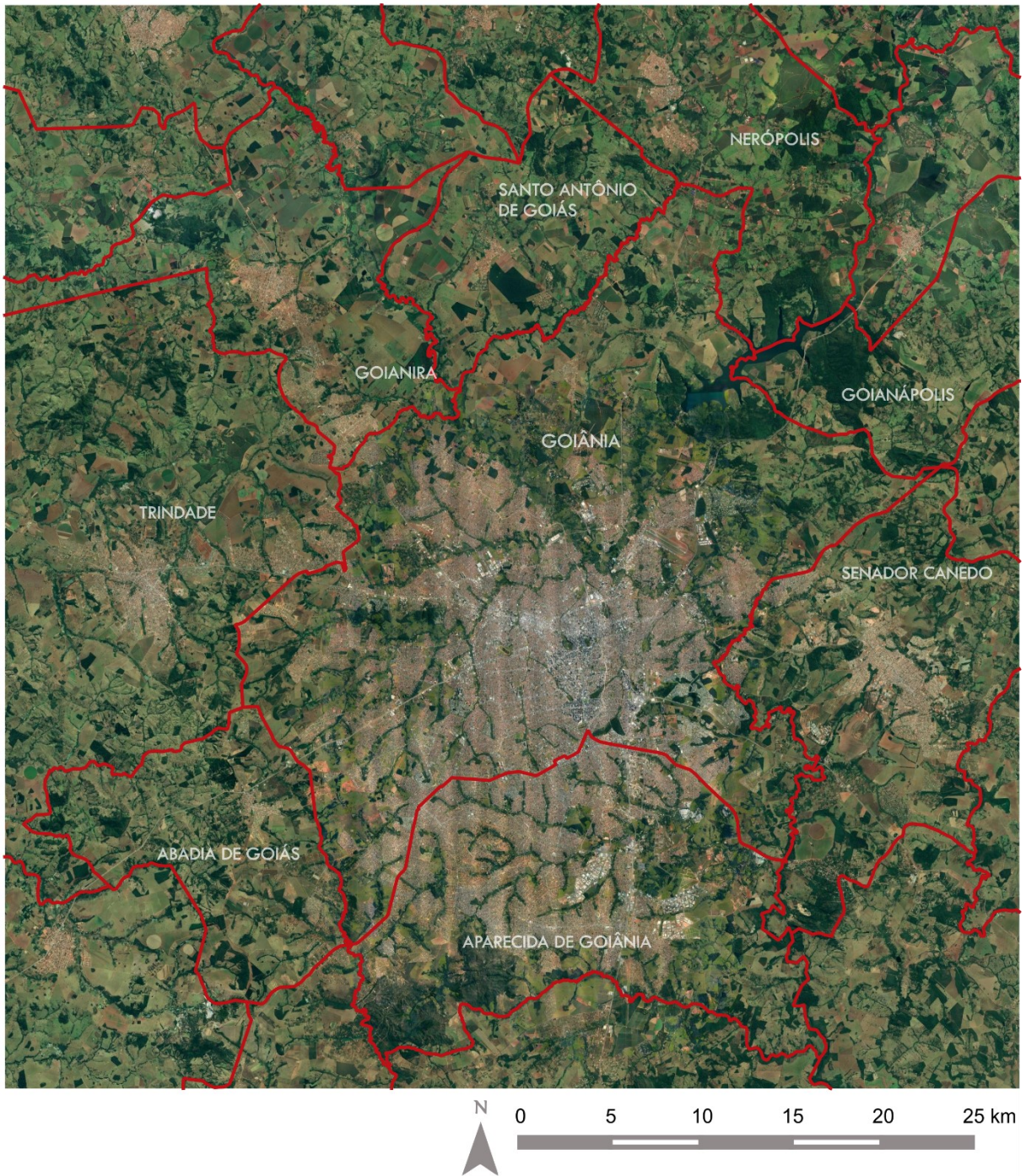


Fonte: Autora a partir dos dados do IBGE

Goiânia apresenta áreas com intensos processos de conurbação com o município de Aparecida de Goiânia, ao sul da cidade. De acordo com o relatório IPEA em 2015, a proximidade estabelecida entre as cidades faz com que várias atividades – comerciais, lazer, emprego, educação – fortaleçam a dependência ou vínculo de Aparecida de Goiânia em relação à capital.

Algumas cidades próximas apresentam situações semelhantes a Aparecida de Goiânia e constituem a Região Metropolitana de Goiânia (RMG). “No eixo Leste-Oeste, envolvendo os municípios de Trindade e Goianira, a oeste e noroeste, e Senador Canedo, a leste” (IPEA, 2015, p. 25) (Ver Figura 6).

Figura 6 - Goiânia e região metropolitana.



Fonte: Autora

2.2 UMA NOVA CAPITAL PARA GOIÁS

Desde o século XVIII, havia questionamentos de mudança da capital do estado de Goiás, Cidade de Goiás, para um novo local. Em 1930, o estado de Goiás ainda estava isolado dos grandes centros urbanos do país, possuía uma economia pouco competitiva e fortes oligarquias locais, além de necessidade de melhores transportes. A capital, de mesmo nome do estado, possuía grandes dificuldades que atrapalhavam seu crescimento, com terreno baixo, relevo irregular e distância dos fundamentais eixos de circulação do estado.

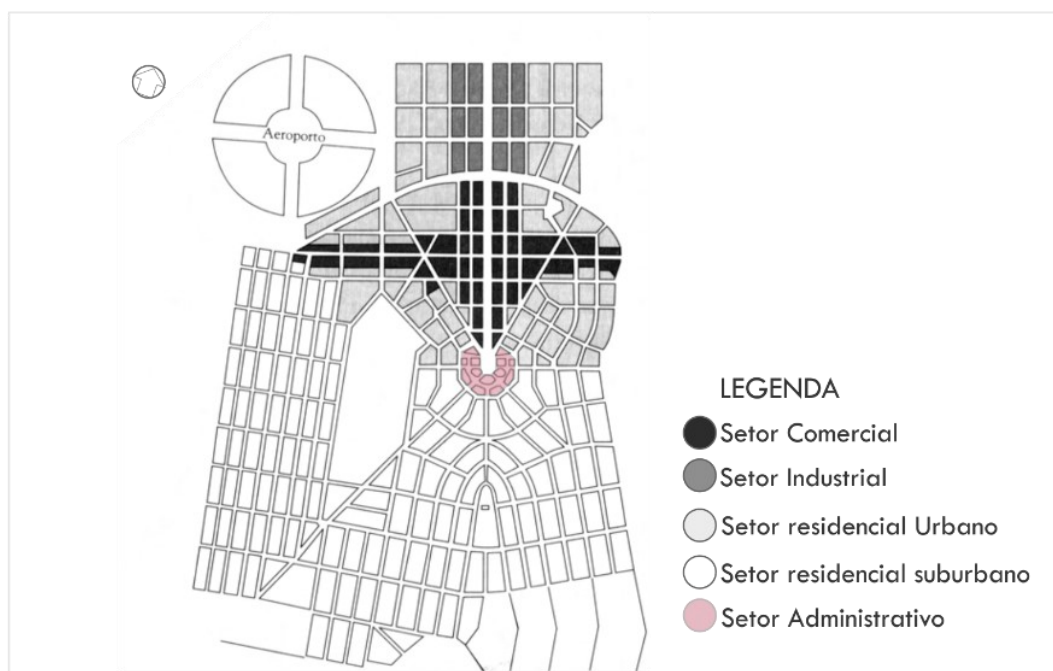
Segundo Polonial (2013), na ascensão de Pedro Ludovico Teixeira, que possuía uma liderança “a partir de sua formação intelectual e urbana”, os rumos do estado começaram a se modificar. Somado a isso, Getúlio Vargas, Presidente da República, estava interessado em ocupar o interior do país a fim de expandir o capitalismo e povoar. Esse processo foi impulsionado pela Marcha para o Oeste, política desenvolvida pelo Governo Federal para acelerar o desenvolvimento e incentivar a ocupação do Centro-Oeste brasileiro. Desse modo, as ideias de mudanças de Pedro Ludovico se uniram às do Chefe de Estado Brasileiro.

A transferência da capital do Estado de Goiás partiu da ideia de melhor localizá-la, para que interesses econômicos, políticos e centralização geográfica convergissem. Após eleita uma comissão em 1933, uma fazenda localizada nas proximidades do povoado de Campinas foi escolhida para a construção da nova capital. É relevante mencionar que Campinas⁴ era uma pequena cidade quando Goiânia começa a ser construída em 1933, e passa a ser um bairro a partir da implantação da capital.

Atílio Corrêa Lima foi, então, convidado por Pedro Ludovico para desenvolver o projeto urbanístico para a futura capital do estado. O traçado de Goiânia, apresentado pelo arquiteto, é fundamentado em três aspectos: configuração do terreno, sistema viário e zoneamento. Esse último partia do discurso difundido pelo urbanismo moderno, para o qual Atílio propôs cinco zonas: administrativa; comercial; industrial; residencial urbana e suburbana; e rural (Diniz, 2007, p.129). O plano piloto correspondia a uma cidade com um traçado funcionalista, nos moldes modernistas em meio ao cerrado (Figura 7).

4 Campinas deixou de existir como município pelo Decreto nº 327, de 2 de agosto de 1935, e passou a ser bairro da nova capital do Estado no mandato do prefeito nomeado Venerando de Freitas Borges, gestor de 1935 a 1945, pela Lei n.º 1, de 4 de janeiro de 1936, aprovada pela Câmara Municipal de Goiânia. Assim, Goiânia nasceu amparada pelo bairro de Campinas, que lhe fornecia desde mão de obra nas mais diversas especialidades da construção civil até a matéria-prima para a construção de Goiânia. (Gomes, 2010, apud Rocha, 2013, p. 53)

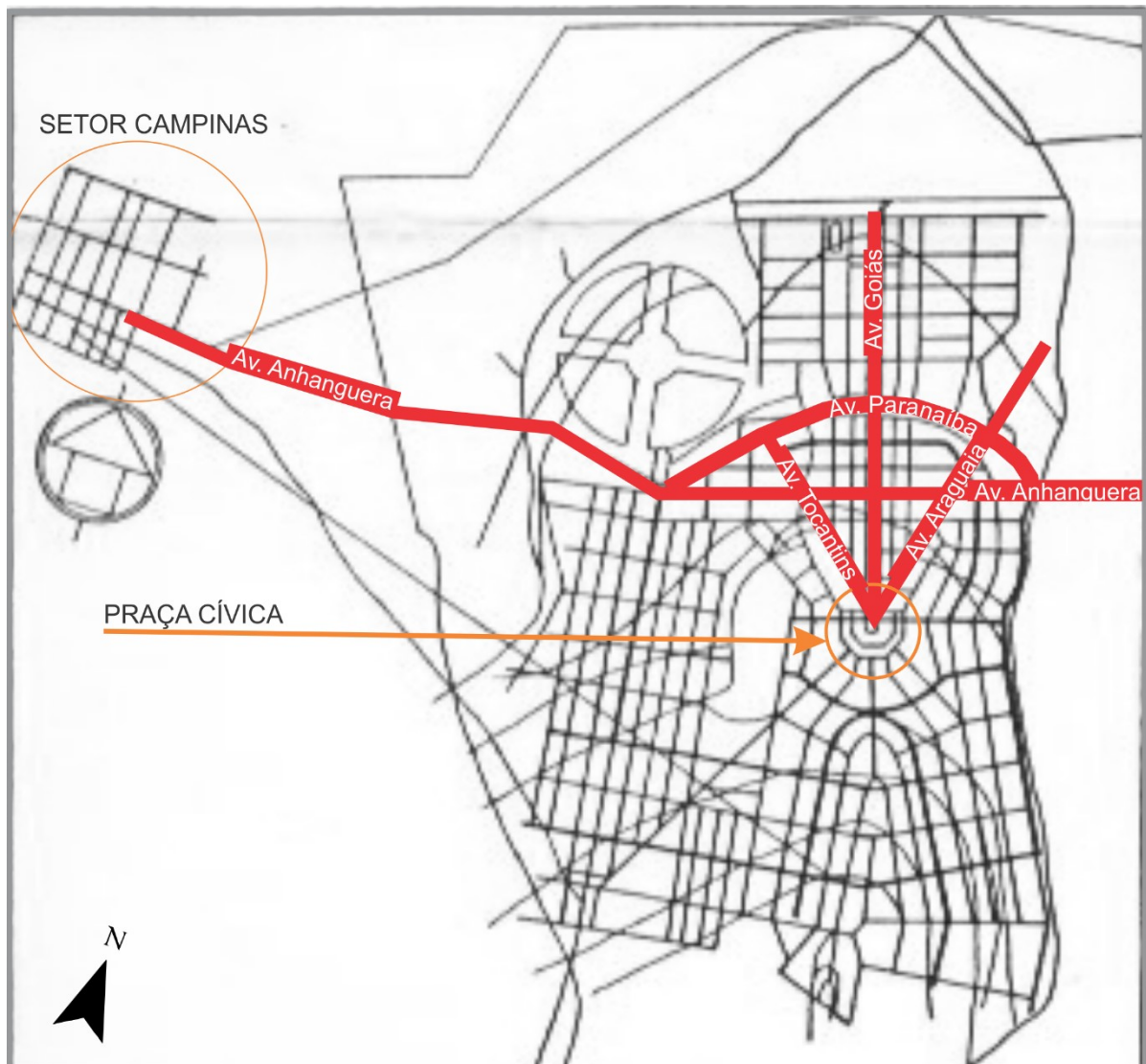
Figura 7 - Cidade de Goiânia: zoneamento de usos 1934.



Fonte: Ackel, 2007, p. 145 adaptado pela autora.

Conforme foi pensado por Atílio, do Centro Cívico convergem as avenidas Araguaia e Tocantins. A primeira segue na direção nordeste e culmina em um parque; a segunda, na direção noroeste, prolonga-se até a área destinada ao aeroporto. Já a Avenida Goiás, localizada entre essas outras duas avenidas, é o eixo norte-sul que conecta o Centro Cívico à Estação ferroviária. A Av. Anhanguera, perpendicular à Av. Goiás, estabelece a conexão no sentido leste-oeste e é delineada para conectar a esplanada capital, Goiânia, a então cidade de Campinas (Figura 8) (Ackel, 2007).

Figura 8 - Croquis de concepção do Plano de Urbanização de Atílio



Fonte: SEPLAN, com intervenções da autora.

Godinho (2007) relata que, partindo da praça Cívica na direção norte, foi proposto o Centro Comercial. Descrita por Atílio em seu Relatório Técnico, essa região concentraria as “lojas, bancos, escritórios, teatros e, excepcionalmente, um pequeno número de casas e hotéis”. Atílio previu as calçadas mais largas ao imaginar uma intensa circulação de pessoas. Para a Av. Goiás, o arquiteto idealizou exclusivamente lojas de luxo, joalherias, cafés e restaurantes, bem como o público que ali frequentaria “e será, futuramente, o local onde a elite fará o *footing à tarde e à noite*.” (LIMA, 1935 apud GODINHO 2013, p. 105, grifo nosso)

O projeto urbanístico recebe contribuições do engenheiro urbanista Armando Augusto de Godoy, quando Atílio Corrêa Lima deixa o cargo em 1935. Sua maior colaboração como

consultor técnico ao Plano, foi o Setor Sul e a Praça do Cruzeiro, com traçado inspirado no movimento das Cidades Jardim⁵, de Ebenezer Howard.

Várias intervenções foram feitas gradativamente pelos irmãos Coimbra Bueno ao plano original entregue por Atílio após o seu término de contrato com o Estado. A planta de urbanização do Setor Central, com registro de 1938 (Figura 9), apresenta algumas alterações, entre elas a indicação de uma zona de diversões (em verde, nº 12).

Figura 9 - Núcleo Pioneiro de Goiânia- Plano de Urbanização- Planta Setor Central (1938)



Fonte: Álvares, Geraldo Teixeira. A luta na Epopeia de Goiânia, 1942.

Alarcón (2005, p. 59) destaca que “Campinas forneceu a logística, principalmente quanto ao abastecimento de comércio e serviços. Portanto, foi o primeiro núcleo de centralidade funcional”. Essa dependência de Goiânia em relação a Campinas se estendeu por alguns anos até a consolidação do Setor Central como principal ponto ao estabelecimento do setor terciário.

5 Cidade autônoma imaginada pelo urbanista e teórico inglês Ebenezer Howard (1850-1928), em 1898, com traçado e características socioeconômicas claramente definidas: a) terrenos pertencentes à comunidade, para que se evitem o uso abusivo do solo e a especulação imobiliária; b) tamanho limitado, bem como sua população: 32 mil habitantes no projeto original, sendo a cidade delimitada por um cinturão ou anel agrícola; c) traçado de tipo radioconcêntrico, com uma praça circular central e anéis concêntricos, alternadamente ocupados por residências e jardins. (GELPI; KALIL, 2016, p.37)

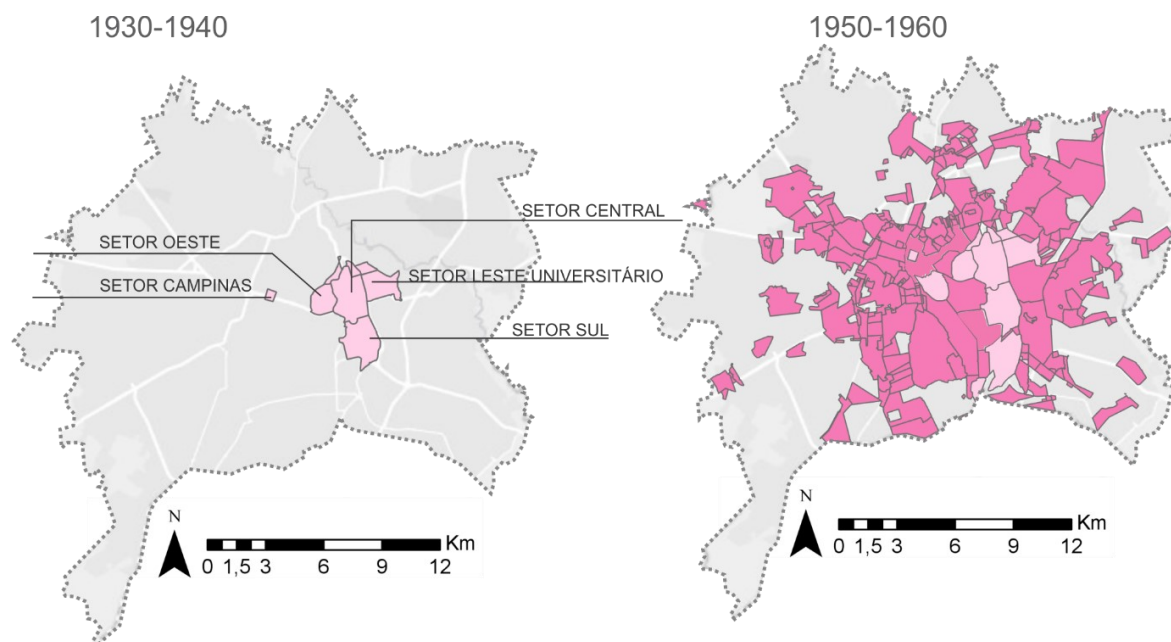
2.3 EXPANSÃO URBANA DE GOIÂNIA

No Plano Urbanístico proposto por Atílio, a capital do estado foi planejada para abrigar uma população de 50 mil habitantes. No entanto, os primeiros 15 anos foram suficientes para extrapolar essa estimativa. Oliveira (2005) afirma que, até 1950, o Estado monitorou o crescimento da formação do espaço urbano de Goiânia em duas expansões delimitadas: ao sul, em direção às terras do Estado, e ao oeste; de forma que foram respeitados os planos iniciais até àquele momento.

Conforme explica Alarcón (2004), entre as décadas de 1940 e 1950, com a instalação dos edifícios na Praça Cívica, a Avenida Anhanguera se estabelece como uma centralidade funcional, agrupando atividades de comércio, serviços e lazer, competindo com o setor de Campinas.

Na década de 1950, cerca de 130 loteamentos são aprovados e implantados na cidade, a partir da vigência de um decreto federal que incentivou a construção dos loteamentos sem recair para a iniciativa privada os custos com o fornecimento da infraestrutura. Esse fator se reflete sobre a expansão do tecido urbano, com um crescimento significativo nas direções leste e oeste, como pode ser observado na Figura 10.

Figura 10-Expansão urbana em Goiânia décadas de 1930-1940 e 1950-1960.



Fonte Autora

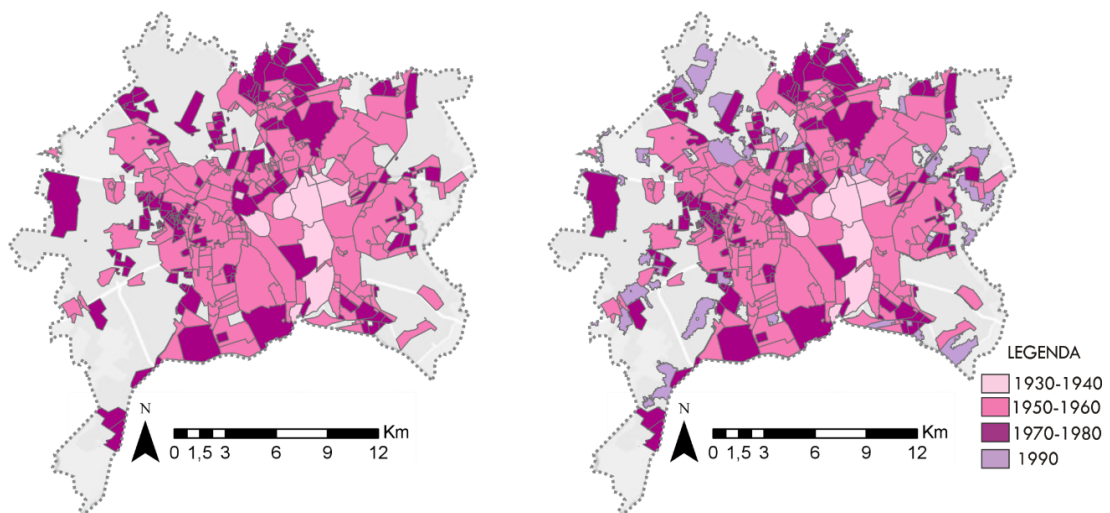
A ocupação de Goiânia segue a lógica de muitas cidades brasileiras, com condições favoráveis à ocupação dos bairros centrais pela população com maior poder aquisitivo, enquanto a população menos favorecida costuma deslocar-se para os limites do perímetro urbano, ou adquirir um pedaço de terra nos loteamentos ilegais. Essa disputa da produção do

espaço urbano marca uma relação de poder na ocupação de áreas centrais. Para Villaça, “Dominar o centro e o acesso a ele representa não só uma vantagem material concreta, mas também o domínio de toda uma simbologia. [...] são pontos estratégicos para o exercício da dominação” (2012, p. 244).

Outros fatores contribuíram para essa aceleração do crescimento da área urbana: “A construção de Brasília (1956-1960), [...], a fundação da Hidroelétrica de Cachoeira Dourada (1959); a Universidade Católica de Goiás (1958) e a criação da Universidade Federal de Goiás (1960).” (Alarcón, 2004, p.64)

Na década de 1960 é registrada a construção de 32 bairros. Nesse período, o Banco Nacional da Habitação (BNH) financiou a implantação de muitos conjuntos habitacionais em diversas regiões, como o Parque Atheneu (Região Leste), Conjunto Vera Cruz (Região Oeste), Bairro Feliz (Região Central), Jardim Atlântico (Região Sudoeste) e outros. Já na década de 70 são registrados 25 novos bairros, de acordo com os dados divulgados do SEPLAN⁶. O Setor Central se consolida como lugar de convergência na década de 1960 a 1970, conforme relata Alarcón (2004), assumindo, desse modo, o seu posto de núcleo central, antes ocupado pelo Setor Campinas. Há uma concentração de comércios, serviços e instituições.

Figura 11 - Expansão urbana em Goiânia décadas de 1970-1980 e 1990



Fonte: Autora

Nessa mesma época, a cidade inicia um processo de verticalização no Setor Central e no Setor Oeste. A capital também se expande na direção sudeste, e importantes equipamentos públicos são construídos, como o Estádio Serra Dourada e o Autódromo. Há um aumento na

⁶ SEPLAN – Secretária Municipal de Desenvolvimento Sustentável de Goiânia. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario2012/_html/sumario.html. Acesso em 11 de novembro de 2020.

densidade dessa área (sudeste), o que favoreceu, nos anos seguintes, a implantação de grandes centros comerciais, como o Shopping Flamboyant, e alguns hipermercados.

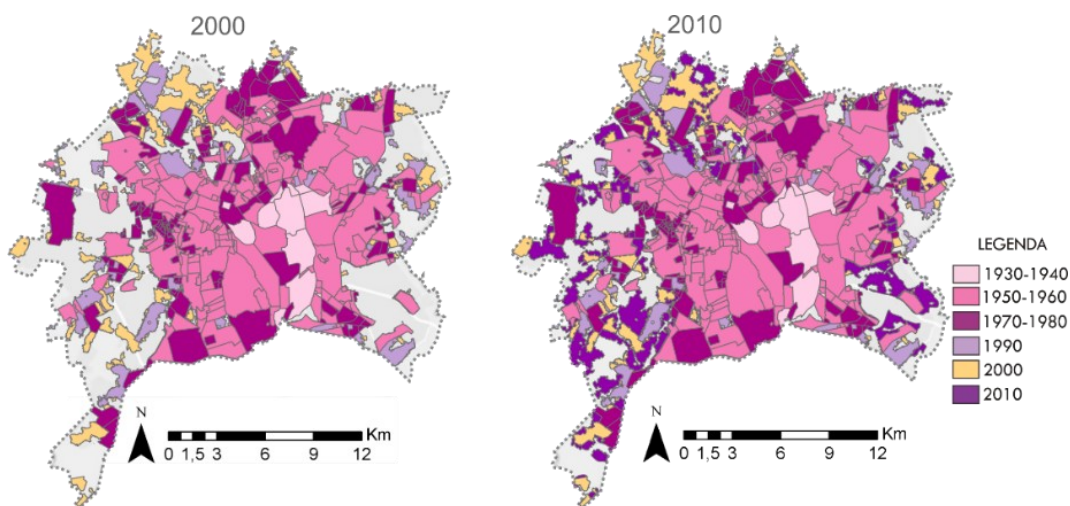
Enquanto isso, a população com menor poder aquisitivo, conforme aponta Silva (2015), começa a ocupar a região noroeste da cidade, ao final da década de 1970, condicionadas em sua maioria a limitações de infraestrutura.

Entre as décadas de 1980 e 1990, diversos autores evidenciam o processo de decadência do centro de Goiânia, com o desenvolvimento e consolidação do Setor Oeste e Setor Sul. Há um deslocamento da população de classe média e alta do Setor Central para essas outras áreas da capital. O processo de verticalização alcança outras localidades: Alto do Bueno, Setor Bela Vista, Setor Aeroporto, Setor Leste Universitário (NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2015). Junto a essas transformações na configuração da cidade, a partir da década de 1990, os condomínios horizontais voltados à elite são implantados nas franjas da cidade e favorecem o processo de segregação urbana (OLIVEIRA, 2004).

A diminuição dos tributos fiscais dos municípios vizinhos contribuiu para atrair a instalação das empresas e muitas indústrias, dentro dos seus limites, porém adjacentes ao perímetro de Goiânia. Em conjunto, o incentivo atribuído ao valor imobiliário reduzido e, portanto, mais acessível à população, evidencia, ao longo da expansão, o inevitável efeito da conurbação urbana, Trindade a oeste, Senador Canedo a leste, ao sul o município de Aparecida de Goiânia, Goianira a noroeste.

Diante do crescimento desenfreado e da configuração segregada da capital, as estratégias propostas pelas leis do município, nas décadas seguintes até o momento atual, pautaram-se pelo preenchimento dos vazios urbanos (NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2015). Esse modelo pode ser visualizado (Figura 12) com o registro da ocupação até o ano de 2010.

Figura 12 - Expansão urbana em Goiânia décadas de 2000 e 2010



Fonte Autora

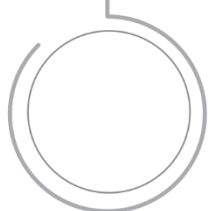
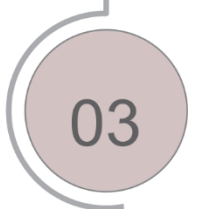
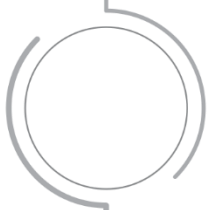
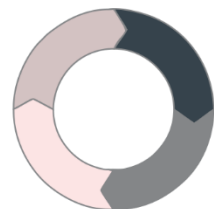
2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

O objetivo deste capítulo foi apresentar o local escolhido para o estudo, a cidade de Goiânia. Informando características como a sua localização, população, origem e expansão. Esse conhecimento foi necessário para contextualizar e dar seguimento as análises efetivadas na pesquisa.

Entre os dados observados sobre a história de capital, constatou-se que apesar de Goiânia ser uma cidade planejada, uma única proposta foi elencada para a noite no plano urbanístico de Atilio: o uso da avenida Goiás como local propício ao convívio e desfrute da noite na cidade. Esse fato evidencia que pensar os espaços com a inclusão da temporalidade noturna não é comum ao planejamento urbano.

Em relação a expansão da cidade, em poucos anos, Goiânia excedeu o limite populacional planejado com alterações significativas após a década de 1950, evidenciados por um salto no crescimento urbano com a implantação de vários loteamentos, resultando em uma ampliação descontínua. Nos anos seguintes, foi observado o processo de desenvolvimento e ocupação pautado no preenchimento desses vazios urbanos.

No próximo capítulo, os passos metodológicos serão justificados e descritos.



Capítulo 3

3.1. SINTAXE ESPACIAL

O interesse deste estudo é compreender como a estrutura urbana em sua configuração formal pode influenciar a ocorrência e a conformação das centralidades, vai ao encontro dos princípios da Teoria da Sintaxe Espacial, uma vez que a sua premissa busca as relações entre espaço e sociedade.

A Teoria da Sintaxe Espacial, ou Sintaxe Espacial (SE), surgiu na década de 1980, conduzida por Hillier e colaboradores em Londres, com uma nova abordagem e ferramentas (técnicas) aplicáveis tanto à cidade quanto à arquitetura. Sob a perspectiva da sintaxe, torna-se possível analisar as relações sociais juntamente com as questões morfológicas.

Holanda (2010) esclarece que, para a SE, o espaço é considerado um sistema de barreiras e permeabilidades ao movimento, opacidades e transparências à visão, enquanto a sociedade é percebida como um sistema de encontros e esquivanças. Isso significa, conforme explica Tenorio (2012), que há um conteúdo social do espaço assim como há um conteúdo espacial da sociedade. No primeiro, a circulação de pessoas está condicionada a uma série de possibilidades ou restrições a partir da configuração de um determinado lugar. Nesse nível também são observados os aspectos relacionados à visibilidade, na qual as possibilidades de perceber e ser percebido em um espaço são considerados.

Como bem colocado por Medeiros (2014, p. 116), “o espaço não é um elemento passivo.” Dele podemos depreender os “efeitos sobre os sujeitos sociais”. Como tem defendido Holanda (2018), as formas de organizar o espaço correspondem a certas estruturas sociais. A SE comunica a intenção clara em relacionar lugares com pessoas, indivíduos.

Nos estudos urbanos, a SE ganha notoriedade por sua aplicabilidade nas investigações de acessibilidade, segurança, coesão e exclusão social, além de ser útil ao estudo da dinâmica das áreas comerciais, conforme afirmado por Saboya (2007).

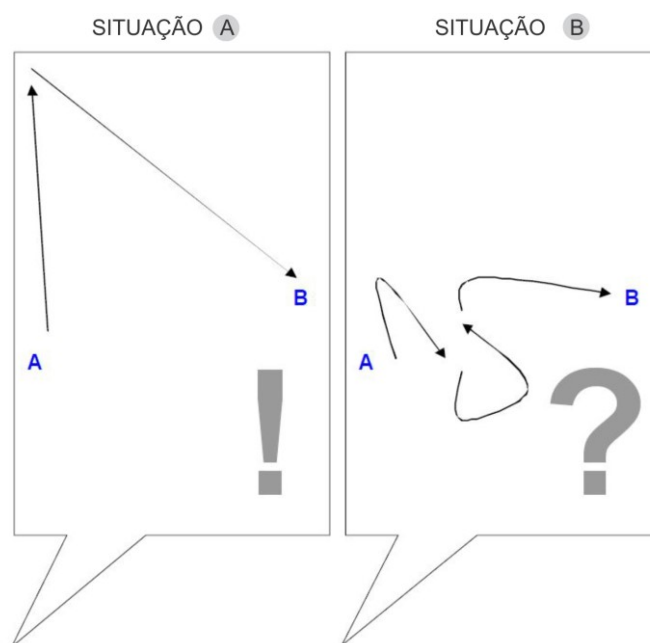
Com a sintaxe, é possível tecer uma série de análises espaciais, principalmente no que tange à relação entre espaço e movimento. Isso nos permite olhar o espaço urbano com foco nas pessoas que ali circulam, atentos à movimentação e nas práticas sociais desenvolvidas. (OLIVEIRA, 2013)

Holanda (2002) propõe o desenvolvimento da sintaxe espacial em três níveis analíticos: padrão espacial, vida espacial e vida social.

3.2 PADRÕES ESPACIAIS

Este nível explora a configuração espacial, a partir de suas categorias analíticas com leitura aplicável a dados gráficos e numéricos. O sistema espacial é representado mais em função da sua lógica topológica do que geométrica. Mas, afinal, o que significa topológico para a sintaxe? Para explicar esse conceito, será utilizado o exemplo prático de Medeiros (2006): vamos imaginar que precisamos chegar a um dado endereço em uma cidade com a qual não somos familiarizados e temos duas situações de trajetos, conforme indicado na Figura 13.

Figura 13 - A escolha dos percursos



Fonte: Medeiros, 2006, p.111, com intervenção da autora.

Na situação A temos um caminho mais longo em dimensões métricas, enquanto na situação B o trajeto é geometricamente menor, mas com uma série de mudanças de direções. Medeiros argumenta que, apesar de ter uma distância métrica maior, a situação A é mais simples, portanto, facilmente percorrida. O número de conversões pode afetar na complexidade dos percursos. Isso significa que o trajeto mais curto não está relacionado a uma medida métrica, mas, sim, a outros aspectos que parecem afetar nossa capacidade de interpretação, ou seja, os atributos topológicos, que conforme colocado por Holanda, podem ser descritos por “proximidade, circunscrição, continuidade ou descontinuidade, contiguidade, separação, integração, segregação.” (HOLANDA, 2018, p. 89)

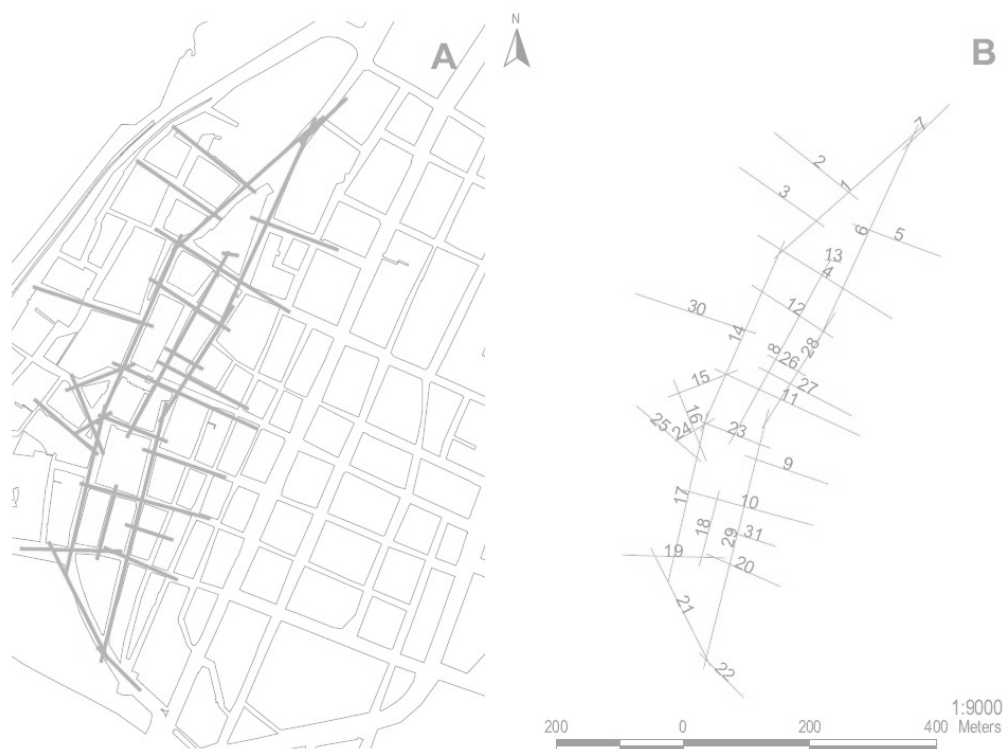
Das ferramentas configuracionais, a representação linear, ou axialidade, é a mais indicada para os estudos aplicados à escala urbana. As análises surgem a partir do desenho do mapa axial, e podem ser úteis a compreensão das dinâmicas urbanas a partir de suas variáveis,

especificadas a seguir, sendo possível observar os eixos potenciais ao movimento e os níveis de acessibilidade em uma determinada trama urbana.

3.2.1 Mapa axial

Para a obtenção do mapa axial, os espaços abertos correspondentes aos eixos de circulação em uma cidade são decompostos em segmentos de retas. Trata-se de uma representação linear, na qual as vias em uma malha viária são representadas por linhas, ou retas, conectadas entre si (Figura 14). Essas informações podem ser processadas e obtidos dados respectivos, as chamadas interrelações axiais (Medeiros, 2006).

Figura 14 - Processo para representação linear



Fonte: Medeiros 2006

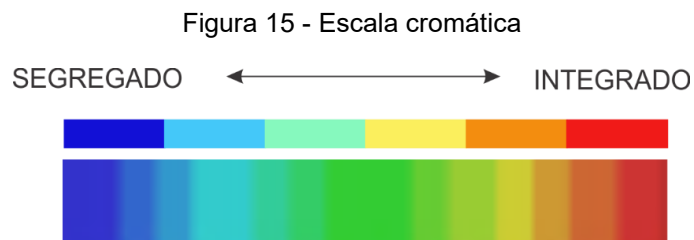
Do mapa axial podemos extrair algumas variáveis como integração global, integração local, conectividade, sinergia, escolha e inteligibilidade. Essas informações podem ser processadas em softwares e plugins desenvolvidos para auxiliar nas análises da sintaxe espacial e resultam em representações gráficas por mapas colorizados em correspondência aos dados numéricos encontrados para cada variável. Do processamento também são resultadas tabelas com todos os atributos calculados.

3.2.2 Integração

Utilizada para identificar padrões de movimento e acessibilidade topológica, considera-se que as linhas mais integradas serão aquelas frequentemente utilizadas em todos os trajetos. E as linhas menos integradas, ou simplesmente segregadas, são as mais distantes em relação às outras linhas do sistema⁷. Tenorio (2012, p. 171) explica que “calculam-se as menores distâncias possíveis de se ir de cada linha até cada uma das outras linhas do sistema.”

As linhas mais integradas em um trajeto serão coloridas de **vermelho** (cor quente) ou desenhadas com espessura maior.

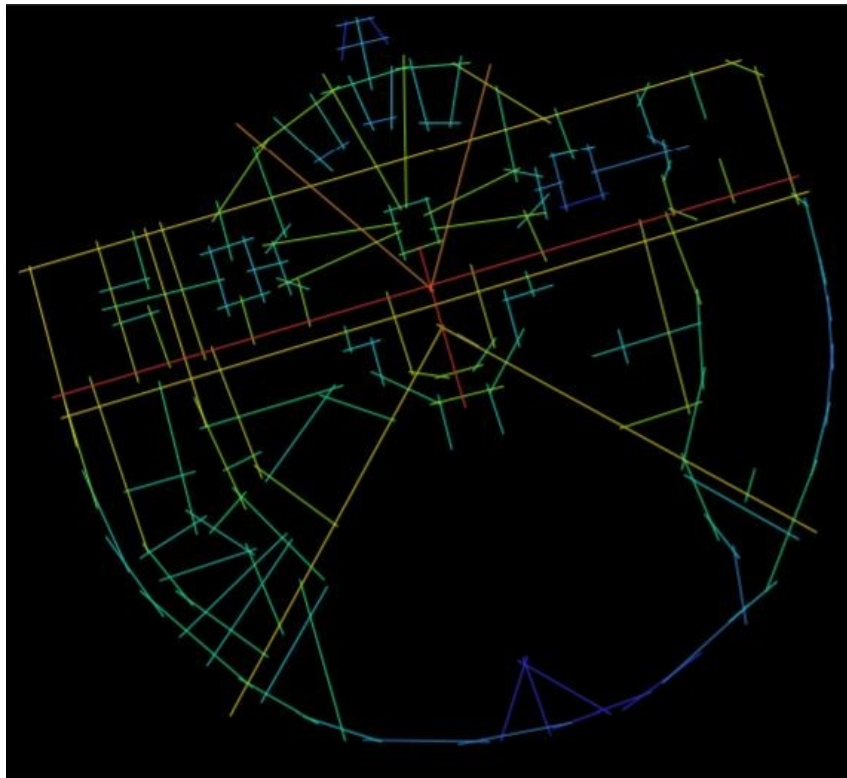
As linhas mais segregadas serão coloridas de **azul** (cor fria) ou desenhadas com menor espessura.



Fonte: Autora

O mapa axial processado é então representado conforme a Figura 16.

Figura 16 - Mapa axial da Praça Cívica e do Centro Cívico de Goiânia.



Fonte: Dias, 2011.

A integração Global (R_n) é uma medida extraída do mapa axial (calculada com R_n) para indicar o núcleo integrador, ou seja, o conjunto de eixos mais integrado do sistema. O núcleo integrador é, então, o centro morfológico de uma cidade⁸.

Enquanto a integração local é uma medida utilizada para identificar centros ativos, mas em uma escala local. Como explica Medeiros (2006, p. 505), “o R representa o raio (quantos eixos se quer considerar a partir de um outro qualquer) e n o número ilimitado de conexões.” O autor esclarece que o R3 é comumente utilizado por pesquisadores em seus estudos, já que é comum esse valor coincidir às áreas propriedades potenciais para se constituir uma centralidade local. Neste estudo, alguns raios serão testados, semelhante ao que fez Alarcón (2004).

De acordo com Tenorio (2012, p. 171) “cada linha é calculada apenas com relação as próximas X linhas que se encontram distantes delas, onde X é um número por nós definido. Nesse caso, diz-se que o resultado obtido é uma integração local de raio X.”

⁸ Holanda explica que o centro morfológico é a parte fisicamente mais acessível em relação a todas as outras. O autor esclarece que a acessibilidade referida é de ordem topológica e não métrica.

3.2.3 Conectividade

Indica a disponibilidade de rotas e trajetos em uma cidade (MEDEIROS, 2006). Quando nos deparamos com uma situação em que a cidade é facilmente percorrida por possibilitar um maior número de percursos, podemos atribuir um valor elevado de conectividade da malha urbana.

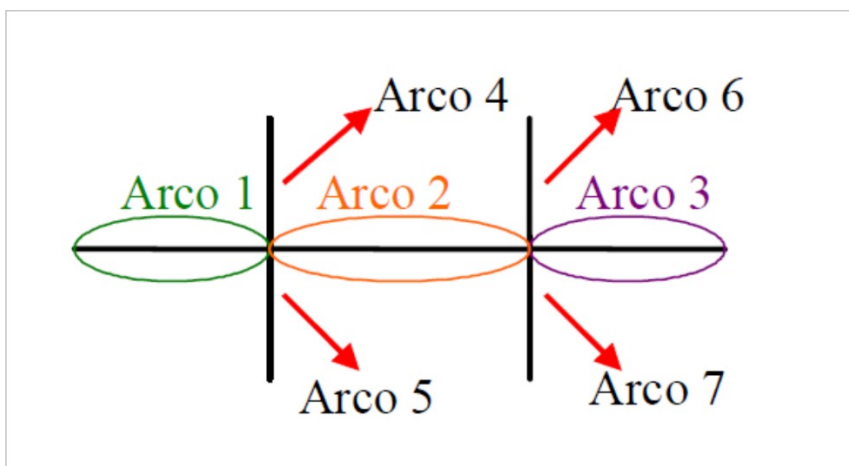
3.2.4 Inteligibilidade

Diz respeito ao quão legível o sistema urbano é para os seus usuários. Os valores de inteligibilidade de um dado sistema são obtidos pela correlação da integração global com a conectividade, esta última diz respeito ao número de linhas cruzadas, ou conexões em um eixo. (HOLANDA, 2002; MEDEIROS, 2013). Evidencia “dificuldades ou facilidades na orientação e localização dos indivíduos ao percorrerem a forma-espaço urbana.” (MEDEIROS, 2013, p. 353)

3.2.5 Mapa de Segmentos

O mapa de segmentos, derivado do mapa axial, é uma importante ferramenta para a sintaxe. O seu cálculo permite uma análise minuciosa para a acessibilidade espacial, pois considera as frações dos eixos a partir das quebras das linhas e do número de interseções, sendo possível demonstrar diferentes graus de acessibilidade em uma via muito extensa, por exemplo (MEDEIROS, 2006).

Figura 17 - Mapa de Segmentos (Análise de Segmento)



Fonte: Barros apud Medeiros, 2006, p. 311

As variáveis topológicas usualmente extraídas do mapa de segmentos são a integração normalizada (NAIN)⁹, na qual observa-se a integração angular, e a escolha normalizada (NACH).

3.3 VIDA ESPACIAL

Busca-se observar as pessoas, ou grupos sociais, e o conjunto de práticas por eles desenvolvidas nos espaços. Para Holanda, a vida espacial é organizada em função das ilhas espaciais (espaços fechados) e as unidades de espaços abertos (espaços públicos).

Os rótulos, assim nomeado pelo autor para se referir aos vários usos como comércios, hospitais, escolas, residências, hotéis etc., são importantes para esse nível de estudo, pois conforme explica Kohlsdorf, “refere-se à caracterização de agentes e práticas [...] e os mapeamentos de usos do solo significam neste enfoque a materialização espacial de categorias sociais quando realizam atividades.” (KOHLSDORF, 2017, p.137)

Portanto, o que se tem observado é que os rótulos com suas variedades, densidade, deslocamentos e distribuição no espaço ou no tempo, podem colaborar para a presença das pessoas ocupando as áreas livres das cidades. A diversidade dos usos, na qual se observa a mistura dos rótulos entre si, traz a discussão de Jacobs sobre espaços urbanos mais ativos, favoráveis à copresença.

3.4 VIDA SOCIAL

Este nível analítico aborda os padrões sociais da população e as relações de controle e poder expressas nos costumes, divisão social do trabalho, condições distintas aos bens de consumo e cultura, ou seja, um conjunto de aspectos identitários a um modo de vida (KOHLSDORF, 2017; HOLANDA, 2018). Essas questões direcionam as pessoas a diferentes acessos aos espaços, sejam eles privados ou públicos.

A vida social ocorrente na área considerada importa o seu desempenho copresencial na medida em que se considere o espaço como constituinte de estruturas sociais. Neste sentido, atributos morfológicos incidem ao acesso diferenciado de indivíduos a bens materiais e imateriais- e, como decorrência a configuração espacial implica a seleção de pessoas para ingressar e permanecer em certos lugares, mesmo sendo estas áreas livres públicas. (KOHLSDORF, p. 136)

⁹NAIN é uma medida calculada a partir do mapa de segmentos. Para a análise, é avaliado o ângulo das mudanças de direção para a obtenção do menor caminho angular.

Tanto a vida social, quanto a vida espacial irão abordar a sociedade e as suas relações. No primeiro nível, na vida social é comum a observação de fatores que envolvem questões socioeconômicas, hábitos e cultura da população. Além disso, como colocado por Kohlsdorf (2017), outros pontos relacionados à qualidade espacial, como aspectos bioclimáticos, expressivo-simbólicos e topoceptivos, podem ser considerados por influenciar na permanência ou não das pessoas nos espaços. Uma área com um tratamento paisagismo interessante, fachadas atrativas, arborização para amenizar o clima durante o dia, uma iluminação eficiente a noite, são potencializadores para a apropriação das pessoas e copresença.

3.5 ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As centralidades em Goiânia foram identificadas por Leila Alarcón em 2004. Em sua dissertação de mestrado, a autora faz uma análise diacrônica e aponta as centralidades morfológicas e sintáticas até aquele momento, contudo, considera os usos relacionados ao funcionamento diurno da cidade. Sendo assim, um passo importante neste estudo, é a demarcação de um turno específico à noite. Esse recorte estabelece então um foco central para as análises qualitativas desses espaços em relação à vida noturna.

A partir da Sintaxe Espacial, os três níveis analíticos são adotados¹⁰: 1) Vida espacial; 2) Padrões espaciais; e 3) Vida social, consoante ao modelo proposto por Holanda (2018) e implementados na abordagem de Alarcón (2004).

Procedimentos para a vida espacial

Os usos observados neste estudo são selecionados tendo como base as atividades tidas como potenciais para a manutenção da vida noturna, com suporte ao que foi visto nas discussões sobre a noite, que mantém o funcionamento ativo pelo menos até às 22 horas. São considerados os espaços privados e públicos e os seus usuários.

As informações para espacialização das atividades foram resultadas de três procedimentos:

1- A partir da busca no banco de dados de bases cartográficas da Prefeitura de Goiânia, hospedado em uma plataforma online, no qual foram selecionados os mapas em arquivo *shapefile* que informassem a localização de alguns usos, tais como: hospitais e clínicas, shoppings, instituições de ensino superior, parques, teatros e centros culturais. As bases selecionadas foram as de pontos de interesse e grandes equipamentos. Esses dados foram então filtrados e separados em tabelas por grupo

¹⁰ Holanda apresenta três níveis analíticos para Sintaxe Espacial- padrões espaciais, vida espacial e vida social - em seu livro *o Espaço de Exceção* (2018).

de atividades. Posteriormente, foi necessário pesquisar o horário de funcionamento de cada local listado, em sites, jornais eletrônicos e no Google Maps, uma vez que os arquivos iniciais da prefeitura não continham esta informação. Além disso, cada grupo foi atualizado com a inserção de novos pontos a partir da localização utilizando o aplicativo Google Earth, visto que as bases de dados eram de 2017 e estavam defasadas.

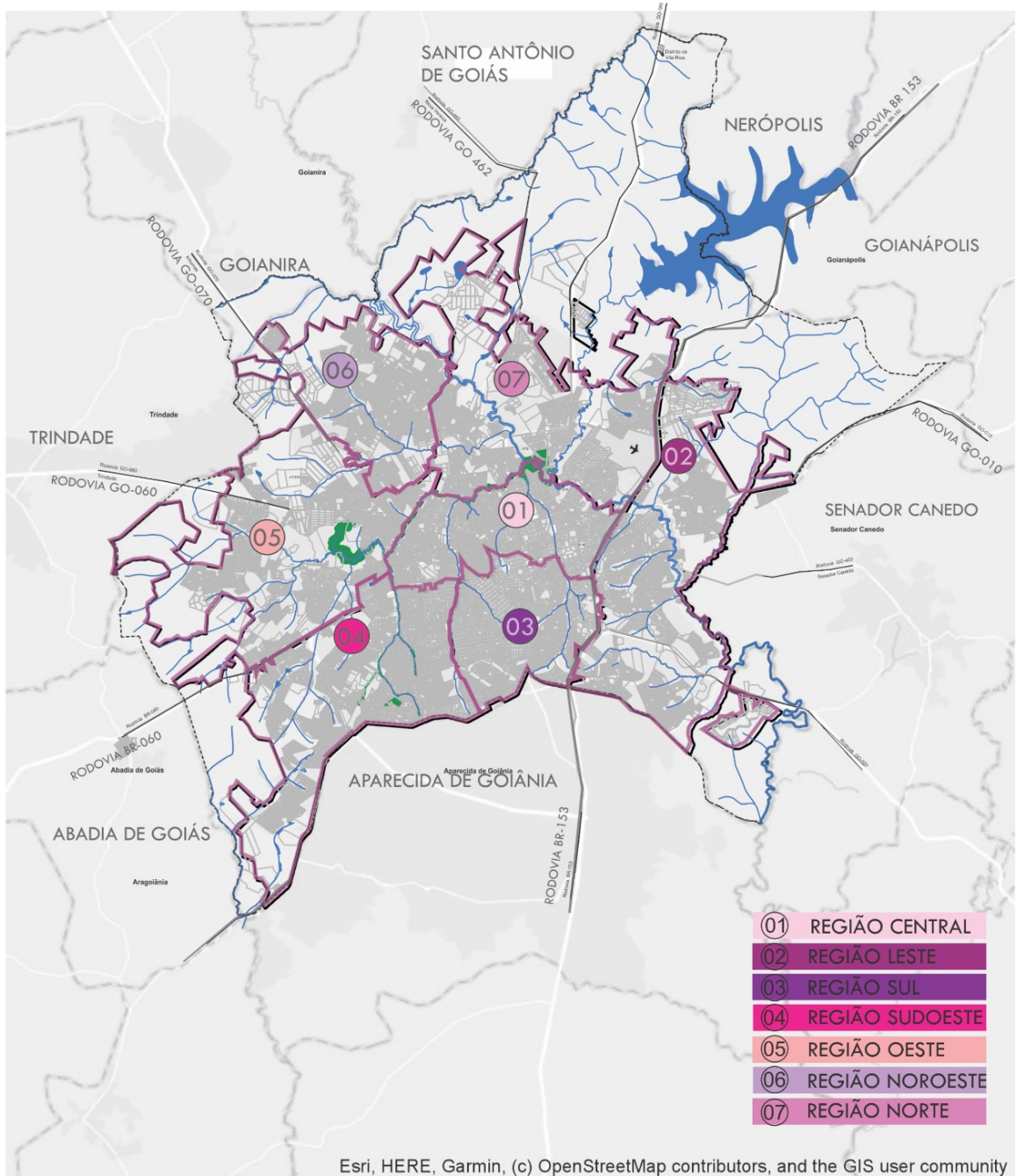
2- A identificação das feiras especiais noturnas foi possível com o suporte de uma lista cedida pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Economia Criativa, SEDEC, a partir da descrição do endereço. Cada feira foi localizada com o auxílio do Google Earth.

3- Os dados sobre o setor terciário foram disponibilizados pela Secretaria Municipal de Finanças de Goiânia, entregues em uma tabela editável (no formato .xls) com os cadastros ativos das atividades econômicas com o funcionamento noturno e as suas coordenadas geográficas. Essas atividades foram categorizadas em dois grandes grupos: comércio e serviços em geral, e comércio e serviços de alimentos, bebidas e entretenimento. No primeiro grupo foram listadas os cursos educacionais, academias, lojas de artigos esportivos, lojas de materiais de construção, *lan houses*, clínicas veterinárias, salões de beleza, postos de combustíveis, lojas de departamento, hipermercados, farmácias e drogarias, entre outros. O segundo grupo foi subdividido em bares, cervejarias, choperias, distribuidora de bebidas, restaurantes, lanchonetes e similares, eventos e entretenimento. Todos esses dados, depois de analisados, necessitaram de ajustes. Alguns comércios e serviços inseridos funcionavam em horário comercial, das 8 às 18 horas, sendo, portanto, retirados da base. A lista de restaurantes, bares, choperias, hipermercados, farmácias e drogarias, não correspondia à situação real. Houve, portanto, o esforço em proceder com a atualização de todas as regiões, a partir da busca e inserção manual de novos pontos, primeiramente em consulta ao Google Maps, observando os horários de funcionamento e, em seguida, efetuando a inserção dos locais encontrados no aplicativo Google Earth.

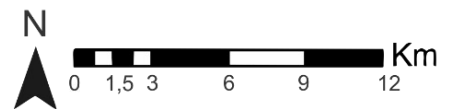
Por fim, com auxílio do software de SIG, o QGIS®, os dados coletados puderam ser processados, resultando na espacialização das atividades selecionadas. A nossa questão sobre esse tópico é identificar quais atividades se estendem ao período noturno e de qual modo elas estão distribuídas e concentradas de modo a contribuir na manutenção das centralidades especialmente à noite.

Como base será usado o mapa 1, no qual a cidade está dividida em 7 regiões: norte, sul, leste, oeste, central, sudoeste e noroeste.

Mapa 1 - Goiânia por regiões.



Fonte: autora



Procedimentos para os padrões espaciais

Neste nível de análise, as categorias estabelecidas sintetizam o esforço para identificar as áreas centrais do ponto de vista sintático.

- 1- Análise da base e ajustes no mapa de eixos de 2015;
- 2- Aplicação das ferramentas da sintaxe espacial – simulações auxiliadas pelos softwares Depthmap® e QGIS®. O QGIS® é um software de geoprocessamento que permite a vinculação de informações cartográficas (mapas) com dados alfanuméricos e tabelas. Cada elemento gráfico de uma determinada representação terá uma correspondência numa linha de uma tabela com um conjunto de dados.
- 3- Processamento do mapa axial para vários raios e, em seguida, análise das seguintes variáveis configuracionais: integração global, integração local, inteligibilidade e conectividade.
- 4- Processamento do mapa de seguimentos, avaliação da Integração Angular Normalizada – NAIN.
- 5- Cruzamento das centralidades noturnas com as centralidades sintáticas (centralidades morfológicas e centralidades funcionais) Integração global e local da Sintaxe Espacial.

Procedimentos para a vida social

Nesta categoria serão analisados os dados referentes à renda em Goiânia.

- 1- Concentração de renda em Goiânia.
- 2- Correlacionar com as centralidades encontradas.

Correlação com densidade

Refere-se à concentração de pessoas residindo em determinada área. Como defendido por Jacobs (2012), a densidade é um fator importante para manutenção da vitalidade urbana.

- 1- Pesquisar a densidade populacional da cidade de Goiânia a partir de dados estatísticos;
- 2- Espacialização dos dados em software de SIG.
- 3- Correlacionar com as centralidades encontradas.

Limitações das pesquisas

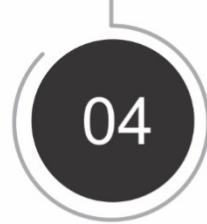
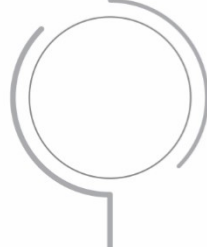
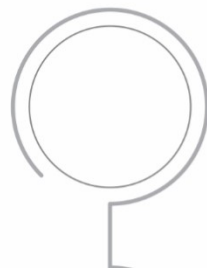
O período do estudo foi atravessado pela pandemia da COVID-19, iniciada no primeiro trimestre de 2020. Foi, portanto, necessário reestruturar a metodologia, uma vez que as pesquisas de campo foram afetadas por causa do novo cenário de isolamento social, sucedendo à suspensão da coleta de dados necessárias à obtenção de informações sobre a vida urbana à noite em Goiânia.

Ressalto as limitações para contactar os Órgãos e Secretarias Municipais, encontrados em muitas circunstâncias com seus expedientes em suspensão ou em regime de trabalho remoto.

3.6 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foi exposto todo o apanhado teórico, metodológico e ferramental utilizado a partir da Teoria da Sintaxe Espacial. O interesse deste estudo em compreender como a estrutura urbana em sua configuração formal pode afetar a formação das centralidades vai ao encontro dos princípios da Sintaxe Espacial, uma vez que a sua premissa busca as relações entre espaço e sociedade. Ou seja, sob a perspectiva da Sintaxe, torna-se possível analisar as relações sociais juntamente com as questões morfológicas.

As ferramentas da Teoria da Sintaxe Espacial são fundamentadas nos métodos descritos por Hillier e Hanson no livro “The Social Logic of Space” (1984). No Brasil, temos grandes contribuições à Sintaxe Espacial, nos trabalhos desenvolvidos pelo professor Frederico de Holanda, ao exemplo do livro – O Espaço de Exceção (2018). Algumas das ferramentas propostas foram aplicadas e experimentadas nos estudos de Alarcón (2004), Medeiros (2006) e Tenorio (2012), que incentivaram o uso desses procedimentos. Deste modo, três níveis analíticos são adotados para o estudo: padrão espacial, vida espacial e vida social. O próximo capítulo apresentará a aplicação dos três níveis de análise da Sintaxe e os seus resultados.

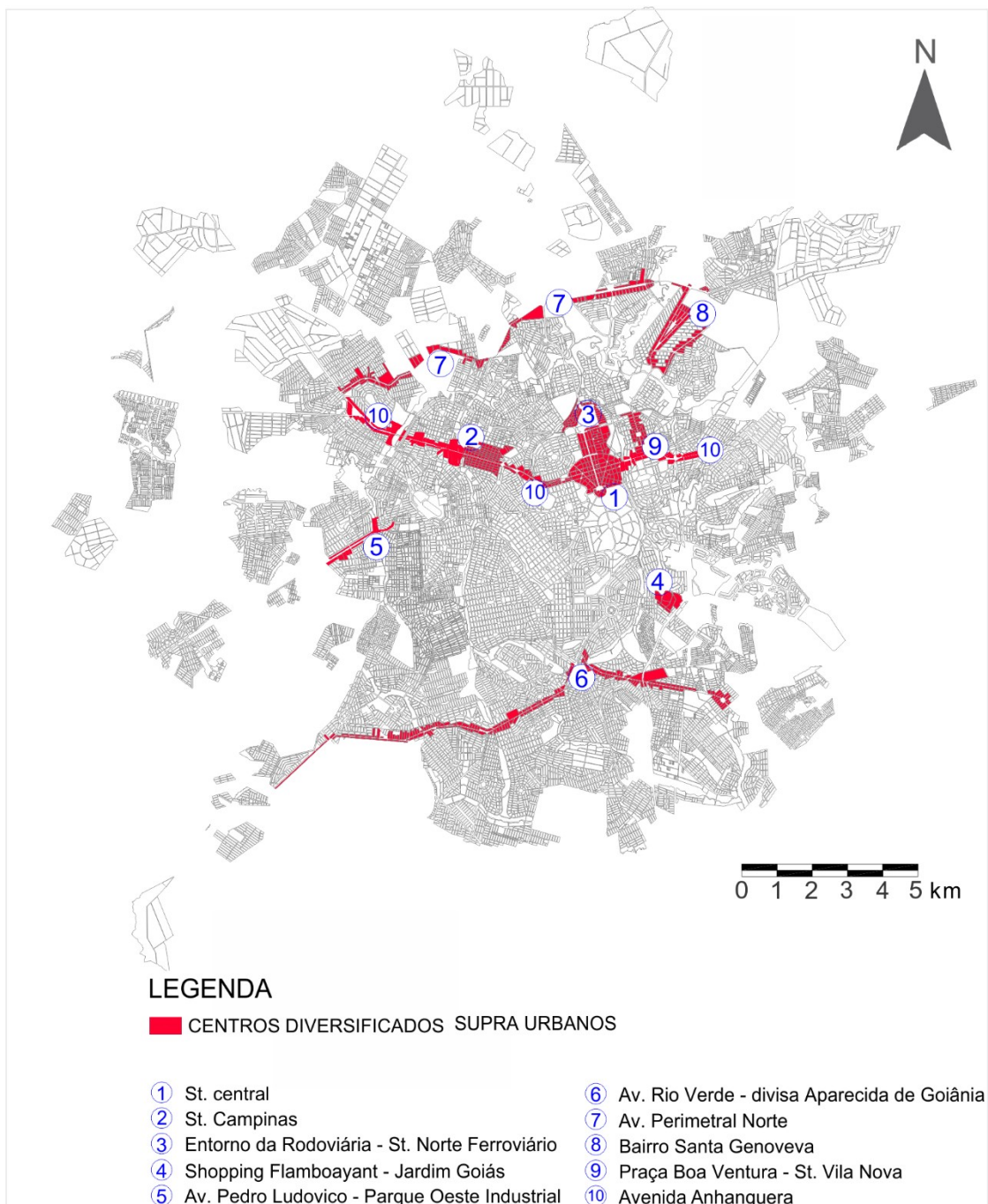


Capítulo 4

4.1 VIDA ESPACIAL

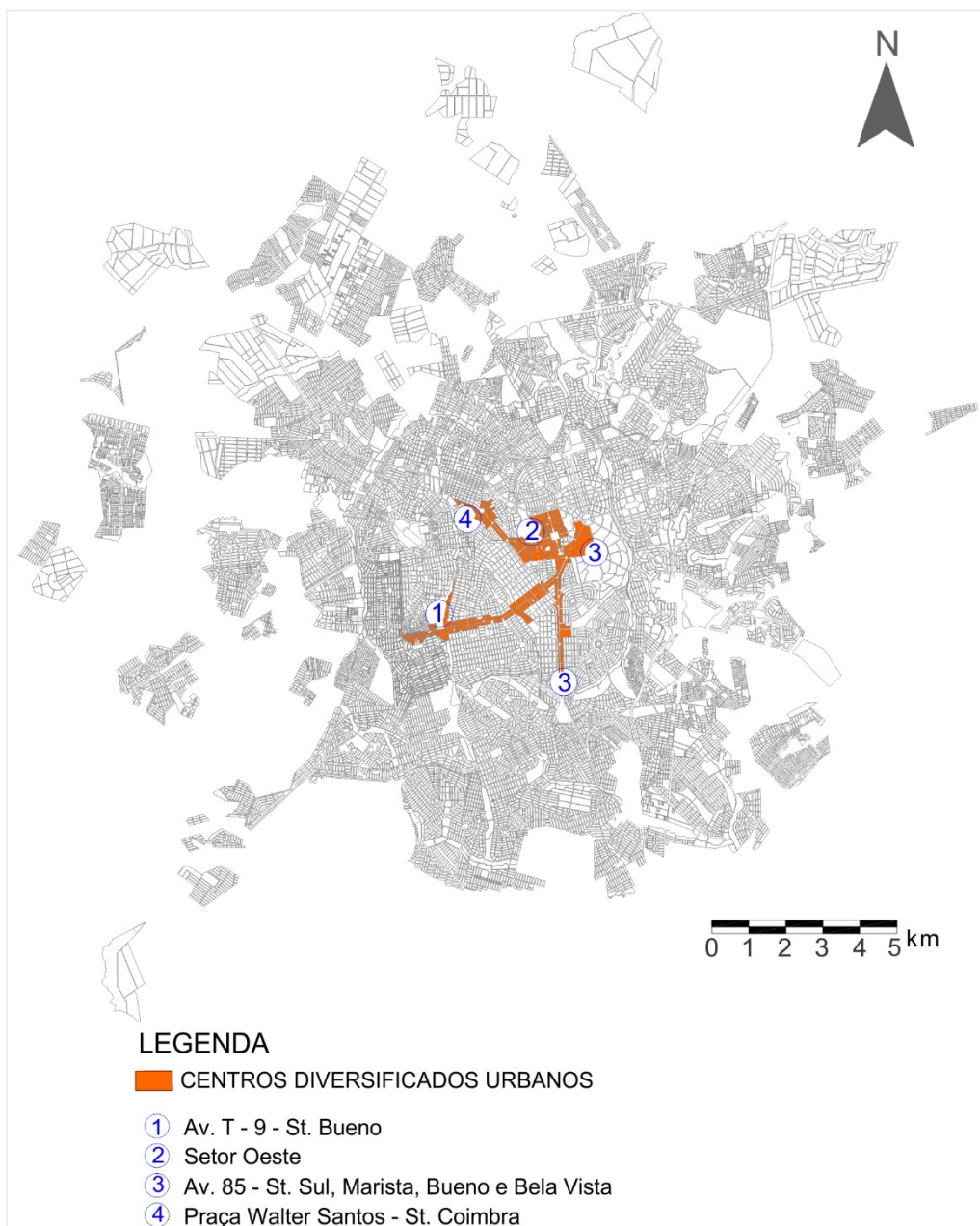
Em 2004, Alarcón identificou as centralidades funcionais em Goiânia, com abrangência supra urbana (Figura 18), caracterizada por serem acessadas pelas cidades do entorno, principalmente as que estão conurbadas com o município, e os centros urbanos (Figura 19) com alcançando aos habitantes de toda a cidade, ambas classificadas em detrimento da diversidade de atividades acumuladas.

Figura 18 - Centros diversificados supra urbanos



Fonte: Alarcón 2004, com intervenções da autora.

Figura 19 - Centros diversificados urbanos



Fonte: Alarcón 2004, com intervenções da autora.

Ao identificar as centralidades funcionais, a autora não especificou a demarcação de um turno, mas teve um olhar predominante para os usos diurnos, ao considerar e quantificar: cartórios e tabelionatos, instituições financeiras, grandes empresas, escolas, hospitais, restaurantes, cinemas, camelôs e feiras. Em sua maioria, os estabelecimentos citados possuem funcionamento comercial das 08:00 às 18:00 horas, com exceção dos cinemas. Por consequência, nota-se que a marcação temporal das atividades não faz parte do escopo da

autora e as centralidades funcionais por ela apontada são resultados da concentração ativa dos usos com prevalência diurna. A partir desse ponto, este estudo segue no esforço em identificar as centralidades funcionais à noite.

Conhecida popularmente pela vida noturna, Goiânia como metrópole permanece acordada e se distribui entre uma série de atividades noturnas ao longo de toda a semana, sejam elas de lazer, descanso ou trabalho, a cidade se divide entre silêncios e agitação, gente andando e em repouso, luz e sombra.

Deve estar na memória da cidade as festas sediadas no Grande Hotel, os bailes no Automóvel Clube, as fontes luminosas na Praça Cívica, ou as exposições no Cine Teatro Goiânia (atual Teatro Goiânia) que celebravam as noites nos primeiros anos da capital.

Com o desenvolvimento da cidade, outros locais foram surgindo como opções a mais do uso noturno. A maior parte dos registros sobre a noite goiana diz respeito às práticas associadas ao lazer e à cultura. Oliveira (2011) relata que a prática social do *footing*, comum nos anos 40 e 50, foi substituída pelas casas noturnas. O autor descreve que as primeiras boates se concentravam no setor central da cidade, com a inauguração da Praça Universitária e da boate Chafariz, em 1968, quando os jovens passam a frequentar o Setor Universitário.

Na década de 70, a Praça Tamandaré, situada no Setor Oeste, passa a atrair o público com uma diversidade de bares e boates, ocasionando, como expõe Oliveira (2011, p. 151), “a extinção ou a descaracterização de muitas das casas noturnas do Centro e do Setor Universitário”. Nas décadas seguintes, as casas noturnas e bares surgem em outros bairros da capital como o Setor Marista, Setor Sul e Setor Bueno. Com o passar dos anos, esses locais começam a se tornar referência para a boemia, sendo mais frequentados aos finais de semana.

Como opção de lazer, os parques urbanos em meio às áreas adensadas de Goiânia possuem uma boa frequência durante a noite. Talvez essa relação se justifique com base na valorização paisagística dos espaços livres proposta no plano urbanístico do arquiteto Atílio Corrêa Lima, no qual o sistema de áreas verdes foi devidamente articulado à vida urbana, ao ponto de fazer parte do cotidiano até os dias atuais.

Em particular, como um hábito cultural e de consumo goianiense, merece destaque a ocupação dos espaços públicos por meio das feiras livres especiais. Conforme explica a Secretaria e de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Ciência e Tecnologia (SEDETEC)¹¹,

¹¹ Cartilha Feira Segura disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/wp-uploads/2020/07/Feira-Segura-Cartilha-SEDETEC-1.pdf>

as feiras especiais são assim enquadradas por comercializar: “artigos artesanais, produtos naturais, antiquários, obras de arte, pequenos animais domésticos e de artigos de fabricação caseira, da micro e pequena indústria, das cooperativas de produção e de entidades jurídicas sem fins lucrativos, dentre outros.” (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2020, p. 2)

As primeiras feiras dessa categoria de que se tem registro surgem no início dos anos de 1990, conforme estudo de Borges (2013). Como expressado pela autora, as feiras goianienses representam uma cultura tradicional local, sendo reinventadas de acordo com a estrutura urbana e social, mas permanecem com a natureza de aproximar, em um mesmo espaço, grupos socialmente distintos, atividades artesanais e costumes de frequentá-las. Assim, as feiras carregam símbolos, valores e constroem as referências culturais de seu povo.

Segundo a pesquisa realizada no ano de 2013, Borges (2013) constata que os goianienses não têm uma unanimidade na escolha das feiras livres (caracterizadas por vender hortifruti, carnes, laticínios, derivados, condimentos e especiarias), preferindo as mais próximas de suas casas. No entanto, a procura por feiras especiais está relacionada com o produto que almeja e a intenção da ida até o local. Então, no que tange às feiras especiais, existe uma peculiaridade na sua procura.

O aparecimento de feiras então consolidadas, como a Feira Hippie, Feira do Sol e a Feira da Lua, desencadeou o aparecimento de outras, que se espalharam ao longo da cidade. As feiras se adaptaram à lógica da capital conforme ela foi se desenvolvendo e passou a atender de modo progressivo as exigências do mercado, ampliando a oferta dos itens de consumo (BORGES, 2013).

Uma explicação para as feiras especiais serem tão bem sucedidas à noite, talvez se relacione às condições do clima, predominante tropical (sub úmido), mais favoráveis durante o período noturno.

A noite goiana está vinculada a outras práticas além do lazer e diversão. Há uma série de pessoas que saem para trabalhar e mantêm em pleno funcionamento os setores de indústrias, serviços e comércio no período noturno. Além disso, a noite urbana é utilizada de forma rotineira ou emergencial, sendo possível acessar clínicas, hospitais, farmácias, academias, shoppings, supermercados, atividades educacionais, entre outros serviços.

4.1.1 Feiras Especiais Noturnas

As feiras especiais noturnas fazem parte do dia a dia da cidade e são consideradas neste estudo como estruturas importantes à vida noturna, uma vez que elas se revezam entre os dias da semana e entre os bairros. Instalam-se em espaços abertos, ruas e praças, e ofertam produtos de artesanato, eletrônicos, artigos, roupas, sapatos e acessórios, além de variedades gastronômicas.

Todos os dias, exceto às segundas, há uma feira noturna em Goiânia (Quadro 1). Elas usualmente começam no final da tarde e se estendem até às 22 horas. As mais famosas são a Feira da Lua (na Praça Tamandaré, Setor Oeste), Feira da Madrugada (Praça do Trabalhador, Setor Norte Ferroviário) Feira do Sol (Praça do Sol, Setor Oeste). Essas feiras costumam atrair, além da população da cidade, turistas dispostos a conhecer parte da cultura goiana.

Quadro 1 - Programação Feiras Especiais Noturnas em Goiânia

Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Feira da Família	Feira das Estrelas Feira da O.V.G. Feira dos Amigos Feira da Madrugada Feira Crimeia Leste	Feira da Madrugada Feira da Paz	Feira Entardecer Feira do Amor Feira do Requite Feira Girassóis Feira Jacaré	Feira da Lua Feira das Rosas Feira dos Namorados Feira da Vila Nova Feira Parque Amazônia Feira Chocolate com Pequi	Feira Hippie Feira do Sol Feira das Nuvens Feira do Universitário Feira Eldorado Feira do Setor Goiânia II

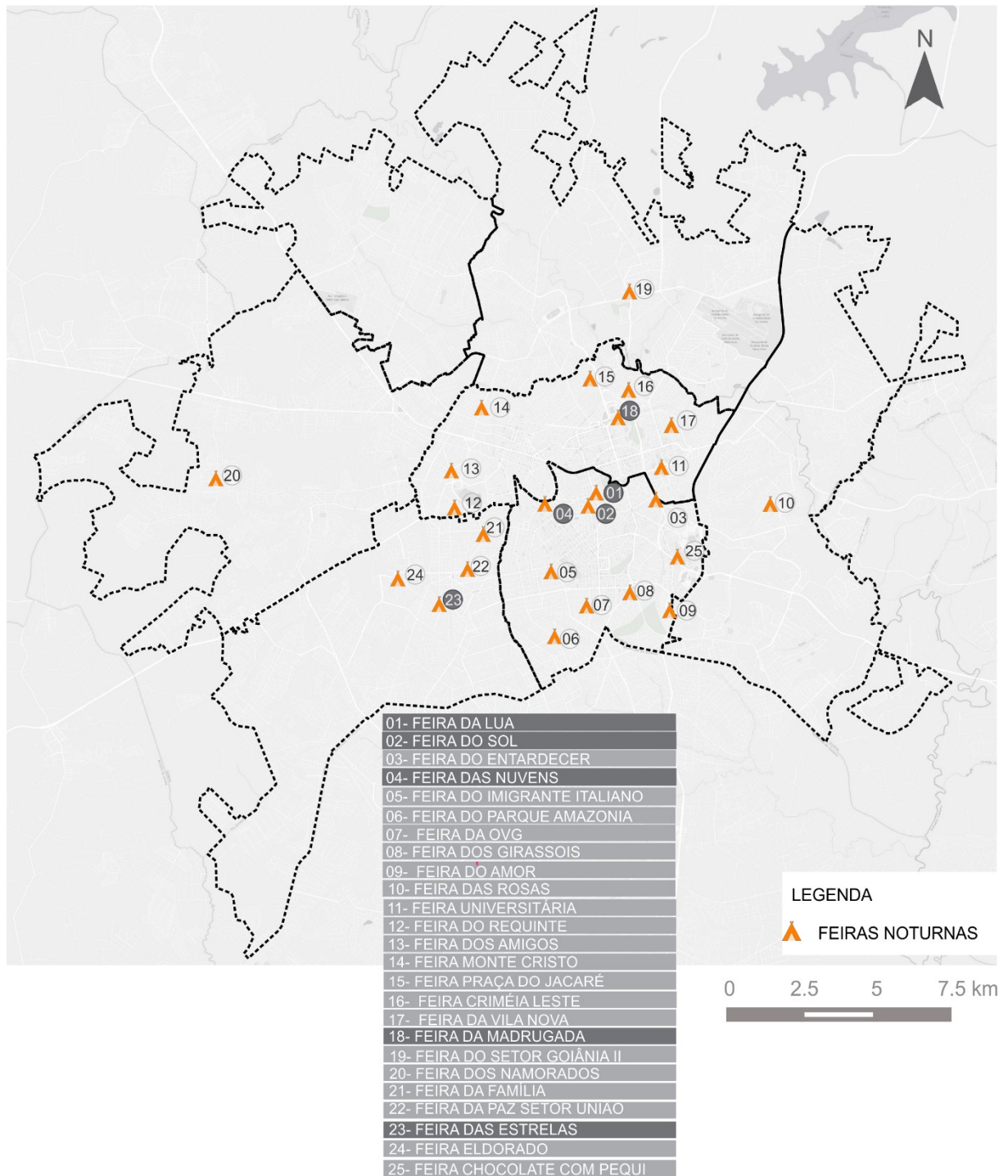
Fonte: autora

Figura 20-Feiras em Goiânia



Fonte - Prefeitura Municipal de Goiânia

Mapa 2 - Feiras Especiais Noturnas em Goiânia

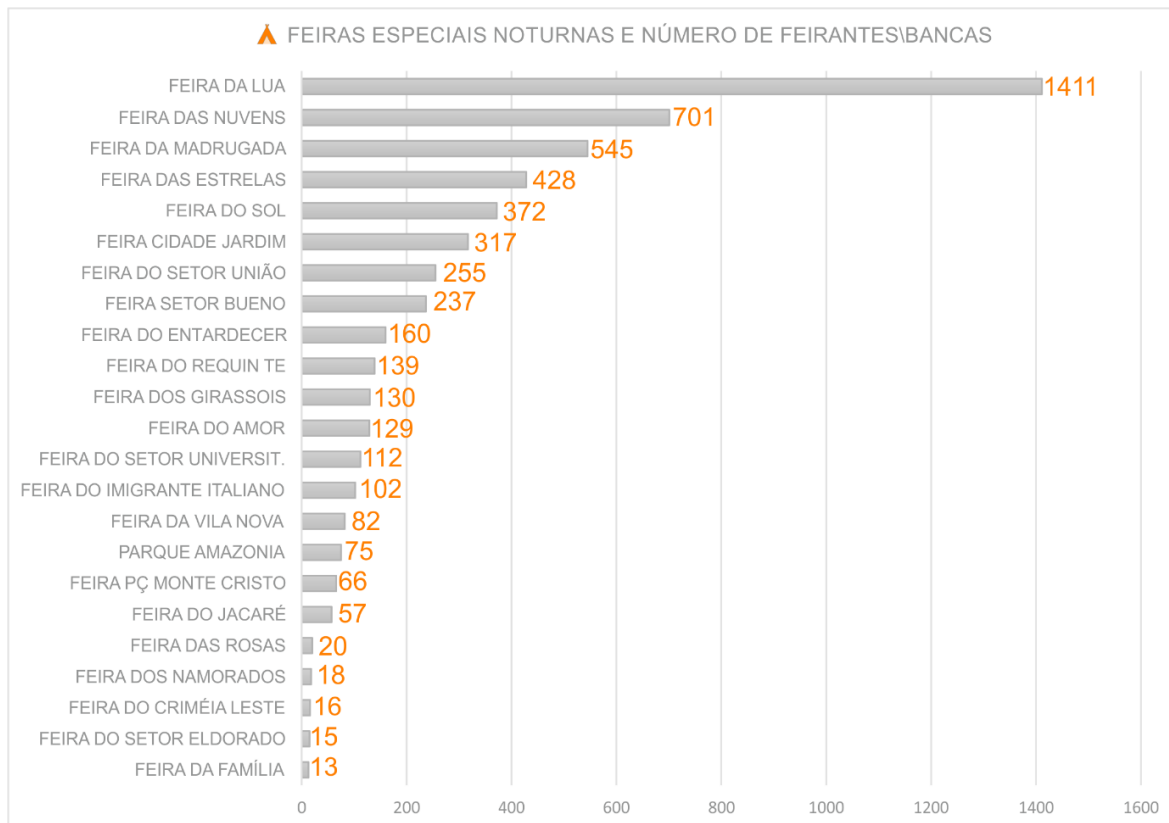


Fonte: autora

As feiras especiais são importantes para a economia local, afinal, muitas famílias se beneficiam dessa atividade. Segundo dados da SEDEC, Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Economia Criativa, estão registradas cerca de 5400 bancas com funcionamento ativo nas feiras especiais noturnas na capital goiana. A Feira da Lua, a maior das feiras especiais noturnas, possui 1411 feirantes e ocupa uma área de aproximadamente

12.000 mil metros quadrados. Esta atividade é tão tradicional que muitas bancas são passadas de geração em geração pelas famílias.

Figura 21 - Número de feirantes/ bancas feiras especiais noturnas em Goiânia



Fonte: SEDEC, adaptado pela autora.

Figura 22 - Feira da Lua



Fonte: Michel de Medeiros, Drones_skyview

4.1.2 Parques

Como espaços públicos, os parques urbanos são estruturas relevantes ao convívio social em Goiânia. No total, são contabilizadas 42 unidades entre parques e bosques distribuídos nas regiões da cidade. Desse conjunto, 40 estão abertos ao público durante a noite. Os usos desses espaços estão associados, além das atividades de lazer, às práticas esportivas e culturais, estando progressivamente atrelados à rotina noturna.

Uma parte representativa desses locais está continuamente aberta, sem barreiras que restrinjam o seu acesso. O Bosques dos Buritis, delineado no plano urbanístico de Atilio, situado no setor Oeste, é uma das exceções. O Bosque é cercado por grades e fechado durante a noite. O mesmo acontece com o Parque Areião, no setor Pedro Ludovico, que tem os portões trancados às 20 horas. Após esse horário, os moradores da região costumam caminhar no perímetro externo do parque.

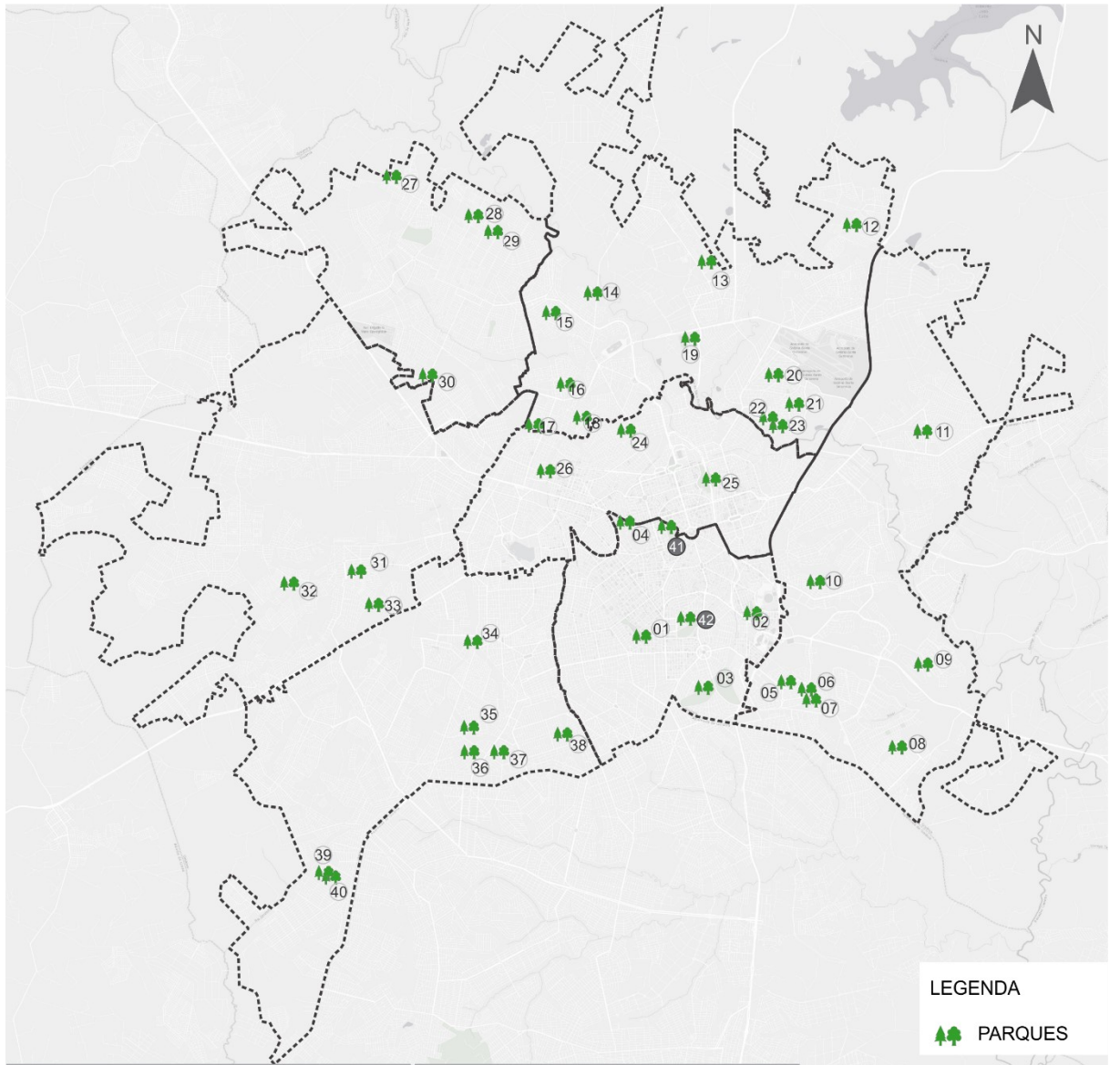
Aqueles parques que estão localizados nas áreas centrais possuem funcionamento mais expressivo no período noturno. São dotados de uma infraestrutura de qualidade e são reconhecidos como pontos turísticos da cidade, pois atraem dos moradores do entorno e visitantes da região metropolitana, tais como o Parque Flamboyant e Parque Municipal Sulivan Silvestre, conhecido popularmente como Vaca Brava, ambos situados na região sul da capital (Figura 23). Esses parques estão cercados por edifícios com moradores de alto poder aquisitivo, próximos a importantes áreas comerciais e a grandes empreendimentos como shoppings, hipermercados e lojas de departamentos.

Figura 23 - Parques Flamboyant e Vaca Brava à noite



Fonte: Wesley Cruz e Waldemar Lobo

Mapa 3 - Parques e bosques abertos 24 horas



01- PARQUE MUN. SULLIVAN SILVESTRE (VACA BRAVA)	22- PARQUE MUNIC. LIBERDADE
02- PARQUE MÚNIC. FLAMBOYANT	23- PARQUE BEIJA FLOR
03- JARDIM BOTÂNICOAMÁLIA TEIXEIRA FRANCO	24- PARQUE JERIVÁ
04- LAGO DAS ROSAS	25- PARQUE BOTAFOGO
05- BOSQUE DAS LARANJEIRAS	26- PARQUE MUNIC. CAMPININHA DAS FLORES
06- BOSQUE MÚNIC. SABIÁ	27- BOSQUE BOA VISTA
07- BOSQUE BOUGANVILLE	28- PARQUE ESTRELA DALVA
08- PARQUE CARMO BERNARDES	29- PARQUE MUNIC. OTÁVIO LÚCIO
09- PARQUE MARCOS VEIGA JARDIM	30- PARQUE MUNIC. NOVA ESPERANCA
10- PARQUE MÚNIC. ÁGUA BRANCA	31- PARQUE DA LAGOA
11- PARQUE JOSÉ EDUARDO NASCIMENTO	32- PARQUE MÚNIC. CAROLINA CANDIDA CABRAL
12- PARQUE MÚNIC. VALE DOS SONHOS	33- PARQUE MÚNIC. TAQUARAL
13- PARQUE MÚNIC. ITATIAIA	34- PARQUE BERNARDO ÉLIS
14- PARQUE MÚNIC. BALNEÁRIO	35- PARQUE DA VIZINHANCA FAICALVILLE
15- PARQUE MÚNIC. RESICENCIAL ITALIA	36- PARQUE MACAMBIRA
16- PARQUE HUGO DE MORAIS	37- PARQUE LINEAR MACAMBIRA ANINCUNS
17- PARQUE MÚNIC. ITAMARACÁ	38- PARQUE CASCAVEL
18- PARQUE MÚNIC. GENTIL MEIRELES	39- PARQUE MÚNIC. BALIZA
19- PARQUE LEOLÍDIO DI RAMOS CAIADO	40- PARQUE ITAIPU
20- BOSQUE DO CAFÉ	41- BOSQUE DOS BURITIS (FECHADO À NOITE)
21- PARQUE MÚNIC. IOLANE PRUDENTE MARQUES	42- PARQUE AREIÃO (FECHADO À NOITE)

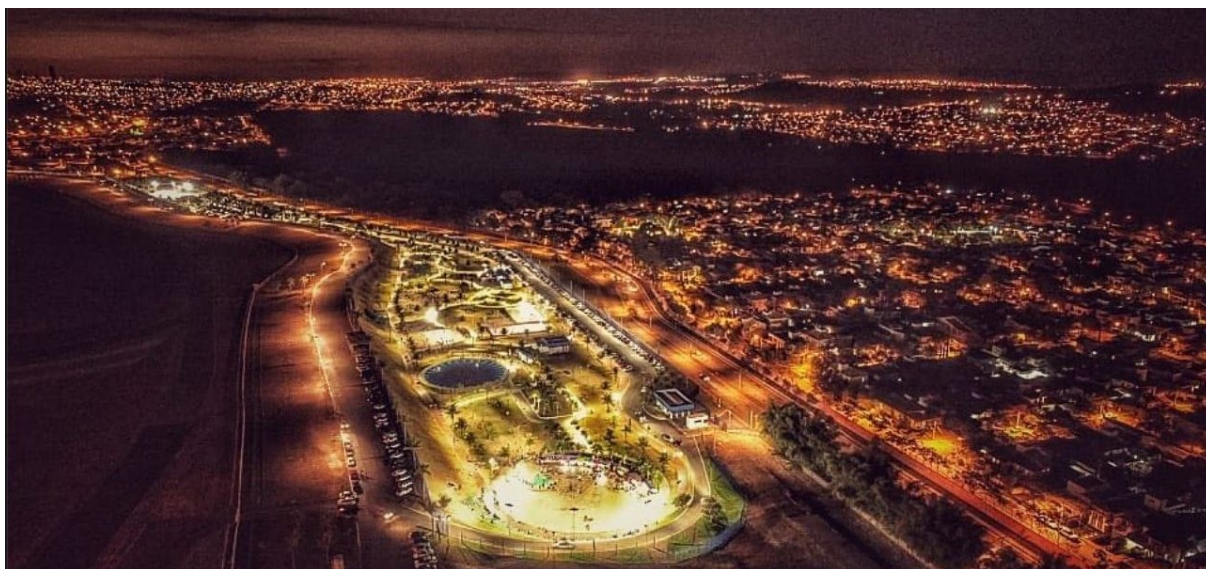
0 2.5 5 7.5 km

Fonte: Autora

Os parques localizados fora das regiões mais centrais da cidade são por vezes a única alternativa como espaço apropriado ao convívio público à população residente no entorno e revelam a carência de outras estruturas.

Dentre os parques existentes, o parque Marcos Veiga Jardim, localizado próximo aos limites de Goiânia com acesso principal pela GO-020, está em uma área cercada por condomínios de alto padrão, tais como: Alphaville, Portal do Sol I, Portal do Sol II, Jardins Munique, Residencial Cruzeiro do sul, Residencial Goiás. Ele se difere dos outros parques localizados em áreas mais afastadas, por contar com uma excelente infraestrutura com pista de caminhada, pista de patinação, quadras poliesportivas, pista de skate, teatro de arena e lanchonetes. O espaço é delimitado com grades e possui funcionamento até às 23 horas durante todos os dias da semana.

Figura 24 - Parque Marcos Veiga Jardim à noite



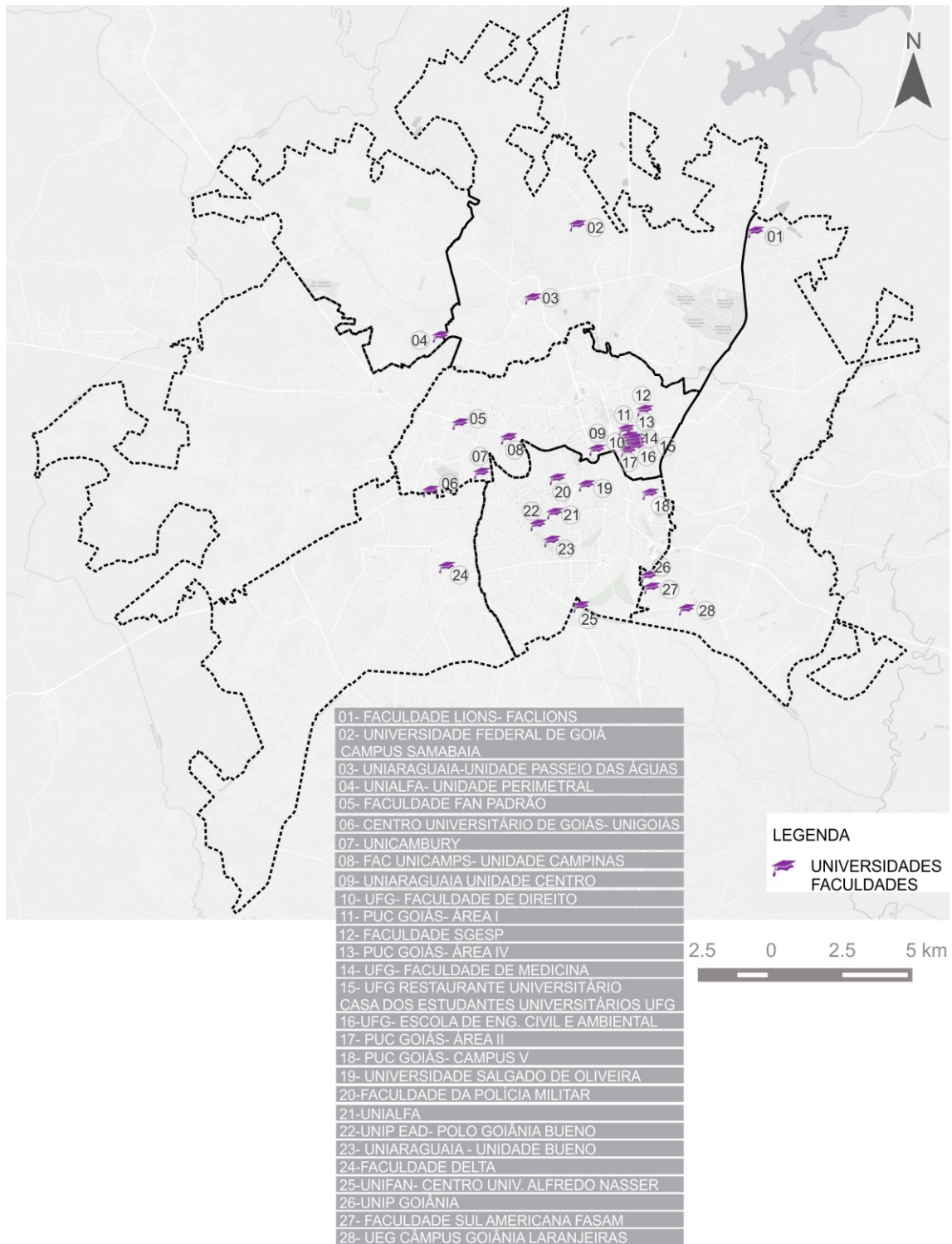
Fonte: Alexandre Rodrigues

Outra observação relevante, é que em sua maioria os parques possuem equipamentos para diferentes práticas como quadras, pistas de skate, pista de caminhada, ciclovias e mobiliário em bom estado de conservação que favorecem a permanência dos usuários inclusive à noite.

4.1.3 Universidades e Faculdades

O campus da Pontifícia Universidade Católica de Goiás esta distribuído em várias áreas, cada uma ocupando uma quadra ao redor da Praça Universitária. Por esse motivo, optou-se por marcar cada uma dessas unidades de ensino superior.

Mapa 4 - Instituições de Ensino Superior com funcionamento noturno

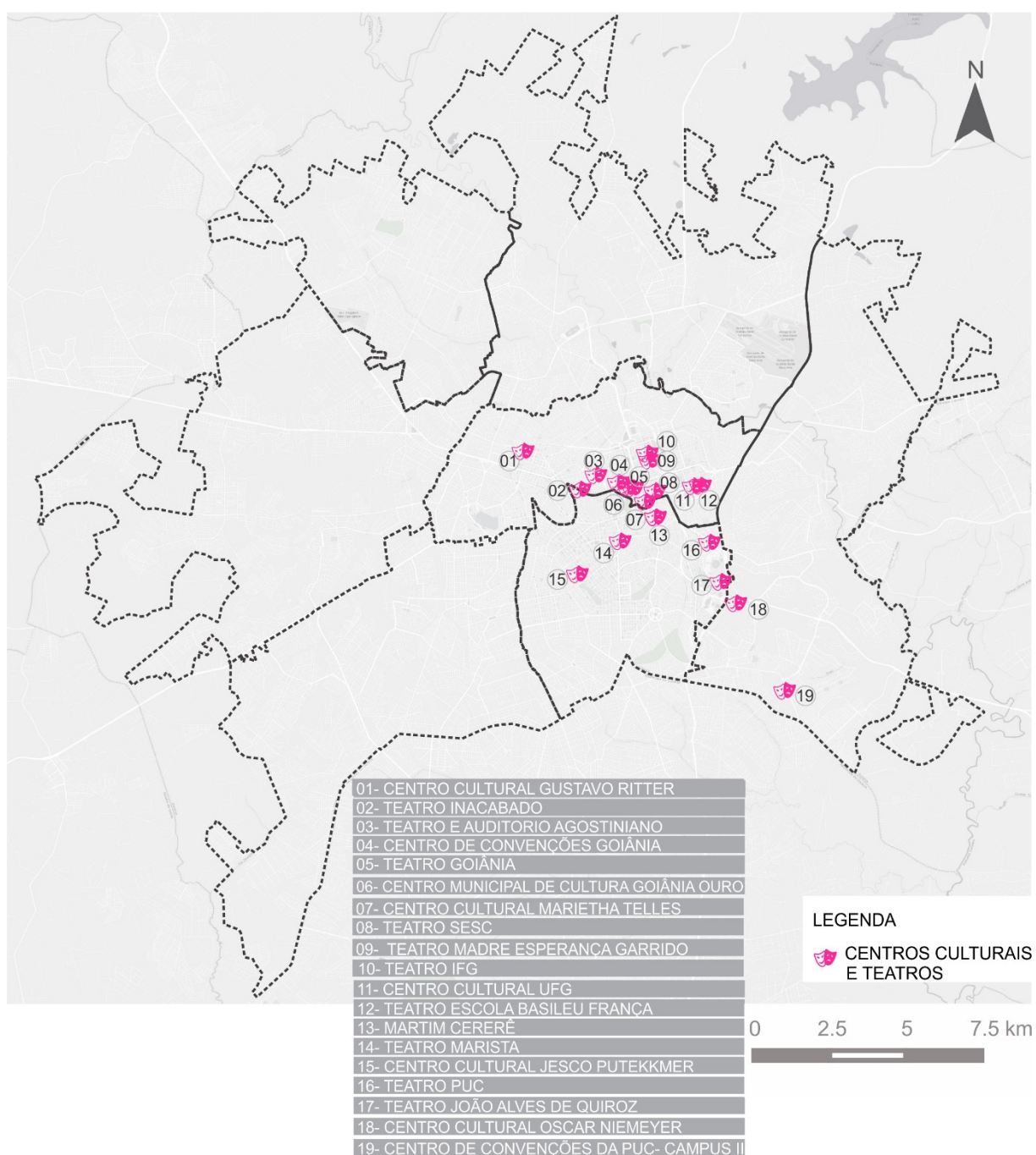


Fonte: Autora

4.1.4 Teatros e Centros Culturais

No mapa aparecem os Teatros e Centros Culturais ativos, ainda que estejam temporariamente com suas atividades suspensas.

Mapa 5 - Teatros e Centros Culturais

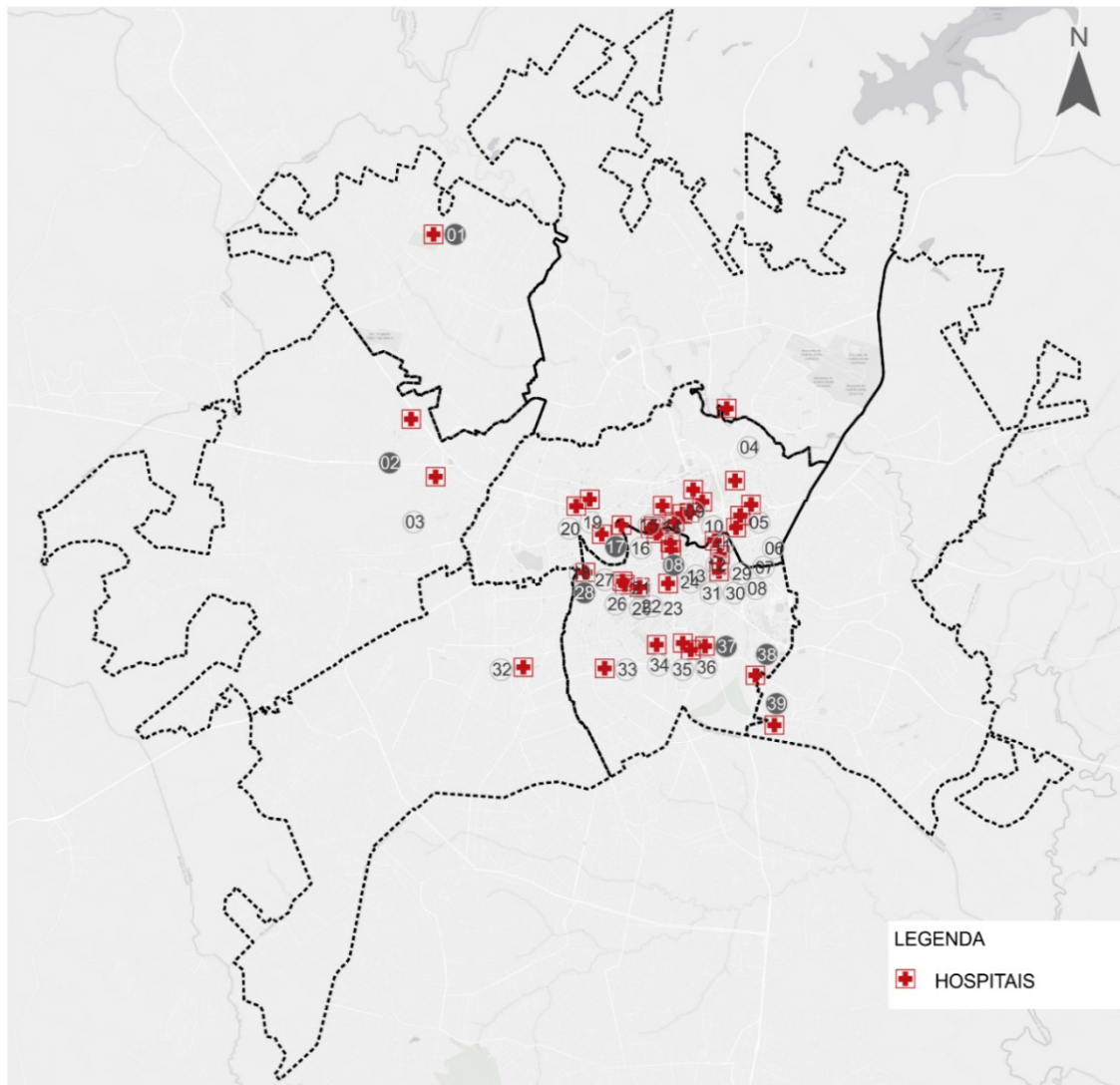


Fonte: Autora

4.1.5 Hospitais e Clínicas

Em destaque na legenda, em cor cinza escuro, aparecem as unidades de saúde com atendimento público.

Mapa 6 - Hospitais e clínicas com funcionamento noturno



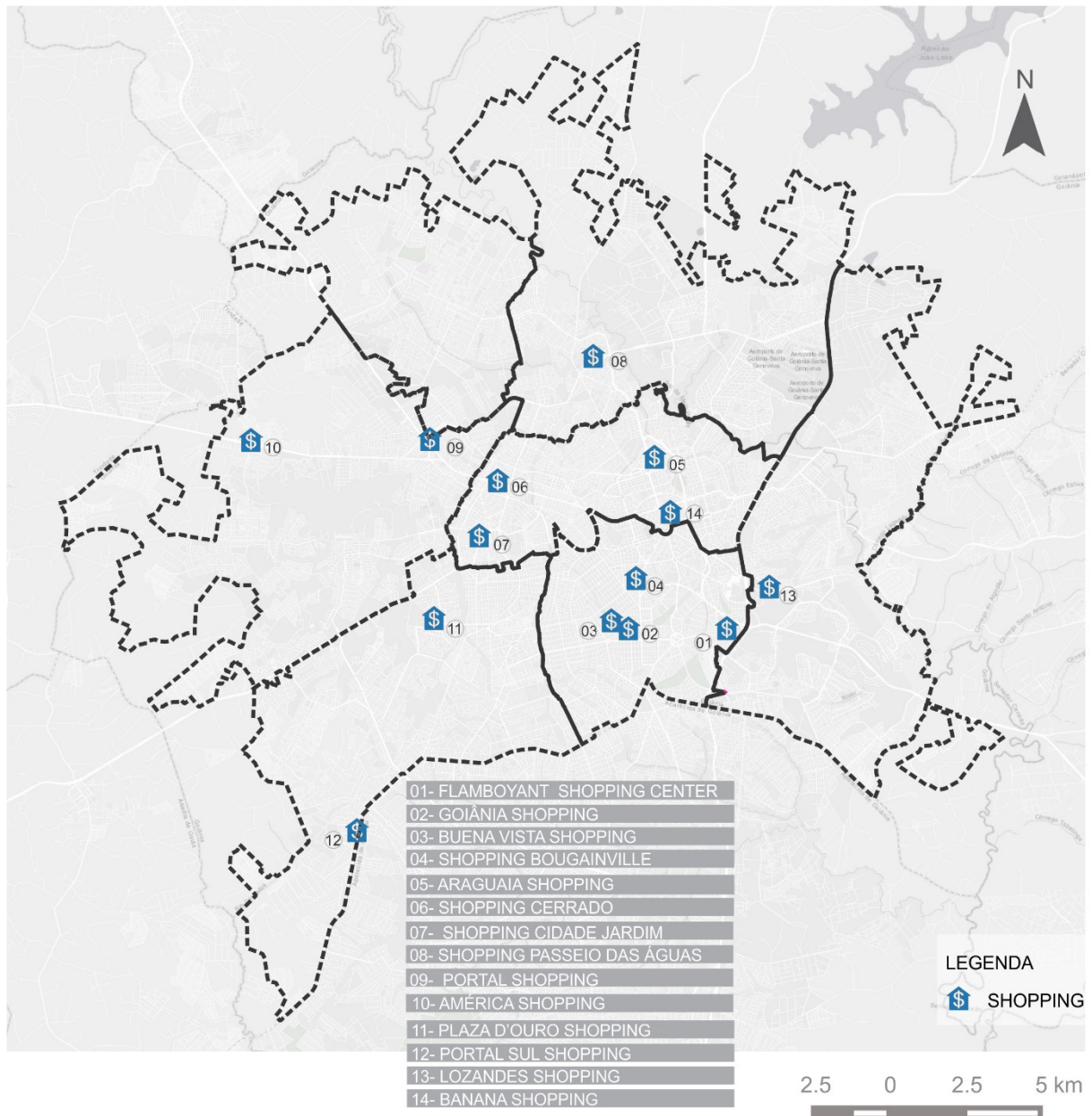
01- MATERNIDADE NASCER CIDADÃO	20-HOSPITAL SANTA ROSA
02- HUGOL- HOSPITAL DE URGÊNCIAS GOVERNADOR OTÁVIO LAJE SIQUEIRA	21-HOSPITAL DO CORAÇÃO ANIS RASSI
03- HOSPITAL RUY AZEREDO	22-HOSPITAL SDE QUEIMADURAS
04- HOSPITAL SANTA GENOVEVA	23-HOSPITAL DO CORAÇÃO DE GOIÁS
05- HOSPITAL E MATERNIDADE VILA NOVA	24-HOSPITAL RENAISSANCE
06- HOSPITAL GOIÂNIA LESTE	25-INSTITUTO ORTOPÉDICO DE GOIÂNIA
07- HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UFG/	26-IRG- HOSPITAL DO RIM DE GOIÂNIA
08- ACCG- HOSPITAL ARAUJO JORGE	27-INSTITUTO DE NEUROLOGIA DE GOIÂNIA
09- HOSPITAL SANTA MARTA	28-SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE GOIÂNIA
10- HOSPITAL DE ACIDENTADOS CLINICA ST.ª ISABEL	29-HOSPITAL SANTA HELENA
11- HOSPITAL JACOB FACURI	30-MATERNIDADE MODELO
12- HOSPITAL SANTA CATARINA	31-HOSPITAL DA CRIANÇA
13- HOSPITAL SÃO LUCAS	32-HOSPITAL SANTA BARBARA
14- HOSPITAL DA MULHER	33-PRONTO SOCORRO HOSPITAL E MATERNIDADE JARDIM AMÉRICA
15-ELA MATERNIDADE	34-HOSPITAL AMPARO
16-HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS	35-HOSPITAL CLIAME
17- HOSPITAL MATERNO INFANTIL	36-HOSPITAL LUCIO RABELO
18- HOSPITAL SAMARITANO DE GOIÂNIA	37-HOSPITAL DE URGÊNCIAS DE GOIÂNIA
19- HOSPITAL INFANTIL DE CAMPINAS	38-HOSPITAL E MATERNIDADE DONA IRIS
	39-HOSPITAL DE DOENÇAS TROPICAIS-HDT

Fonte: Autora

4.1.6 Shoppings

Esses locais são considerados neste estudo, por dispor em suas instalações um número considerável de comércio e serviços, entre eles os cinemas. Grande parte desses empreendimentos possuem salas de cinema, exceto o América Shopping, na região oeste, o Plaza d'ouro, na região sudoeste e o Lozandes Shopping, na região leste.

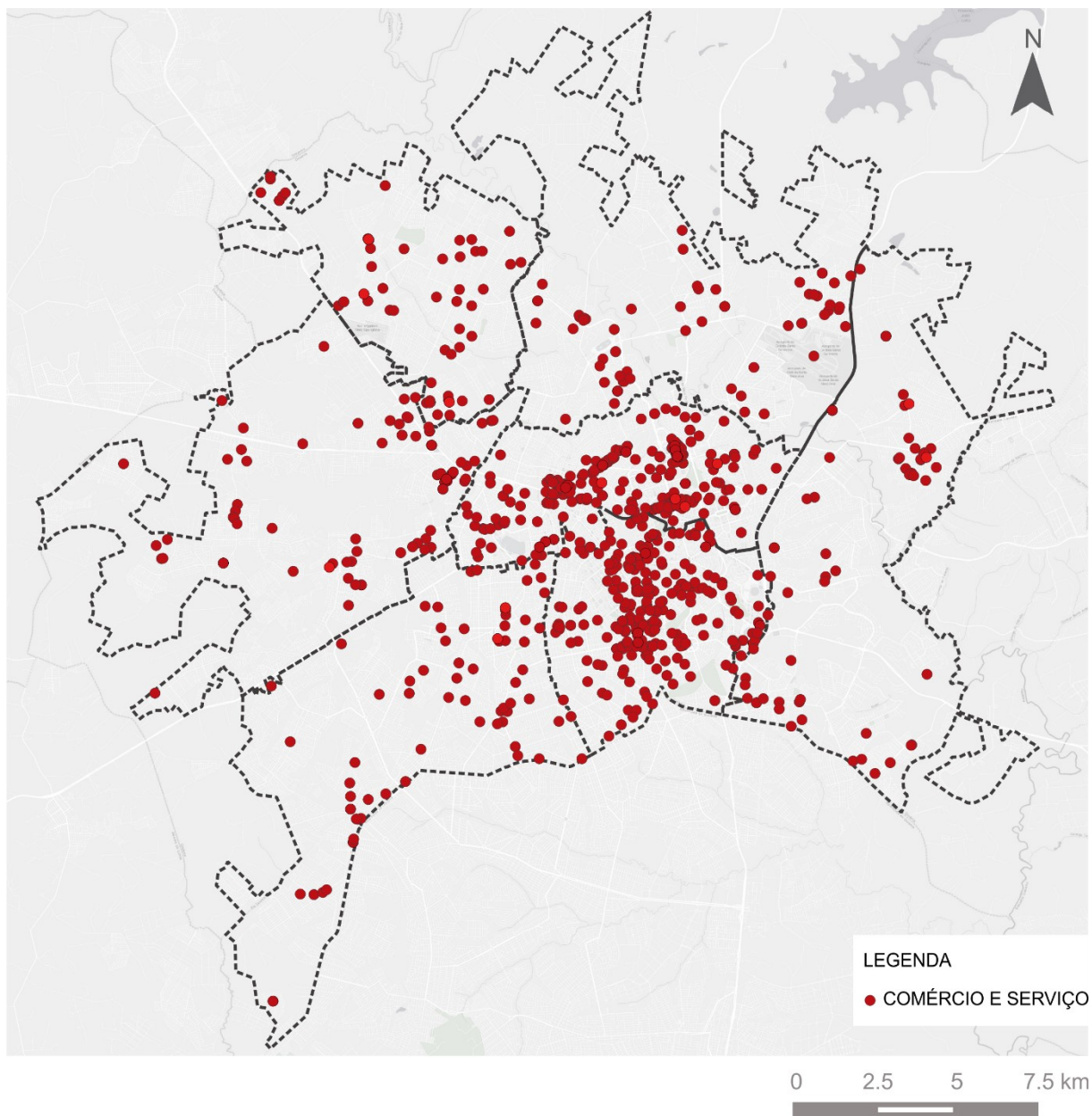
Mapa 7 - Shoppings com funcionamento noturno



Fonte: Autora

4.1.7 Comércio e serviço

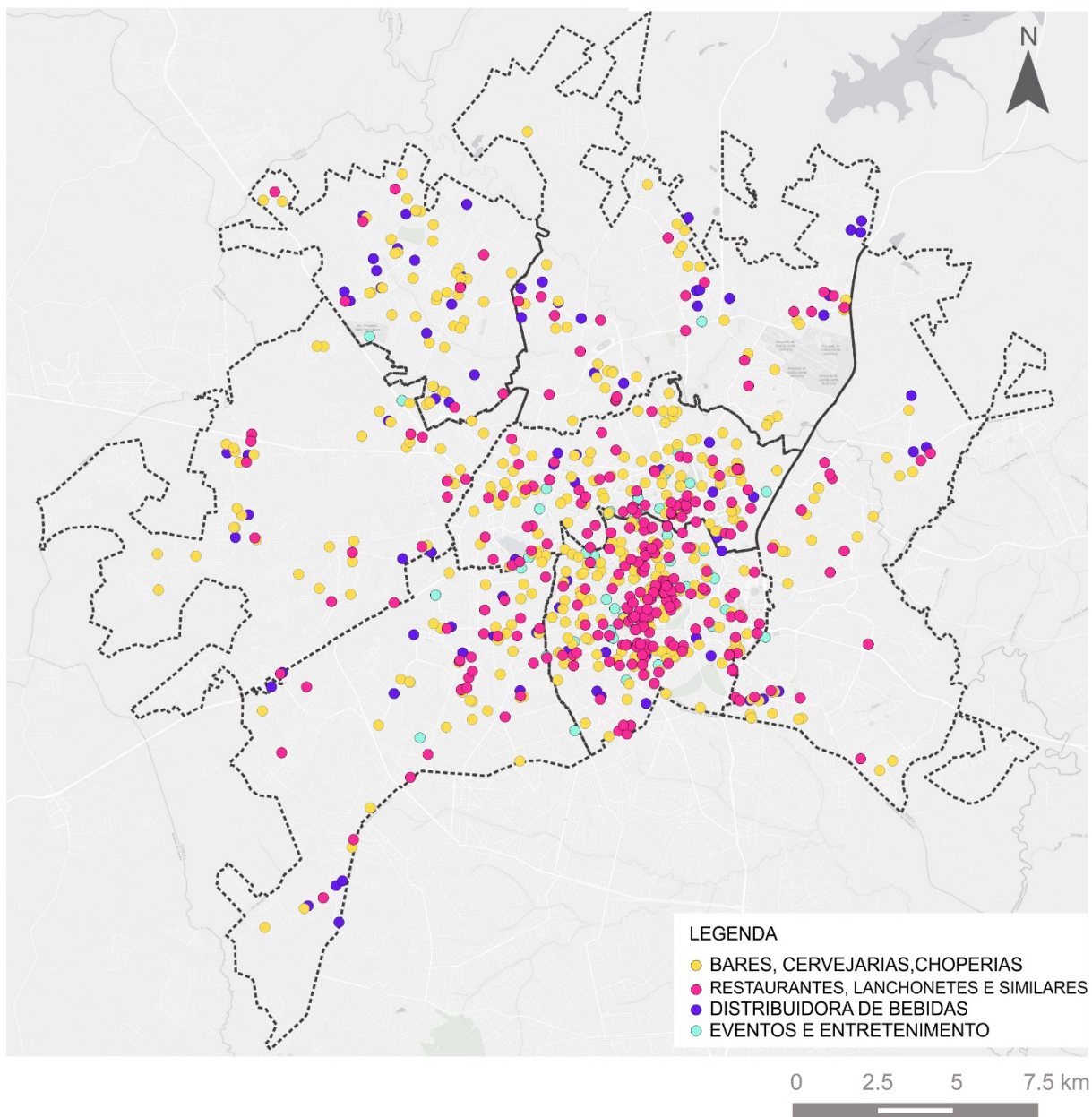
Mapa 8 - Comércio e Serviço com funcionamento noturno



Fonte: Autora

Esses usos foram separados do mapa de comércio e serviço, por estarem ligados à vida boêmia.

Mapa 9 - Comércio e serviços de alimentos, bebidas e entretenimento



Fonte: Autora

4.1.8 Sobreposição das atividades

O reconhecimento do espaço a partir do mapeamento das atividades supracitadas permitiu observar quais setores da cidade possuem maior concentração de atividades à noite, se há um agrupamento ou polarização, ou seja, como podemos decodificar a distribuição espacial dessas atividades na cidade de Goiânia para reconhecer as centralidades funcionais noturnas.

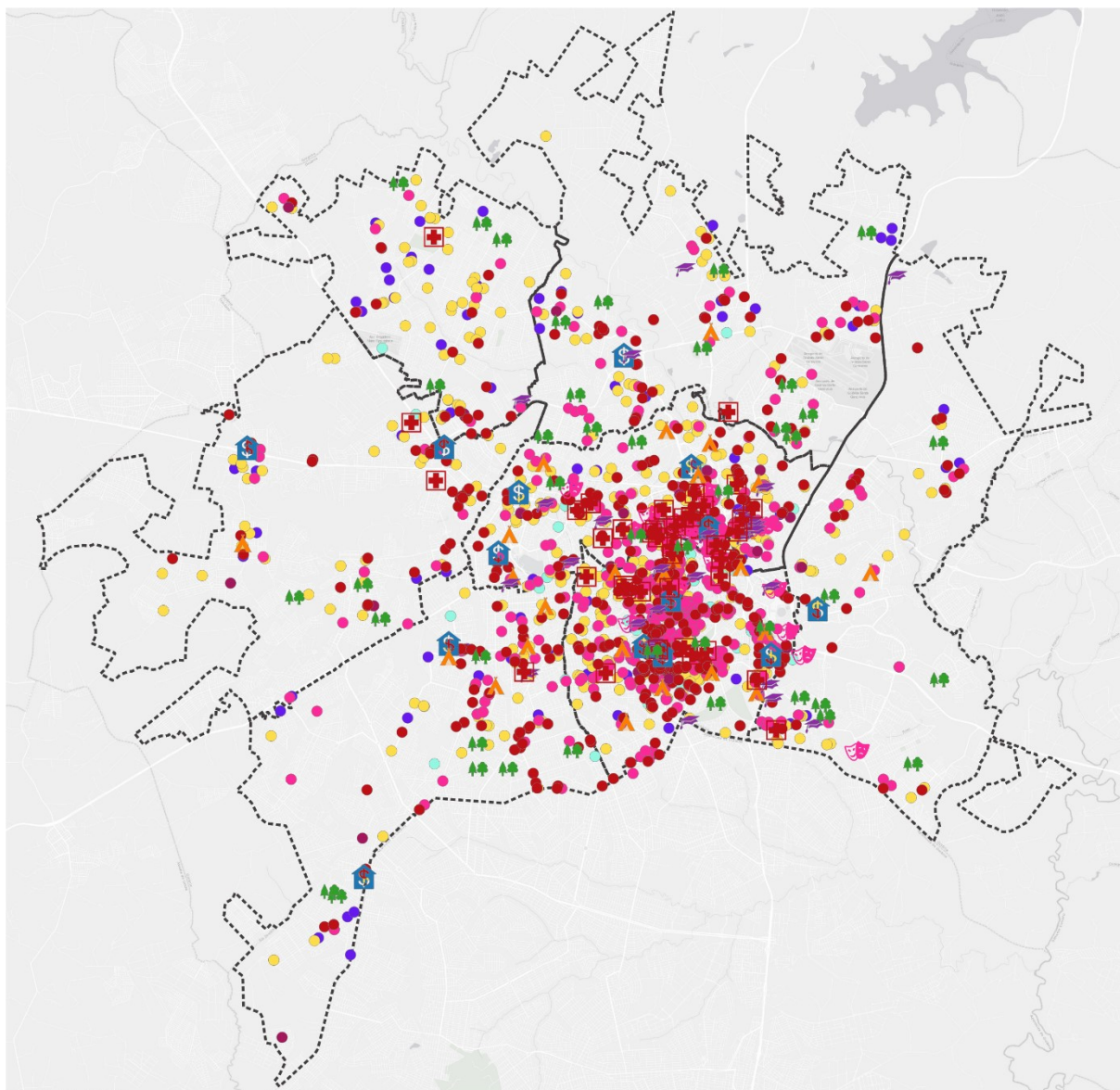
Estima-se que tais centralidades funcionais noturnas possam ser resultantes da convergência e concentração de pessoas e fluxos para um determinado local, para usufruir das atividades ligadas ao setor terciário. Assim, caberiam, além das atividades associadas à boemia, aquelas relacionadas a práticas diárias: ir aos supermercados, academias, lojas de departamentos, shoppings, cursos ou universidades, como também para desfrutar das práticas culturais e de lazer, sejam elas desenvolvidas em espaços públicos ou privados.

Quando um local possui à sua disposição várias categorias de atividades com valores elevados de concentração, observa-se que cada uma delas, com sua dinâmica de dias de funcionamento, público e demanda, potencializa a sua manutenção como ponto de convergência. Serão classificadas neste estudo, como uma centralidade noturna diversificada.

Por outro lado, um ponto da cidade que passa a ser frequentado pelo reconhecimento em agrupar um tipo de uso em específico durante a noite e torna-se uma referência ao contexto urbano, aqui será tratado aqui como uma centralidade noturna especializada.

Nota-se que há uma centralização de usos na região central e sul da cidade (Mapa 10 e Tabela 1), nas quais estão localizados os bairros consolidados da capital. Esses locais também são pontos de convergência durante o horário comercial, concorrendo com outras áreas da cidade, o que contribui para que haja uma distribuição mais equilibrada durante o dia. Porém, no período noturno, a centralização de atividades diversificadas está restrita a essas regiões de Goiânia, acentuando a demanda e os deslocamentos.

Mapa 10 - Mapa com sobreposição de todos os usos noturnos identificados



LEGENDA

- 🌳 PARQUES
- 🏠 FEIRAS NOTURNAS
- 🏥 HOSPITAIS E CLÍNICAS
- 🎓 UNIVERSIDADES/ FACULDADES
- 🎭 CENTROS CULTURAIS E TEATROS
- 💰 SHOPPINGS
- 🟡 BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
- 🟠 RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
- 🟢 DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
- 🟣 EVENTOS E ENTRETENIMENTO
- 🔴 COMÉRCIO E SERVIÇO

0 2.5 5 7.5 km

Fonte: autora

Tabela 1- Concentração dos usos por região

REGIÕES	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (%)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (%)	FEIRAS ESPECIAIS (%)	SHOPPINGS (%)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (%)	PARQUES (%)
SUL	35,13	58,24	56,25	36,82	46,15	20,69	40	28,57	26,32	10,00
CENTRAL	23,06	17,58	27,08	20,37	38,46	51,72	32	28,57	63,16	7,50
SUDOESTE	9,91	7,91	8,33	12,71	2,56	3,45	16	14,29	0,00	17,50
NOROESTE	8,84	1,76	2,08	7,66	2,56	3,45	0	0,00	0,00	10,00
LESTE	7,11	4,62	0,00	5,61	2,56	13,79	4	7,14	10,53	17,50
NORTE	7,33	6,81	2,08	9,91	2,56	6,90	4	7,14	0,00	30,00
OESTE	8,62	3,08	4,17	6,92	5,13	0,00	4	14,29	0,00	7,50

Fonte: autora

Ao analisar as porcentagens tendo como referência os valores encontrados para Goiânia, notou-se que os setores Central e Bueno preenchem todos os usos observados, e com valores expressivos para toda a capital. São, portanto, considerados como centralidades funcionais diversificadas em Goiânia.

Ao cair da noite, no Setor Bueno, os edifícios com atividade de escritórios dão lugar aos barzinhos e restaurantes para o *happy hour*. Das ruas e avenidas é comum observar as diversas janelas dos edifícios de apartamentos residenciais com as luzes acesas. E, se necessário for, os moradores do entorno têm ao alcance, muito próximos, farmácias, supermercados, academias, dentre outros serviços.





Nos dois shoppings instalados no setor, o Buena Vista e o Goiânia Shopping, é possível esbarrar com pessoas de outros bairros da capital, consumindo os serviços diversificados dessa tipologia comercial. Há quem prefira utilizar o tempo livre nas noites para dar uma volta no Parque Vaca Brava, que fica logo em frente ao Goiânia Shopping, ou aproveitar para visitar a feira da OVG às quartas. Na prática, o Bueno é uma centralidade funcional diversificada expressiva para Goiânia.

Durante o dia, o Setor Central é um grande centro comercial da cidade. Nele encontramos lojas de varejo, cartórios e tabelionatos, agências bancárias, lanchonetes, restaurantes e vários outras atividades que se espalham pelas avenidas Anhanguera, Goiás, e demais ruas que originaram a cidade. O Shopping Araguaia tem o uso compartilhado com a rodoviária da cidade, e nas imediações com o Setor Norte Ferroviário temos uma sucessão de galerias de confecção que atraem lojistas de todo o Brasil.

À noite em toda a região central, há uma desaceleração do ritmo, alguns comércios continuam em funcionamento, mas em um número bem reduzido se comparado ao fluxo intenso da vida diurna. Enquanto as galerias são fechadas, as bancas são montadas na Praça do Trabalhador para darem início à feira da madrugada todas as quintas-feiras. Ainda assim, as noites no

Setor Central são importantes para a população vivenciar a cultura da cidade e poder conferir a arquitetura Art Decó sob as luzes artificiais. É nesse bairro que se encontra o maior número de teatros e centros culturais da cidade, cerca de 37 % em relação ao total.

Tabela 2- Centralidades funcionais e diversificadas noturnas identificadas.

BAIRROS										
	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
ST. BUENO	4,74	10,33	16,33	8,41	4,00	3,00	1,00	2,00	1,00	1,00
ST. CENTRAL	4,31	4,62	6,12	5,61	5,00	1,00	1,00	2,00	7,00	1,00

Fonte: autora

O Setor Vila Nova, situado na região central, surgiu com a ocupação de operários que trabalharam na construção de Goiânia. É um bairro predominantemente residencial, com poucas verticalizações, composto de comércios e serviços com o alcance mais local.

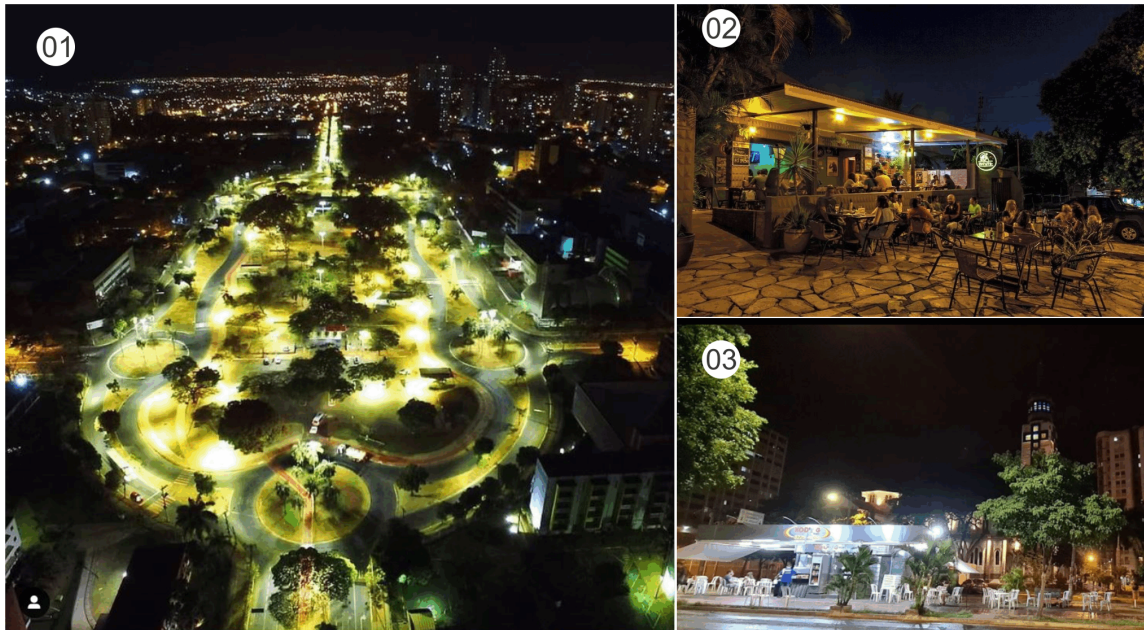
O Setor Sul, que é inspirado nas cidades jardins, possui muitas vias sem saídas (em desenho *cul-de-sac*), sendo assim, costuma ser mais acessado pelos moradores do bairro. Algumas casas noturnas localizadas no setor foram fechadas durante a pandemia, entretanto, o Centro Cultural Martim Cererê é um dos poucos locais que ainda continuam abertos e oportuniza momentos de cultura e shows nas noites goianas.

Outros bairros dentro das regiões central e sul, se destacam pela concentração de um tipo de uso em específico.

No Setor Universitário, localizado na região central, por exemplo, há um grande agrupamento de instituições de ensino superior da rede pública e particular em torno ou próximos à Praça Universitária. Em média são 30 (trinta) cursos ofertados no período noturno, esse uso atrai um público expressivo para essa área da cidade durante a noite, e sustenta uma posição de importância para toda a capital; é um vai e vem constante de estudantes e servidores no decorrer da semana. Em consequência dessa agitação, surgiram vários estabelecimentos que apoiam o funcionamento das universidades e movimentam o entorno. O canteiro da Avenida 10 que conecta a Praça Cívica à Praça Universitária, é ocupado por lanchonetes habitualmente abertas até a madrugada. Além disso, é possível encontrar muitos barzinhos e algumas fotocopiadoras pela região.

Na Tabela 3 é possível observar os valores de alguns bairros do Setor Central, as porcentagens contidas nessa tabela, referem-se ao valor total em referência para toda a cidade.

Figura 25 - Setor Leste Universitário



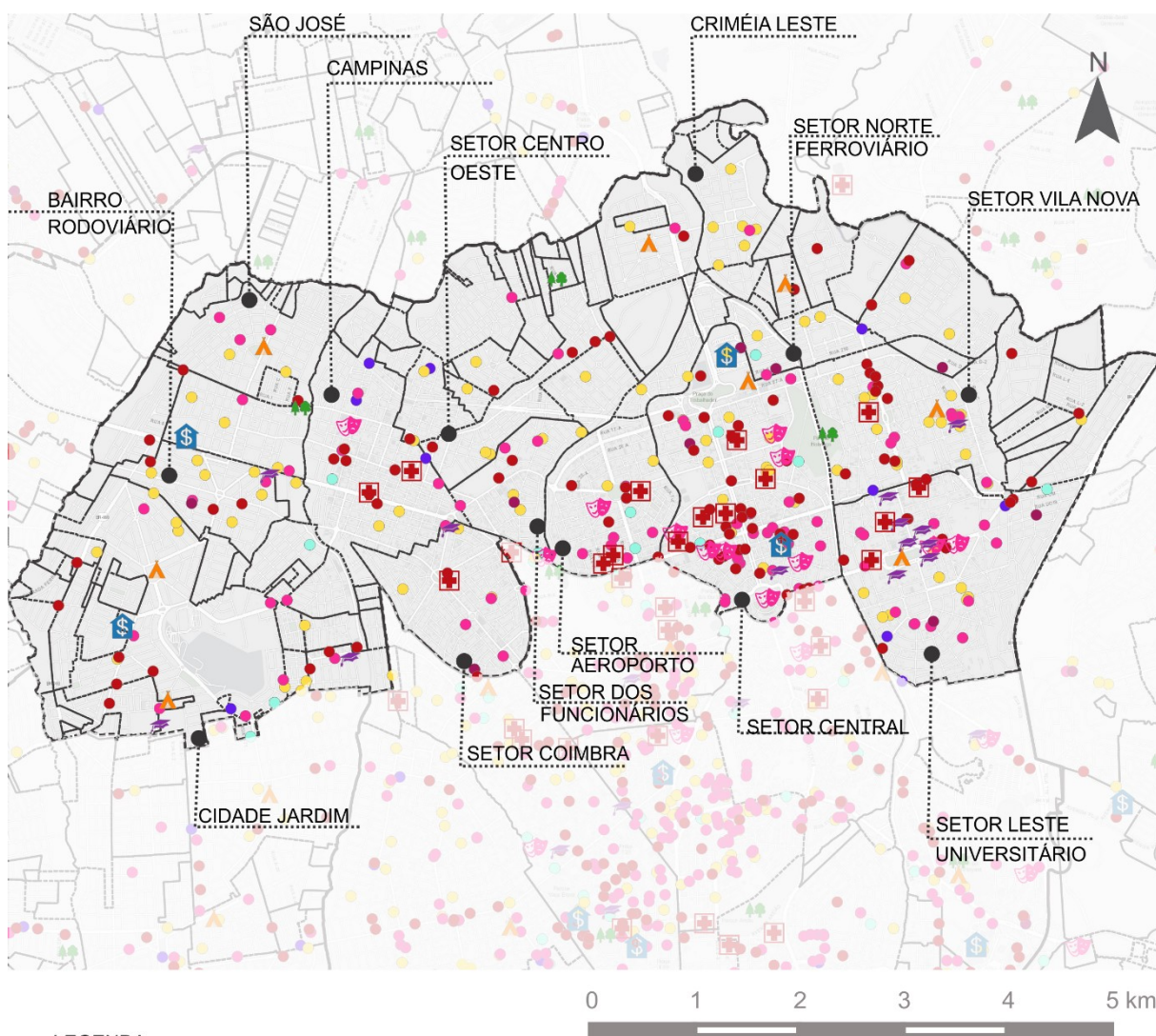
Fonte: 01-Artur Lovo, 02 e 03 desconhecidos

Tabela 3- Concentração dos usos na Região Central

BAIRROS	●	●	●	●	+	🎓	🏠	🏠	🎭	🌳
	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
ST UNIVERS. CAMPINAS	2,37	2,64	2,04	2,62	3/39	8/28	1/25	0/14	2/19	0/42
ST AEROPORTO	0,43	0,88	4,08	1,68	2/39	0/28	0/25	0/14	1/19	0/42
ST. VILA NOVA	0,86	1,32	4,08	1,12	3/39	0/28	0/25	0/14	1/19	0/42
	3,45	1,54	0,00	1,87	1/39	1/28	0/25	0/14	0/19	0/42

Fonte: autora

Mapa 11 - Região Central com sobreposição de todos os usos identificados



LEGENDA

- 🌳 PARQUES
- 📍 FEIRAS NOTURNAS
- 🏥 HOSPITAIS E CLÍNICAS
- 🎓 UNIVERSIDADES/ FACULDADES
- 🎭 CENTROS CULTURAIS E TEATROS
- 💰 SHOPPINGS
- 🍷 BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
- 🍽️ RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
- 🍹 DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
- 🎉 EVENTOS E ENTRETENIMENTO
- 🛍️ COMÉRCIO E SERVIÇO

Fonte: autora

Enquanto isso, na região sul a vida noturna em Goiânia é muito conhecida pelos badalados pubs e barzinhos. O Setor Marista é um dos setores mais procurados para o desfrute da boemia na capital, justamente pela concentração desse tipo de estabelecimento. As análises mostraram que 8,19% dos bares, choperias e cervejarias, e 13,85% de restaurantes e estabelecimentos voltados para o comércio e serviço de alimentos estão localizados nesse

setor e possuem os valores mais altos para esse ramo em toda a capital. Aos finais de semana, esse bairro passa a ser frequentado por pessoas de várias faixas etárias, à disposição locais com valores médios e altos de consumo, nem sempre acessíveis a todos os públicos.

Em complemento, o Setor Oeste, vizinho ao Setor Marista, dispõe de uma série de bares e restaurantes. Nesse bairro é relativamente interessante se observar o desenvolvimento e manutenção dos espaços públicos na noite urbana da cidade contemporânea, especialmente pela apropriação das praças públicas e as ruas nos seus arredores para a formação das feiras especiais noturnas, a feira da Lua e a Feira do Sol, que são uma atração à parte nas noites aos finais de semana. A inclusão dessas atividades, como atratividade do bairro, amplia as opções de lazer e consumo da população.

Com a concentração de 6,90% de estabelecimentos para o consumo de bebidas alcoólicas, o Jardim América ocupa a segunda posição nesse segmento, estando atrás apenas do Setor Marista, e é uma alternativa para os notívagos da capital.

O Jardim Goiás, apesar de conter uma menor quantidade de usos relacionados ao comércio e serviços, é um local importante no contexto da capital. O setor reúne lojas de departamentos, hipermercados, o Shopping Flamboyant, um dos maiores da cidade, o Parque Flamboyant, além de teatros e do Estádio Serra Dourada. Todos os equipamentos estão localizados em um raio muito próximo, contribuindo na vitalidade da noite goiana.

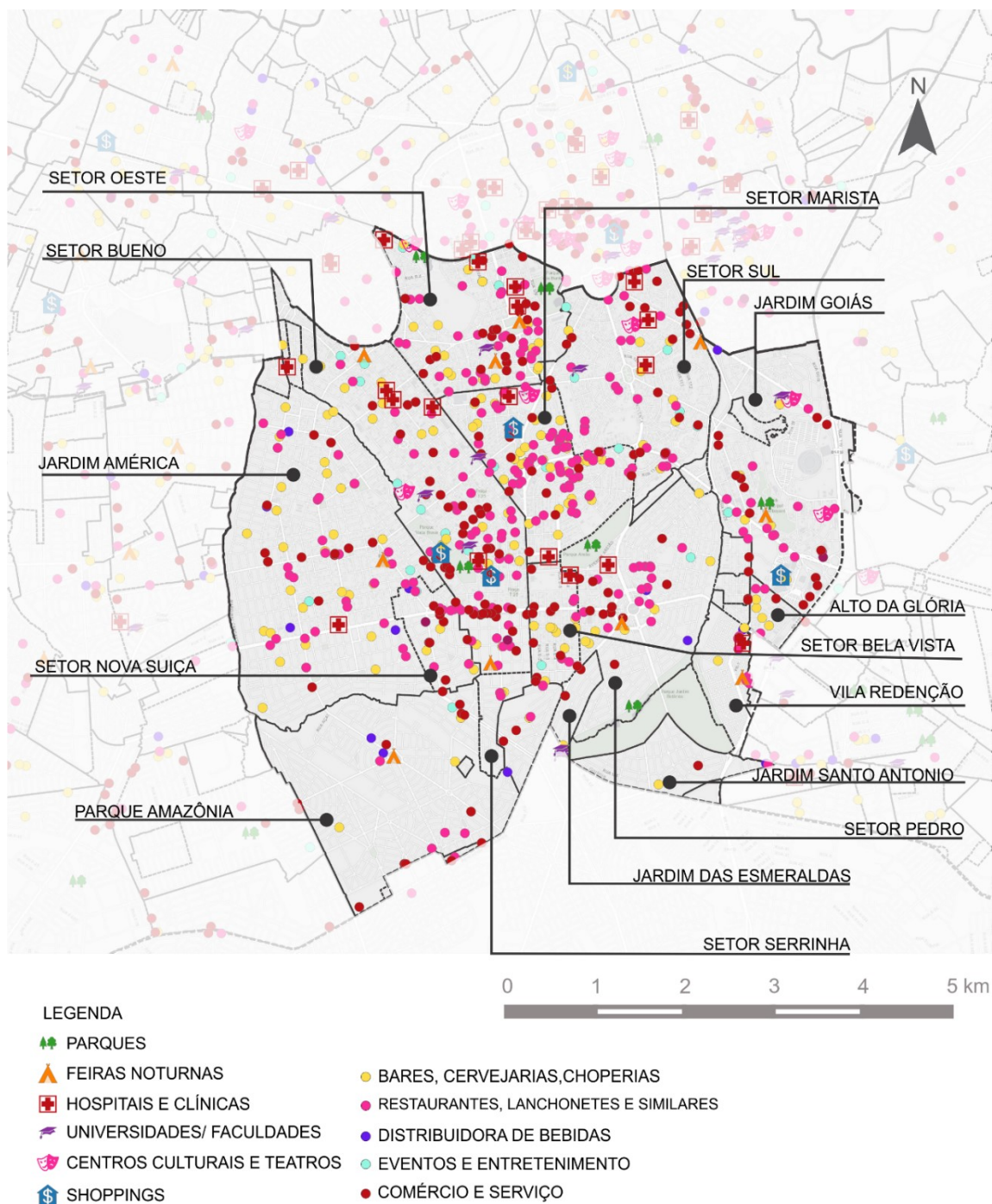
Na Tabela 4, os valores em porcentagens foram calculados tendo por base o valor total de cada uso em relação a toda a cidade.

Tabela 4 - Concentração dos usos na Região Sul

BAIRROS	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
ST. OESTE	4,31	7,69	6,12	3,93	4/39	1/28	2/25	0/14	0/19	1/42
MARISTA	8,19	13,85	6,12	2,99	2/39	0/28	0/25	1/14	1/19	0/42
JD GOIÁS	1,08	4,18	4,08	2,62	0/39	1/28	1/25	1/14	2/19	1/42
ST. SUL	2,16	4,84	10,20	3,55	3/39	1/28	1/25	0/14	1/19	0/42
JD AMÉRICA	6,90	6,15	4,08	3,55	1/39	0/28	1/25	0/14	0/19	0/42

Fonte: autora

Mapa 12 - Região Sul com sobreposição de todos os usos identificados



Fonte: autora

Nas outras regiões os usos estão mais dispersos e as atividades relacionadas ao setor terciário aparecem em uma escala que parece ser mais apropriada para suprir as demandas do próprio bairro. Nas análises que seguem, tentou-se observar a coesão das atividades dentro de cada região, percebendo-as como locais potenciais à manutenção da vida noturna. As tabelas resumem os bairros com maior concentração de atividades, tendo como valor referencial, para os cálculos, o somatório dos usos em relação a região e não mais da cidade.

Ao lado dos valores inteiros, aparecem o total do uso em análise em referência à região conforme a legenda abaixo.

Figura 26 - Legenda

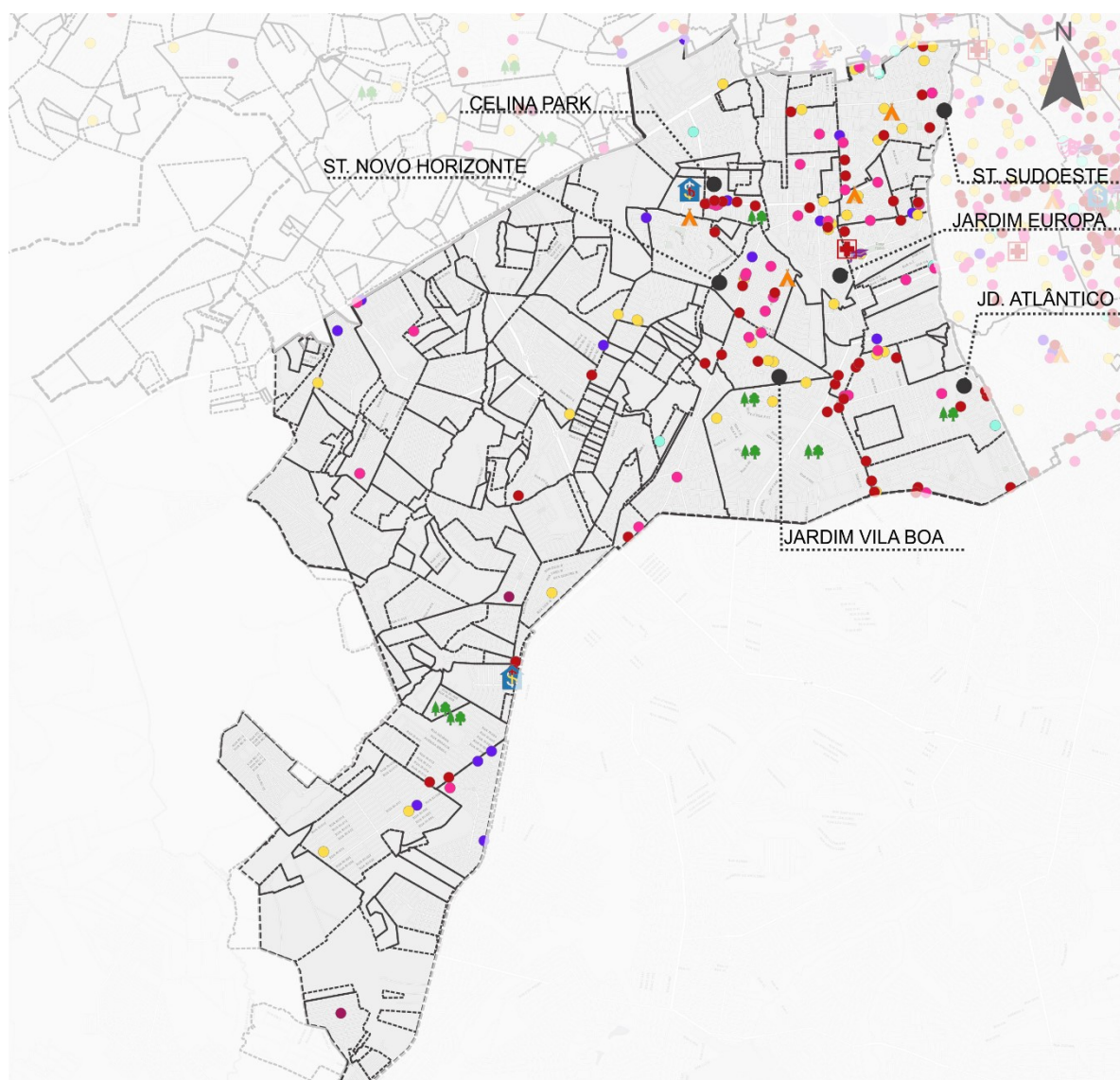
LEGENDA		
X	/	X
↓		↓
Valor do Bairro		Total da Região

Fonte: autora

Os achados apontam para os centros locais. Na Região Sudoeste (Mapa 13): Celina Park, Setor Novo Horizonte, Jardim Europa, Jardim Atlântico, Setor Sudoeste e Jardim Vila Boa. Jardim Novo Mundo, Jardim da Luz, Parque das Laranjeiras e Parque Atheneu, na Região Leste (Mapa 14). Na Região Noroeste (Mapa 16) ficam o Jardim Nova Esperança, Jardim Curitiba e o Conjunto Primavera. A Região Oeste (Mapa 17) possui o Industrial João Braz, Conjunto vera Cruz, Bairro São Francisco e Vila Regina. Finalmente, na Região Norte (Mapa 15): Jardim Balneário Meia Ponte, Setor Urias Magalhães, Vila Itatiaia, Jardim Guanabara, Santa Genoveva (onde está situado o aeroporto internacional), Setor Jaó, Jardim São Judas Tadeu e Loteamento Panorama Parque.

Mapa 13 - Concentração dos usos na Região Sudoeste

BAIRROS	BARES, CERVEJ. CHOP.	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES	EVENTOS E ENTRET.	COMÉRCIO E SERVIÇO	HOSPITAIS CLÍNICAS	UNIVERSIDADE FACULDADE/	FEIRAS ESPECIAIS	SHOPPINGS	TEATROS E CENTROS CULTURAIS	PARQUES
	(%)	(%)	(%)	(%)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)
ST. SUDOESTE	17,39	11,11	0,00	8,82	0/1	0/1	1/4	0/2	0/0	0/7
ST. NOVO HORIZONTE	4,35	11,11	0,00	5,88	0/1	0/1	1/4	0/2	0/0	0/7
ST CELINA PARK	0,00	11,11	0,00	8,82	0/1	0/1	0/4	0/2	0/0	1/7
JD EUROPA	4,35	8,33	0,00	4,41	0/1	0/1	0/4	0/2	0/0	0/7
JD ATLÂNTICO	4,35	11,11	25,00	11,76	0/1	0/1	0/4	0/2	0/0	1/7
JD VILA BOA	10,87	0,00	0,00	2,94	0/1	0/1	0/4	0/2	0/0	0/7



LEGENDA

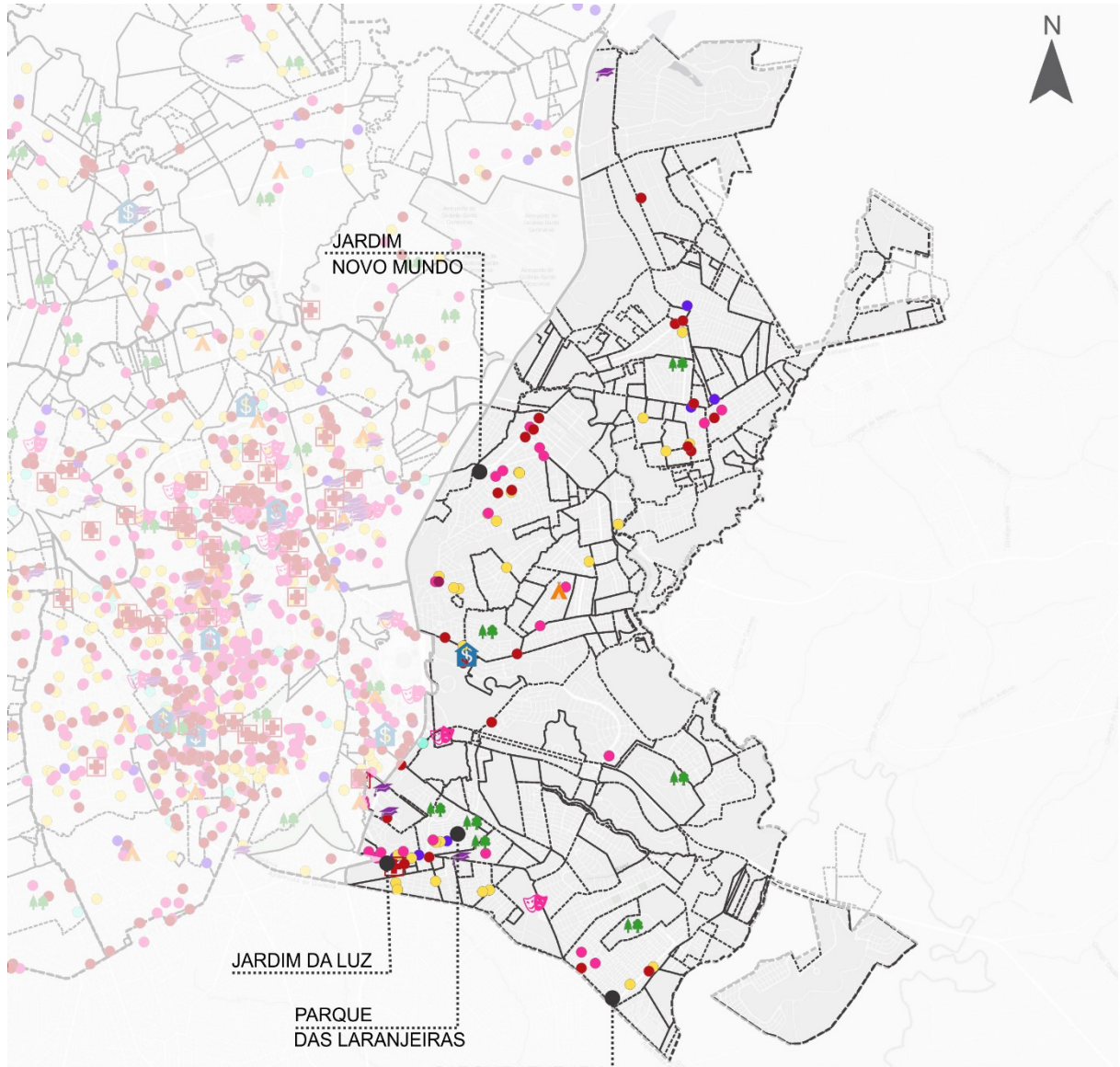
-  PARQUES
-  FEIRAS NOTURNAS
-  HOSPITAIS E CLÍNICAS
-  UNIVERSIDADES/ FACULDADES
-  CENTROS CULTURAIS E TEATROS
-  SHOPPINGS
-  BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
-  RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
-  DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
-  EVENTOS E ENTRETENIMENTO
-  COMÉRCIO E SERVIÇO



Fonte: autora

Mapa 14 - Concentração dos usos na Região Leste

BAIRROS	BARES, CERVEJ. CHOP.	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES	EVENTOS E ENTRET.	COMÉRCIO E SERVIÇO	HOSPITAIS CLÍNICAS	UNIVERSIDADE FACULDADE/	FEIRAS ESPECIAIS	SHOPPINGS	TEATROS E CENTROS CULTURAIS	PARQUES
	(%)	(%)	(%)	(%)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)	(Un)
JD.NOVO MUNDO	21,21	28,57	0,00	23,33	0/1	0/4	0/1	0/1	0/2	0/7
JD. DA LUZ	3,03	9,52	0,00	6,67	0/1	0/4	0/1	0/1	0/2	0/7
PARQUE DAS LARANJEIRAS	6,06	4,76	0,00	3,33	0/1	0/4	0/1	0/1	0/2	3/7
PARQUE ATHENEU	6,06	9,52	0,00	6,67	0/1	0/4	0/1	0/1	0/2	1/7



LEGENDA

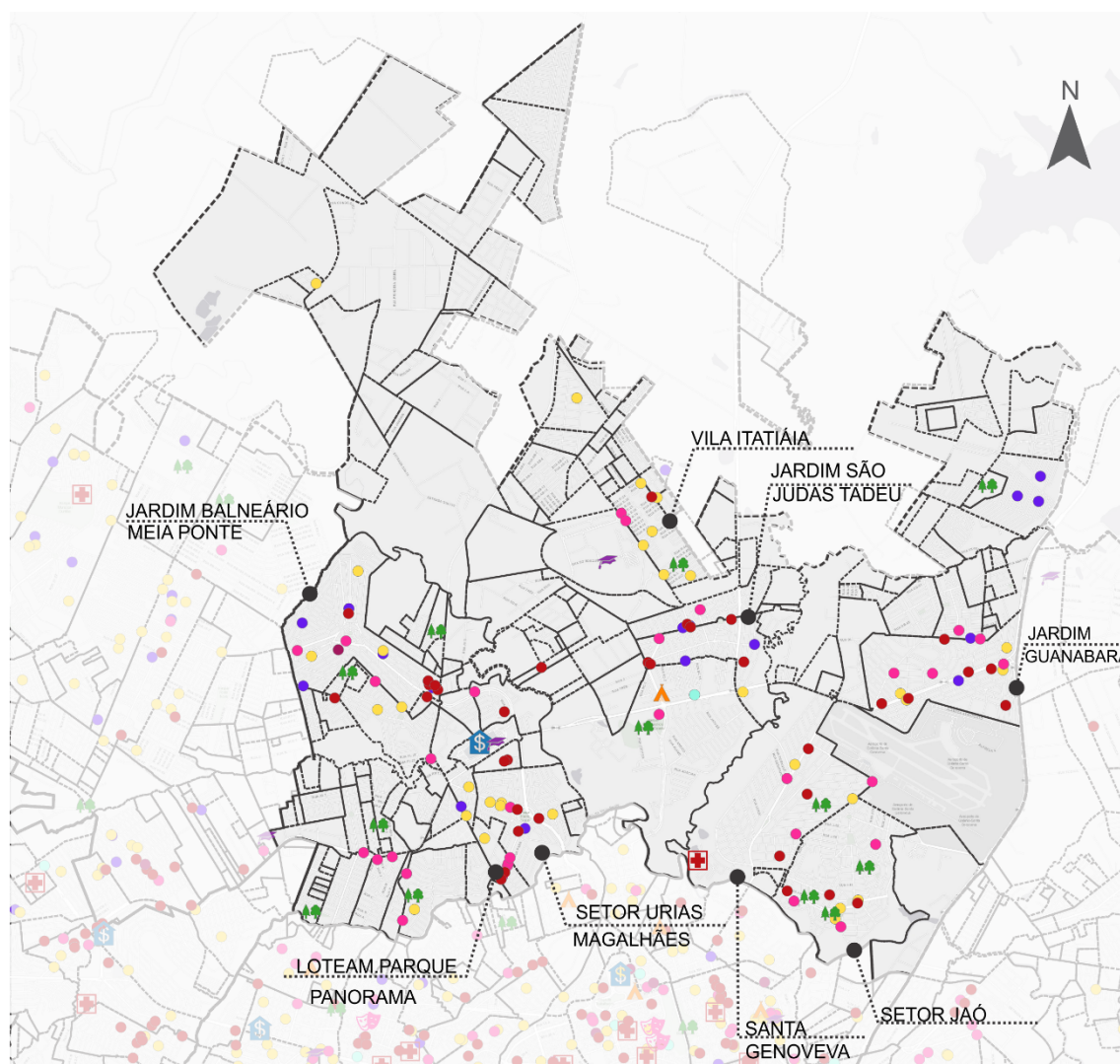
-  PARQUES
-  FEIRAS NOTURNAS
-  HOSPITAIS E CLÍNICAS
-  UNIVERSIDADES/ FACULDADES
-  CENTROS CULTURAIS E TEATROS
-  SHOPPINGS
-  BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
-  RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
-  DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
-  EVENTOS E ENTRETENIMENTO
-  COMÉRCIO E SERVIÇO

0 1 2 3 4 5 km

Fonte: autora

Mapa 15 - Concentração dos usos na Região Norte

BAIRROS	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
JD. BALNEÁRIO MEIA PONTE	8,82	6,45	0,00	11,32	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	0/12
ST. URIAS MAGALHÃES	11,76	6,45	0,00	5,66	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	0/12
VILA ITATIAIA	14,71	6,45	0,00	1,89	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	1/12
JD GUANABARA	11,76	9,68	0,00	11,32	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	0/12
SANTA GENOVEVA	8,82	6,45	0,00	5,66	1/1	0/2	0/1	0/1	0/0	1/12
ST JAÓ	8,82	9,68	0,00	5,66	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	3/12
JD. SÃO JUDAS TADEU	2,94	3,23	0,00	7,55	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	0/12
LOT. PANORAMA PARQUE	2,94	9,68	0,00	3,77	0/1	0/2	0/1	0/1	0/0	0/12



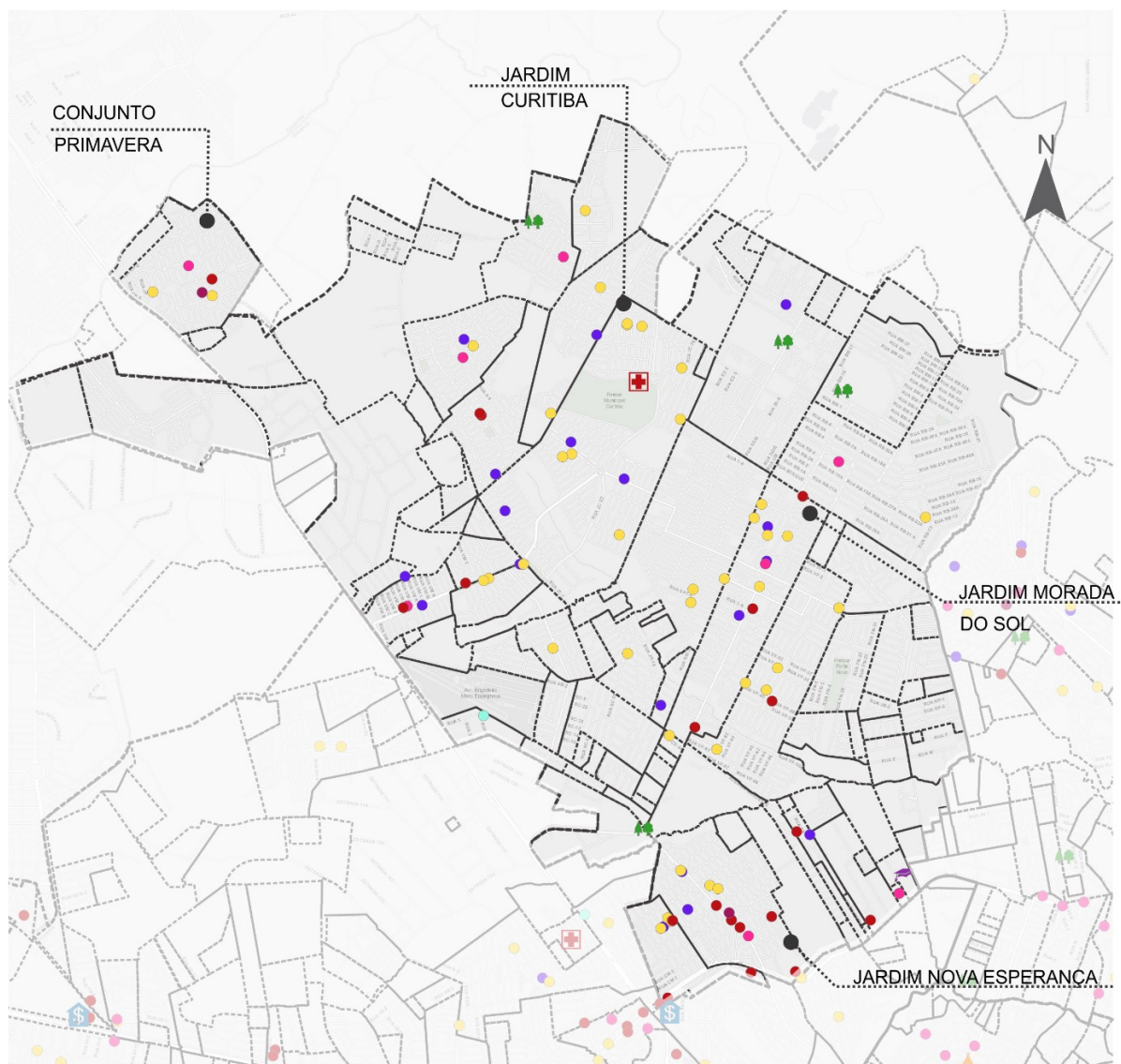
LEGENDA

- PARQUES
- FEIRAS NOTURNAS
- HOSPITAIS E CLÍNICAS
- UNIVERSIDADES/ FACULDADES
- CENTROS CULTURAIS E TEATROS
- SHOPPINGS
- BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
- RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
- DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
- EVENTOS E ENTRETENIMENTO
- COMÉRCIO E SERVIÇO

Fonte: autora

Mapa 16 - Concentração dos usos na Região Noroeste

BAIROS	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
JD. NOVA ESPERANÇA	4,88	12,50	0,00	14,63	0/1	0/1	0/0	0/0	0/0	1/4
MORADA DO SOL	12,20	12,50	0,00	7,32	0/1	0/1	0/0	0/0	0/0	0/4
JD CURITIBA	19,51	0,00	0,00	0,00	1/1	0/1	0/0	0/0	0/0	0/4
CJ. PRIMAVERA	4,88	12,50	0,00	4,88	0/1	0/1	0/0	0/0	0/0	0/4



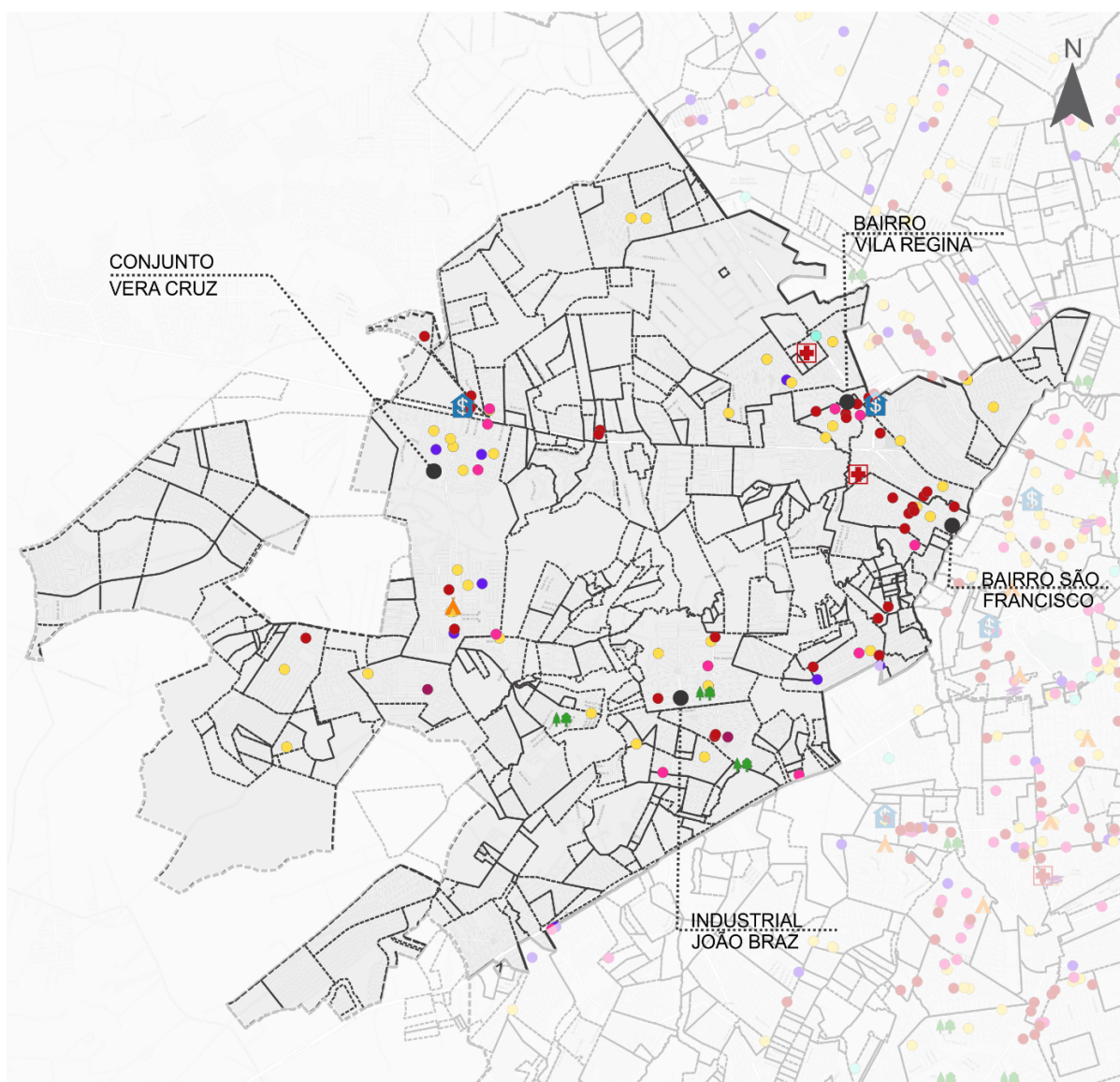
LEGENDA

- PARQUES
- FEIRAS NOTURNAS
- HOSPITAIS E CLÍNICAS
- UNIVERSIDADES/ FACULDADES
- CENTROS CULTURAIS E TEATROS
- SHOPPINGS
- BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
- RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
- DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
- EVENTOS E ENTRETENIMENTO
- COMÉRCIO E SERVIÇO

Fonte: autora

Mapa 17 - Concentração dos usos na Região Oeste

BAIROS	BARES, CERVEJ. CHOP. (%)	RESTAUR. LANCHON. SIMILARES (%)	EVENTOS E ENTRET. (%)	COMÉRCIO E SERVIÇO (%)	HOSPITAIS CLÍNICAS (Un)	UNIVERSIDADE FACULDADE/ (Un)	FEIRAS ESPECIAIS (Un)	SHOPPINGS (Un)	TEATROS E CENTROS CULTURAIS (Un)	PARQUES (Un)
IND. JOÃO BRAZ	10,00	0,00	0,00	5,41	0/2	0/0	0/1	0/2	0/0	1/3
CJ. VERA CRUZ	25,00	15,38	0,00	16,22	0/2	0/0	1/1	0/2	0/0	0/3
BAIRRO SÃO FRANCISCO	5,00	0,00	0,00	16,22	0/2	0/0	0/1	0/2	0/0	0/3
VILA REGINA	5,00	7,69	0,00	8,11	0/2	0/0	0/1	0/2	0/0	0/3



LEGENDA

- PARQUES
- FEIRAS NOTURNAS
- HOSPITAIS E CLÍNICAS
- UNIVERSIDADES/ FACULDADES
- CENTROS CULTURAIS E TEATROS
- SHOPPINGS
- BARES, CERVEJARIAS, CHOPERIAS
- RESTAURANTES, LANCHONETES E SIMILARES
- DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS
- EVENTOS E ENTRETENIMENTO
- COMÉRCIO E SERVIÇO

Fonte: autora

Das áreas apontadas por Alarcón (2004) como centralidades, algumas apresentam uma situação característica a muitos centros urbanos, nos quais concentram usos comerciais e de prestação de serviços ativos, mas tipicamente diurnas. À noite, esses locais têm os seus comércios fechados com pouca ou nenhuma circulação de pessoas, como é o caso das Avenidas Perimetral Norte (Região Norte) e Pedro Ludovico (Região Oeste).

Em Campinas, por exemplo, o cenário noturno é bem diferente do encontrado durante o dia. As ruas com intensa movimentação de camelôs e as portas abertas das galerias (camelódromos) dão lugar aos poucos locais em funcionamento. À noite, os usos ativos nesse setor são apropriados a uma escala mais local. É como se ele invertesse a sua posição de relevância para toda a cidade, ao dar lugar às ruas vazias em compensação ao energético ritmo vivenciado no período diurno.

Figura 27 - Avenida 24 de outubro, Setor Campinas, durante o dia (01) e noite (02).



Fonte: 01 – autoria desconhecida, 02 -autora.

As centralidades funcionais diurnas, identificadas por Alarcón em 2005, que coincidem com as centralidades funcionais noturnas neste estudo, são: o Setor Central, Setor Bueno e o Jardim Goiás. Deve-se ressaltar que não será feita uma sobreposição dos mapas, porque não se tem evidente quais foram os procedimentos metodológicos que geraram essas saídas gráficas.

4.2 PADRÕES ESPACIAIS

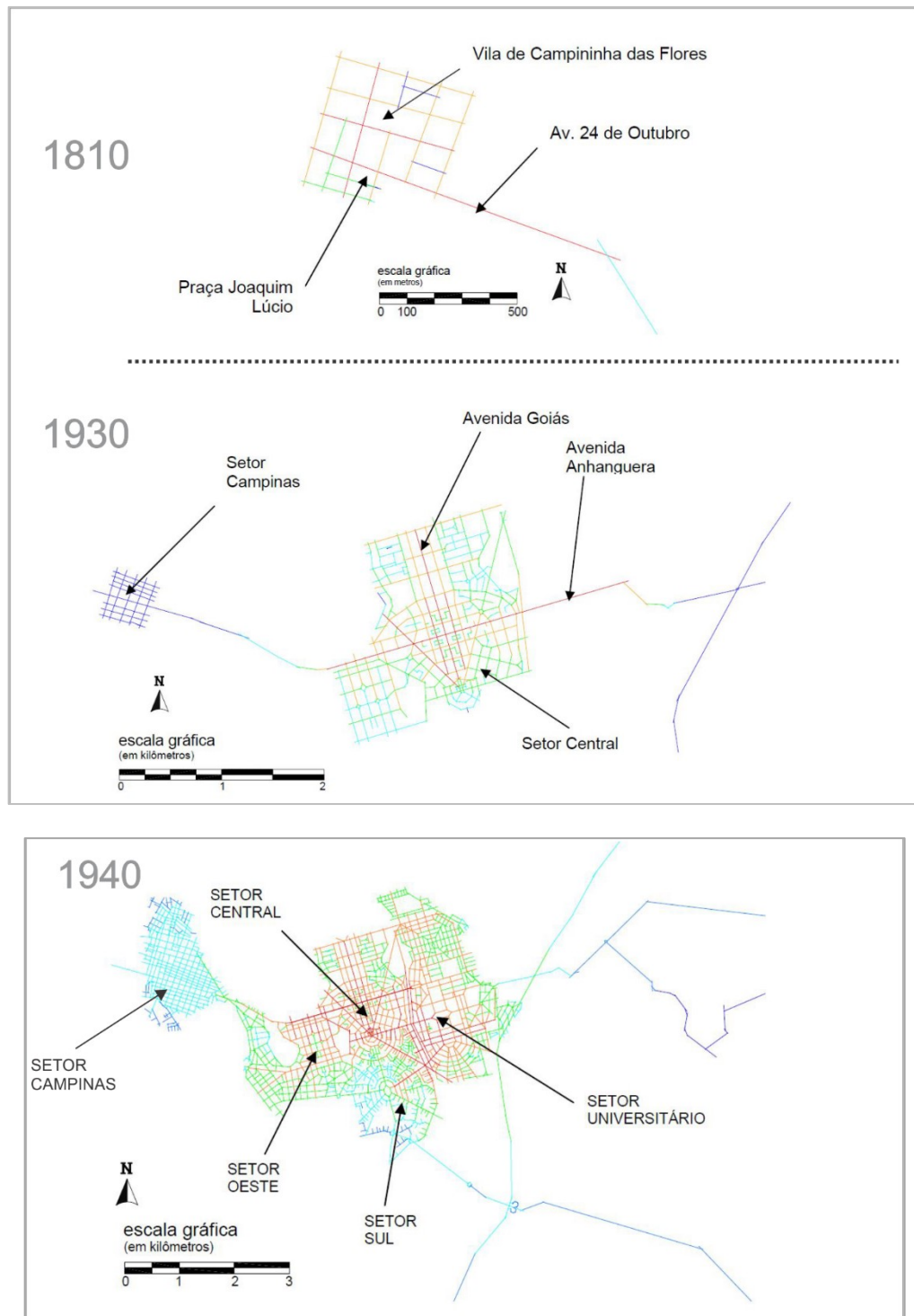
O mapa de eixos da cidade de Goiânia foi produzido por Alarcon e Medeiros, em 2004, e revisto por Arrais, em 2015. No processo de revisão, a autora decidiu pela inclusão da cidade de Aparecida de Goiânia-GO à malha viária. Para as análises, optou-se por adotar a versão de 2015, uma vez que as centralidades funcionais identificadas estão situadas em áreas já consolidadas do tecido urbano, embora tenha sido feita uma adequação a representação na cidade de Aparecida de Goiânia, ao considerar o recorte feito por Alarcon (2004) e Medeiros (2006), que delimita a sua representação até o anel viário. Ainda que a centralidade em Goiânia seja afetada pela dinâmica e relações de conectividade com as cidades conurbadas, este trabalho optou por interromper as linhas nesse limite.

4.2.1 Integração Global e transformações do centro morfológico

Até o início da implantação da nova capital, a Avenida 24 de outubro em Campinas era o eixo mais integrado, conforme demonstra Alarcón (2004) no mapa axial de 1810. A configuração morfológica foi afetada, significativamente, com a construção de Goiânia, a partir de um traçado regular com um ponto de origem convergente na Praça Cívica, um grande eixo de conexão foi estabelecido entre os dois setores da capital, a avenida Anhanguera, responsável por interligar Campinas (datada a partir da transferência da nova capital como setor) ao setor central. Nota-se que essa intervenção morfológica desloca sintaticamente o centro, com o maior potencial de integração para as avenidas Goiás e Anhanguera, destacado no mapa de 1930 (ALARCON 2004).

No mapa axial de 1940 é notável que a adição do setor sul, rompe com a continuidade dessa malha com princípio ortogonal. As ruas com o sistema de *cul-de-sac's* trazem a descontinuidade, percebida visivelmente pelas cores no mapa de integração. Além disso, é visível o Setor Campinas descontínuo da mancha urbana que se desenvolvia em torno do setor central.

Figura 28 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.

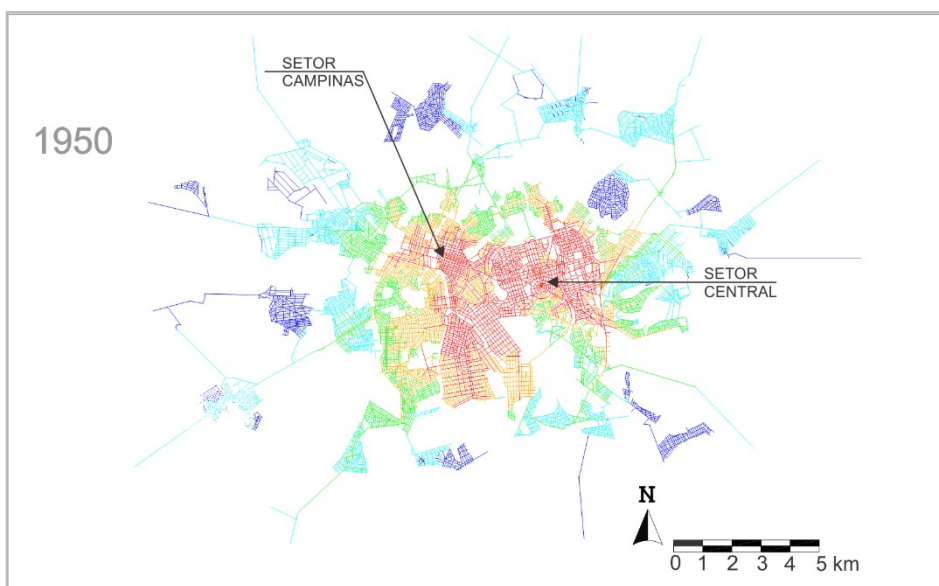


Fonte: Alarcón, 2004, com intervenções da autora.

Importantes transformações na configuração urbana acontecem na década de 1950 associada a vários fatores que culminaram em uma rápida expansão da cidade em praticamente todas as direções. O Setor Campinas é cercado pelos novos loteamentos em

meio a uma trama urbana mais densa, e já não é visto mais isolado. A cidade praticamente duplica de tamanho. Nota-se que os setores implantados na sequência possuem um traçado que refletem os aspectos de um planejamento mais local. A impressão é a malha urbana como resultado de um conjunto de desenhos diferentes, com o acréscimo de novas áreas de certa forma gradual e independente.

Figura 29 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.

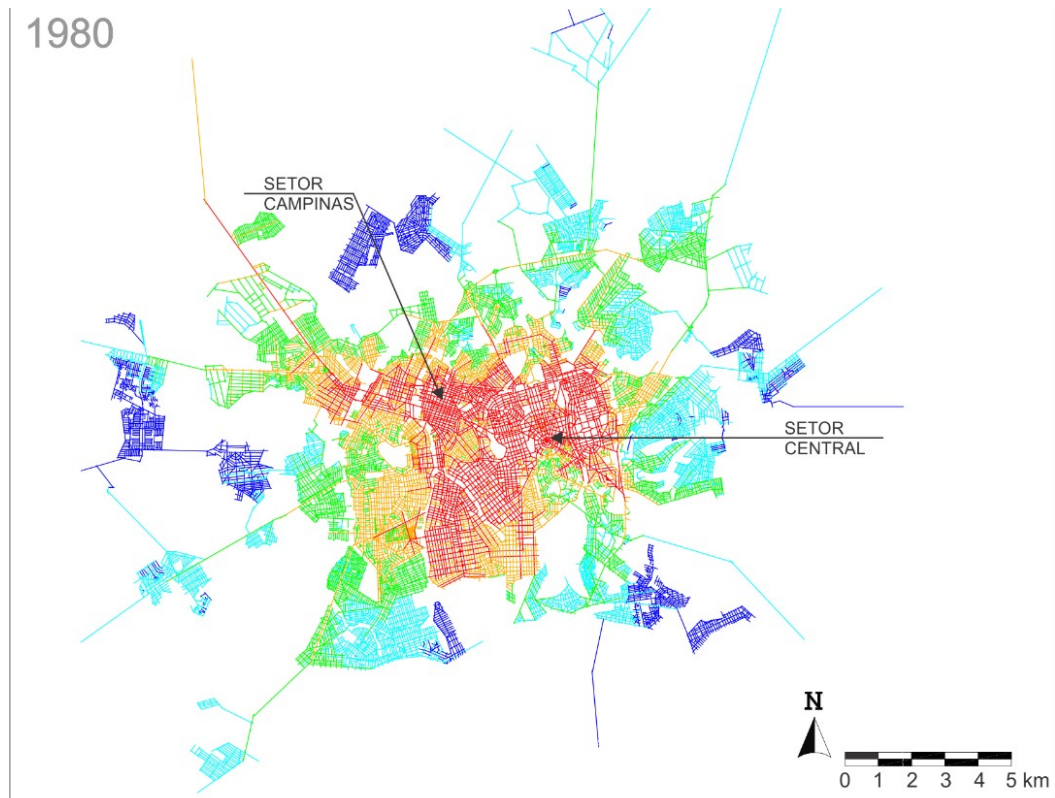


Fonte: Alarcón, 2004, com intervenção da autora.

Outro ponto importante é a ocupação a leste das margens de um grande eixo de circulação, a BR-153. Os bairros implantados nesse trecho demonstram uma expressiva segregação em comparação à malha urbana, em que se nota o efeito da BR posicionada como uma barreira física que interfere na continuidade das vias e provoca esse impacto. Além disso, vários loteamentos foram implantados em praticamente todas as direções da capital, desconexos dos bairros existentes, ocasionando a formação de vazios urbanos e áreas altamente segregadas.

O mapa axial de 1980 constata os processos de preenchimento dos espaços vazios ocasionados nas décadas anteriores, sendo o Setor Marista um exemplo desse processo. Implantado entre os Setor Sul e o Setor Bueno, ele é responsável pela costura desses bairros.

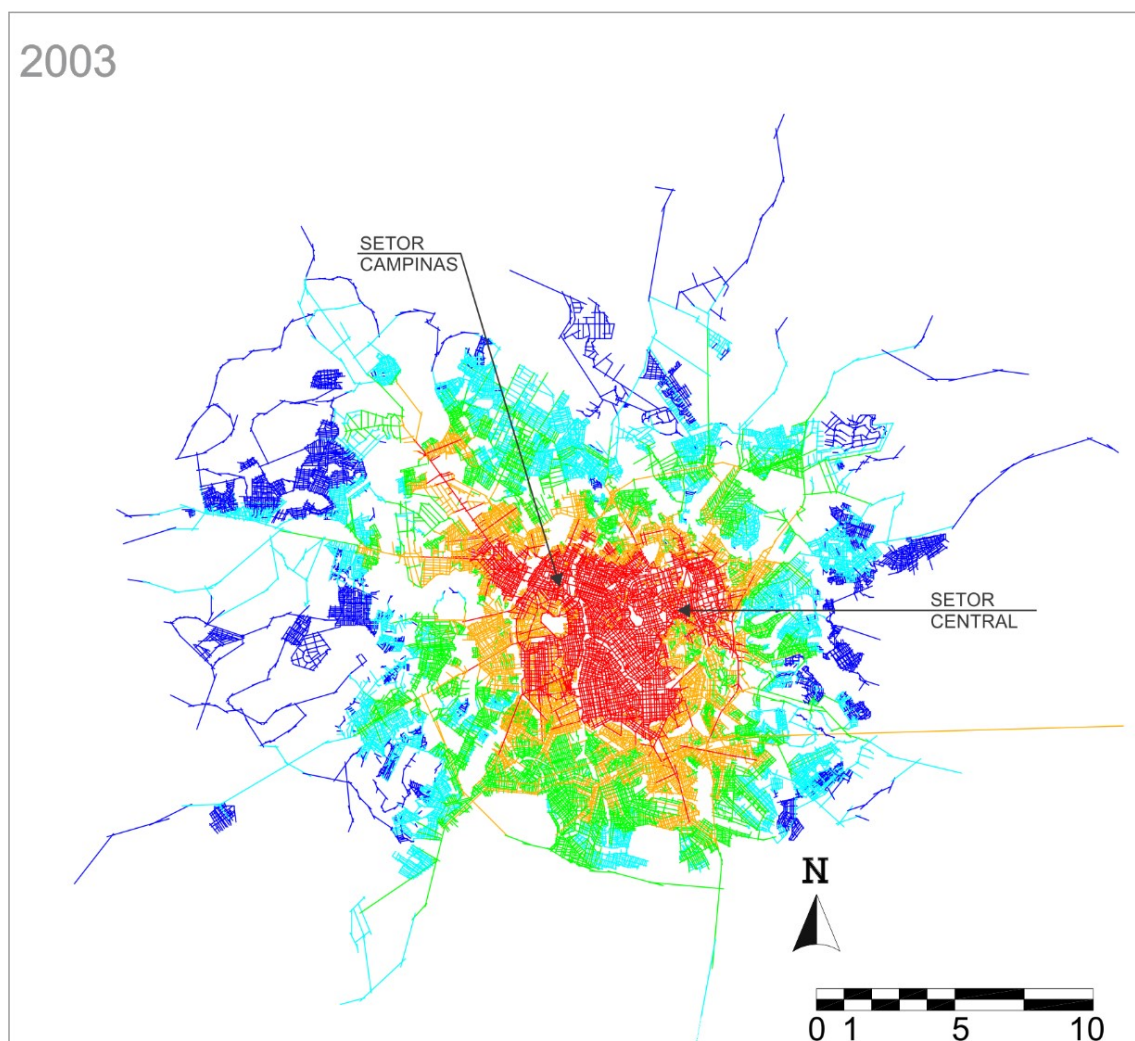
Figura 30 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.



Fonte: Alarcon , 2004, com intervenção da autora

Duas décadas depois, em 2003, o mapa de integração mostra o desenvolvimento de Goiânia ao sul, resultando na intensificação e conurbação com o município de Aparecida de Goiânia. O núcleo de integração é formado pelas Regiões Central, Sul e parte das Regiões Oeste e Sudoeste.

Figura 31 - Estudo diacrônico feito por Alarcón da cidade de Goiânia.



Fonte: Alarcon, 2004, com intervenção da autora

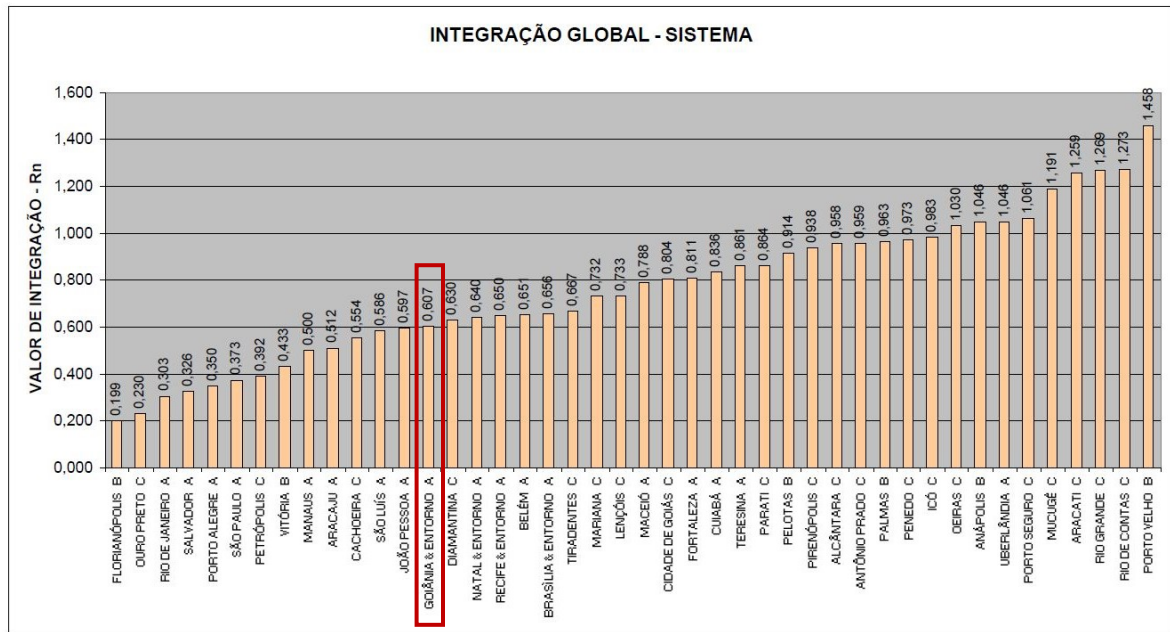
4.2.2 Integração Global – Rn

A integração global (Rn) é uma importante medida para indicar a centralidade de um sistema. Ao ser calculada, são evidenciadas as linhas dentro da malha viária com maior potencial de acessibilidade, ou seja, os eixos mais integrados em comparação a todos os outros. Notavelmente essa leitura tende a identificar os centros funcionais urbanos, uma vez que muitas atividades acontecem em pontos estrategicamente acessíveis às pessoas, representando assim, locais potenciais de movimento e convergência de fluxos (HOLANDA, 2018, MEDEIROS, 2006, HILLIER 1984).

A média de integração observada para o recorte deste estudo foi de 0,58. Em comparação com as médias das cidades brasileiras apontadas por Medeiros em 2006, os valores vão de 0.19, registrado para Florianópolis e 1,45, registrado para Porto Velho. Àquela altura, Goiânia

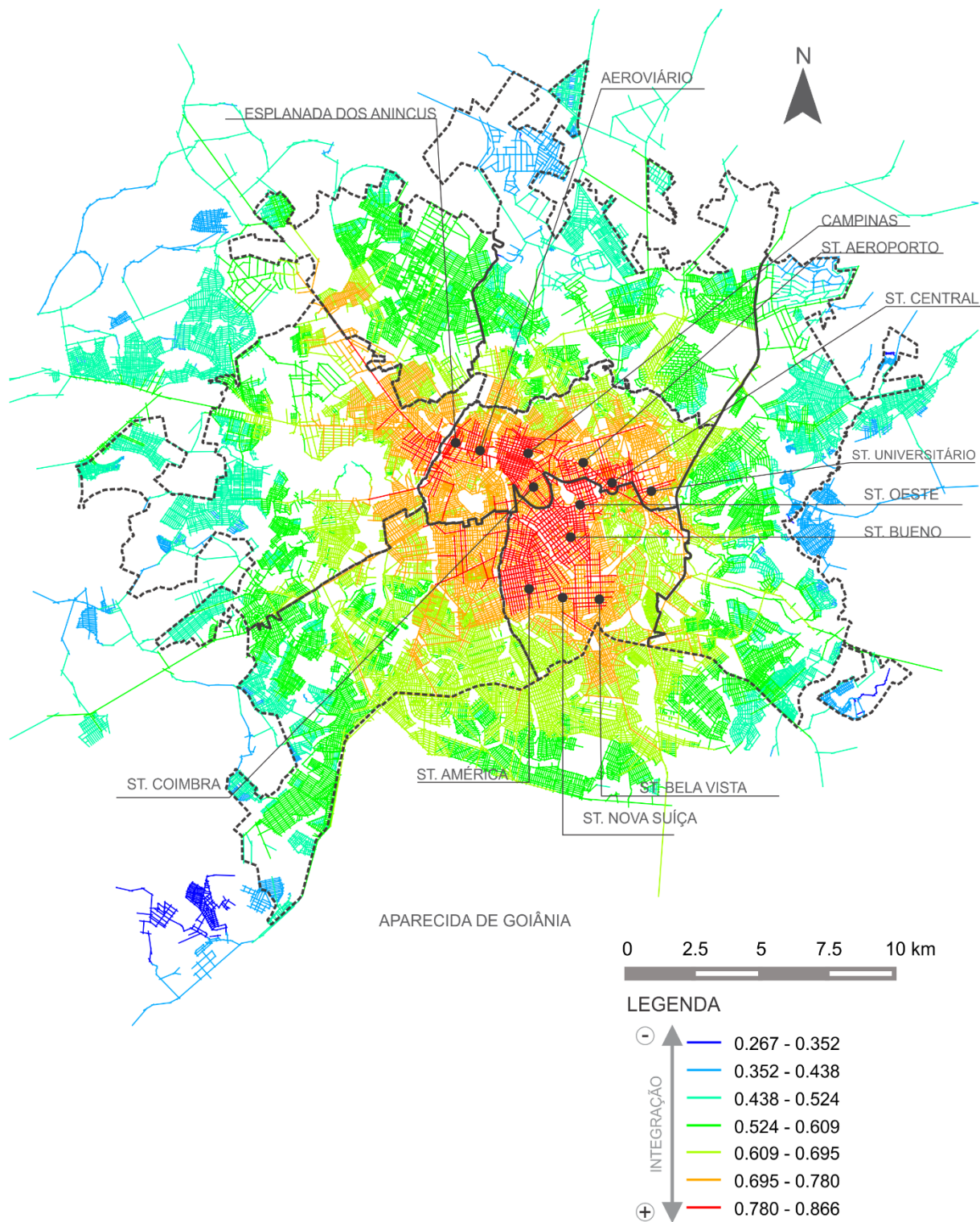
atingiu a média de 0,60, ou seja, a média de integração teve uma pequena alteração nos últimos anos.

Figura 32 - Comparação entre os valores médios de integração obtidos para as cidades brasileiras.



Fonte: Medeiros, 2006, p.336.

Mapa 18 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura da integração global Rn para o ano de 2015.



Fonte: autora

O núcleo de integração está concentrado na Região Central e parte da Região Sul, sendo, portanto, o centro sintático com maior potencial de acessibilidade de todo o sistema.

4.2.3 Integração Local

Na busca para melhor observar as propriedades locais da malha, além do Raio 3 comumente utilizado para as análises, outros raios foram testados: R5, R7, R9, R11. Constatou-se que o Raio 9 (R9) é o que mais se aproxima da realidade, sendo, portanto, mais expressivo para este estudo.

Sobre esse ponto, Medeiros (2013, p. 169) explica que apesar de haver um consenso sobre o uso do Raio 3 para alcançar a leitura dos núcleos locais, demais pesquisadores, a exemplo de Karimi (1997), constataram que explorar outros raios pode resultar em informações mais significativas.

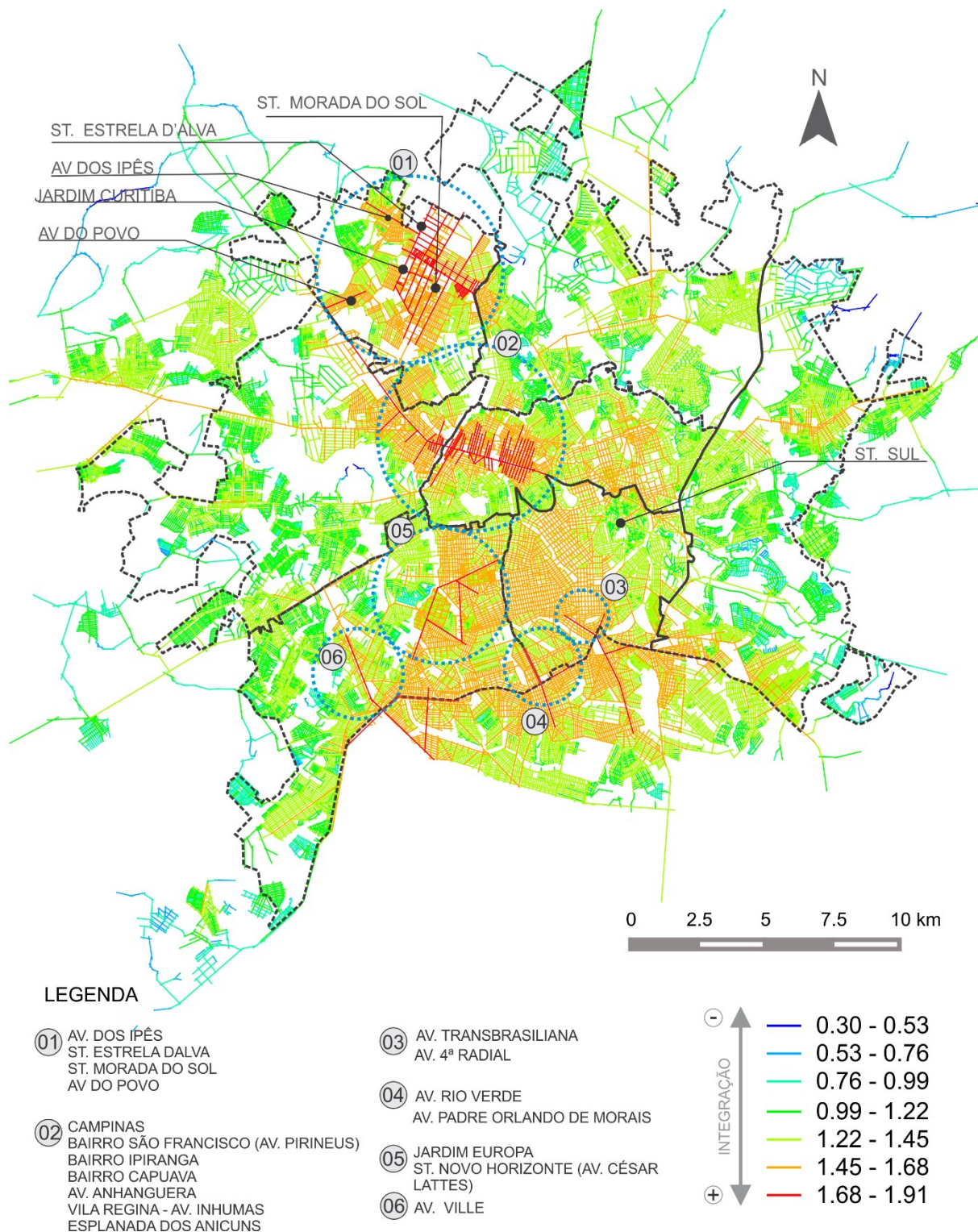
No mapa de integração R9 (Mapa 19) é possível identificar a partir dos eixos coloridos em vermelho e laranja, a formação de pequenos agrupamentos representando as subcentros sintáticos ou núcleos locais.

Na região Noroeste, os bairros Morada do Sol, Estrela D'alva e Jardim Curitiba possuem a configuração espacial com o desenho de eixos contínuos que se estendem e se conectam em alguns trechos, resultando em vias com altos valores de integração, como a rua JC 35 no Jardim Curitiba, com valor de 1,91 – o mais alto de todo o sistema. Esse resultado reforça uma característica observada por Medeiros em 2006, de que os traçados com forte regularidade compostos por eixos ortogonais, tendem a apresentar os maiores valores de integração.

Uma situação semelhante acontece na Região Oeste com um potencial núcleo local margeando a avenida Anhanguera, de um lado o setor Ipiranga e do outro o bairro Capuava. A malha regular certamente interfere nesse resultado, ainda que os bairros mantenham suas características residenciais preservadas.

Vale ressaltar o papel do Setor Sul, situado na Região Sul, dentro do sistema como um dos bairros mais segregados, tendo em vista os seus atributos topológicos. As ruas com desenho em cul-de-sac interrompem a continuidade das vias e isso é percebido nos baixos valores de integração registrados para esse trecho urbano, visivelmente percebidos no mapa coloridos na cor verde.

Mapa 19 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura da integração R9 para o ano de 2015.



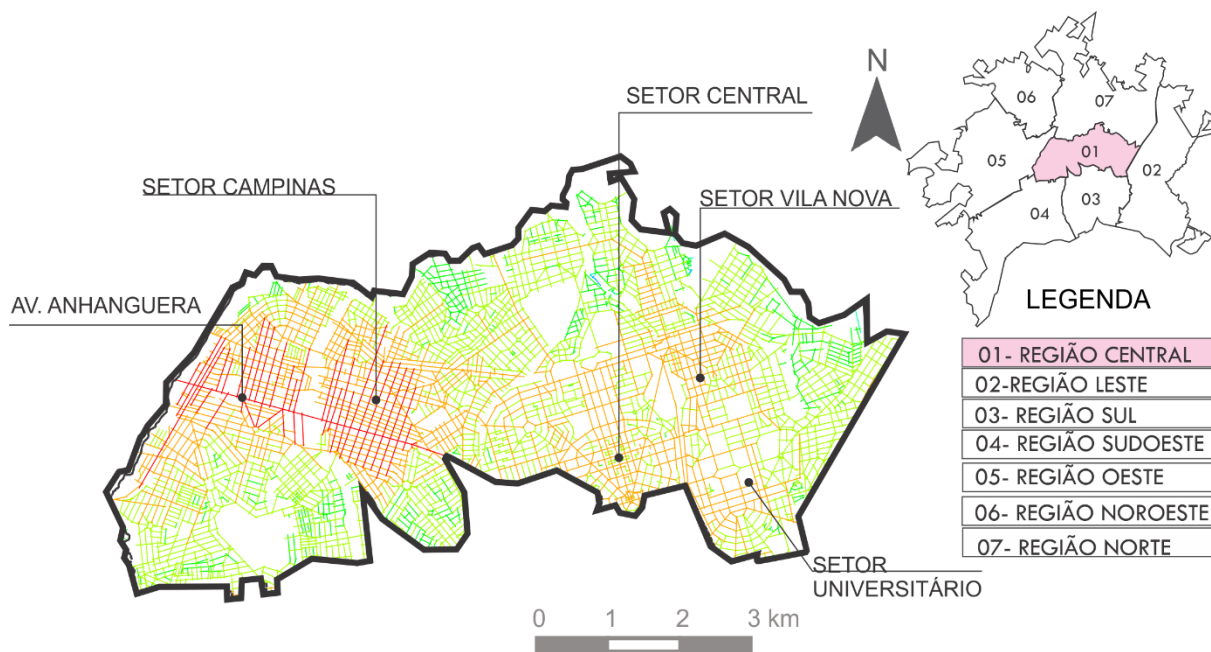
Fonte: Autora.

Os centros locais sintáticos identificados podem ser observados no mapa axial R9 (Mapa 19) distribuídos nas regiões de Goiânia.

Na Região Central, Campinas se destaca como um dos setores mais integrados do sistema. A avenida Anhanguera é uma via extensa de circulação na capital e apresenta o seu maior valor de integração (1,82) exatamente ao cruzar o trecho da malha urbana em correspondência com o setor Campinas.

As Avenidas Goiás e Independência, situadas no Setor Central, são eixos com valores expressivos de acessibilidade: 1,61 e 1,64 respectivamente. Uma parte expressiva da Região Central possui valores acima da média do sistema estipulado em 1,25, e pode ser observado pela representação da cor laranja correspondente ao intervalo de 1,45 a 1,68 (Mapa 20), o que reitera as constatações de Arrais (2015) em elevar a importância do centro para a estrutura urbana em Goiânia.

Mapa 20 - Recorte Mapa Axial da Região Central de Goiânia com a leitura da integração global R9.

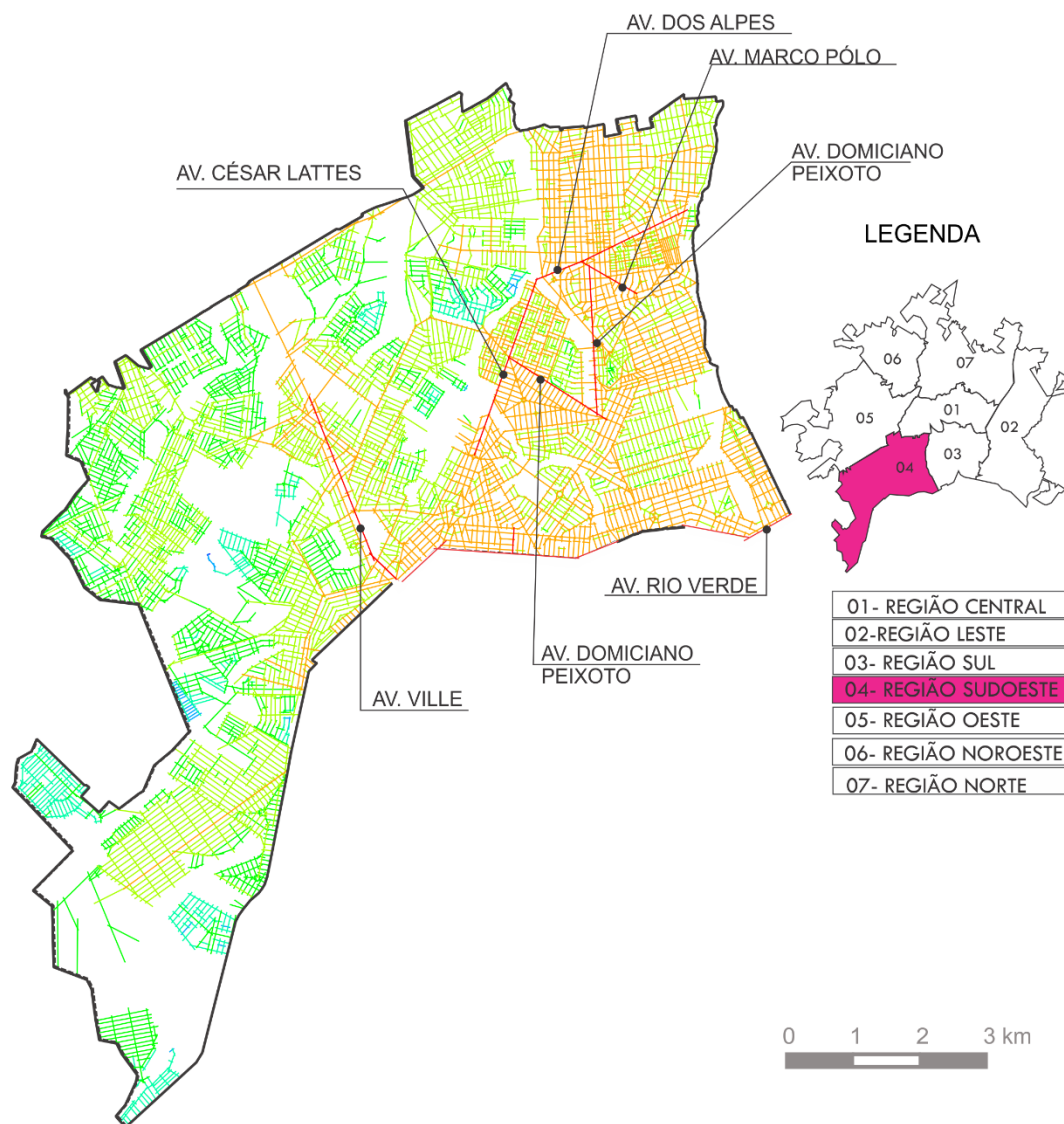


Fonte: Autora

A Avenida dos Alpes em continuidade com a Avenida César Lattes, na Região Sudoeste, funciona sintaticamente como um centro local com valores próximos a 1,74 por mais de 5 quilômetros. Nessa mesma região, o bairro Jardim Europa é cortado pela Avenida Itália com integração em torno de 1,68. Outra via que se destaca é a Avenida Marco Pólo no Jardim Planalto. Os bairros Jardim Vila Boa, Conjunto Cachoeira Dourada e Setor Novo Horizonte são atravessados pela Avenida Domiciano Peixoto com valor de integração próximo a 1,73. Juntas, essas avenidas formam uma rede de conexões importantes entre esses bairros nessa região. Em uma outra extremidade da região sudoeste, a Avenida Ville apresenta o valor de

1,68, e destaca o seu potencial de integração, nesse caso como uma extensa via com característica rodoviária (Mapa 21).

Mapa 21 - Recorte Mapa Axial da Região Sudoeste de Goiânia com a leitura da integração global R9.



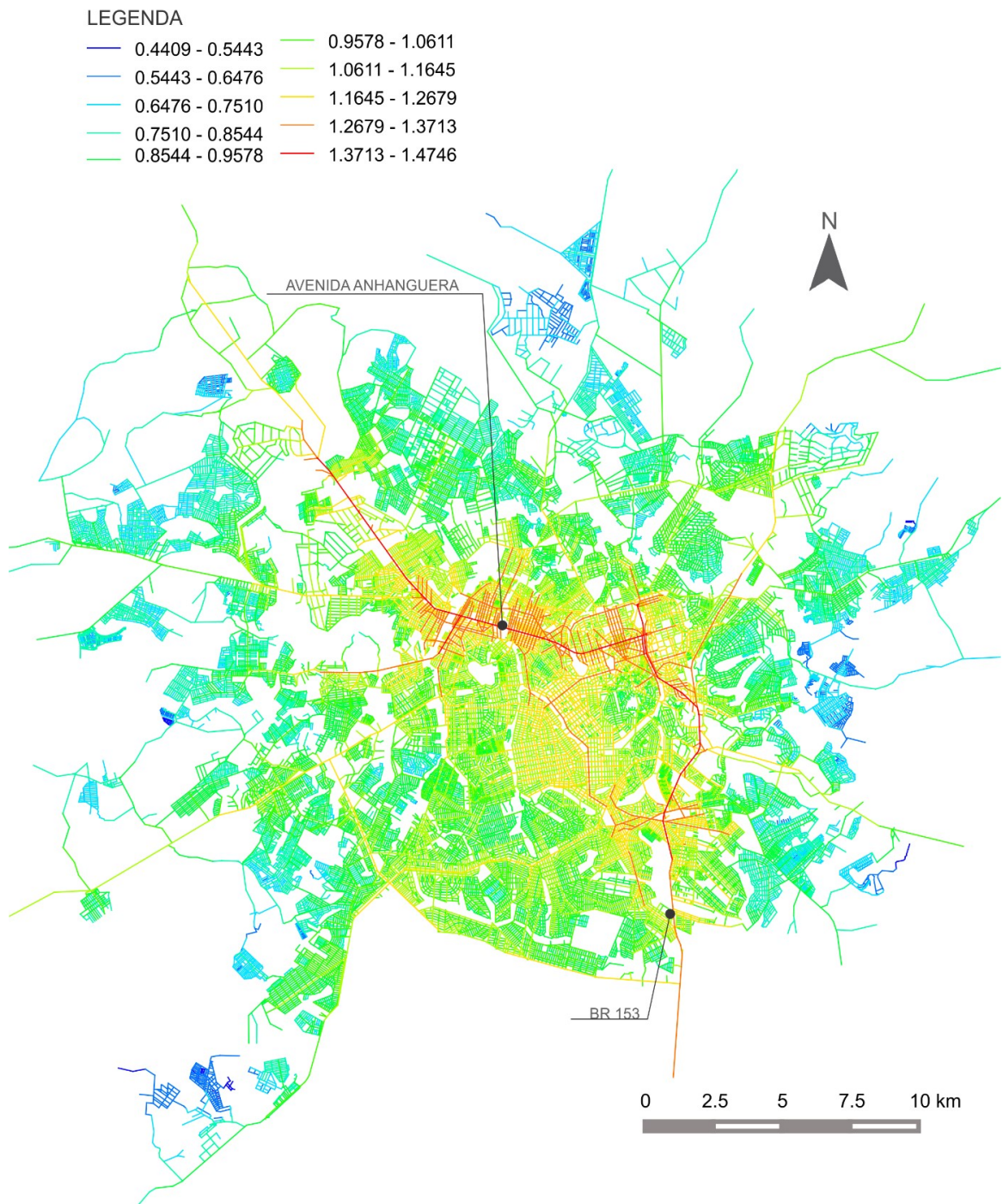
Fonte: Autora

Na direção sul, com extensão que atravessa as regiões Sul e Sudoeste, a Avenida Rio Verde marca a divisa entre a capital, com a cidade de Aparecida de Goiânia com trechos que alcançam o valor de 1,76 e indica, como analisado por Arrais em 2015, a tendência para o surgimento de novos centros locais nessa porção do tecido urbano.

4.2.4 NAIN

Representa a Integração Angular Normalizada e é calculada a partir do mapa de segmentos. Para a análise, é avaliado o ângulo das mudanças de direção para a obtenção do menor caminho angular, sendo uma medida útil para os estudos de centralidade por se aproximar da lógica dos movimentos das pessoas no espaço. É, portanto, uma medida topológica (COELHO, 2018).

Mapa 22 - Mapa Axial de Goiânia com a leitura de NAIN para o ano de 2015.



Fonte: Autora

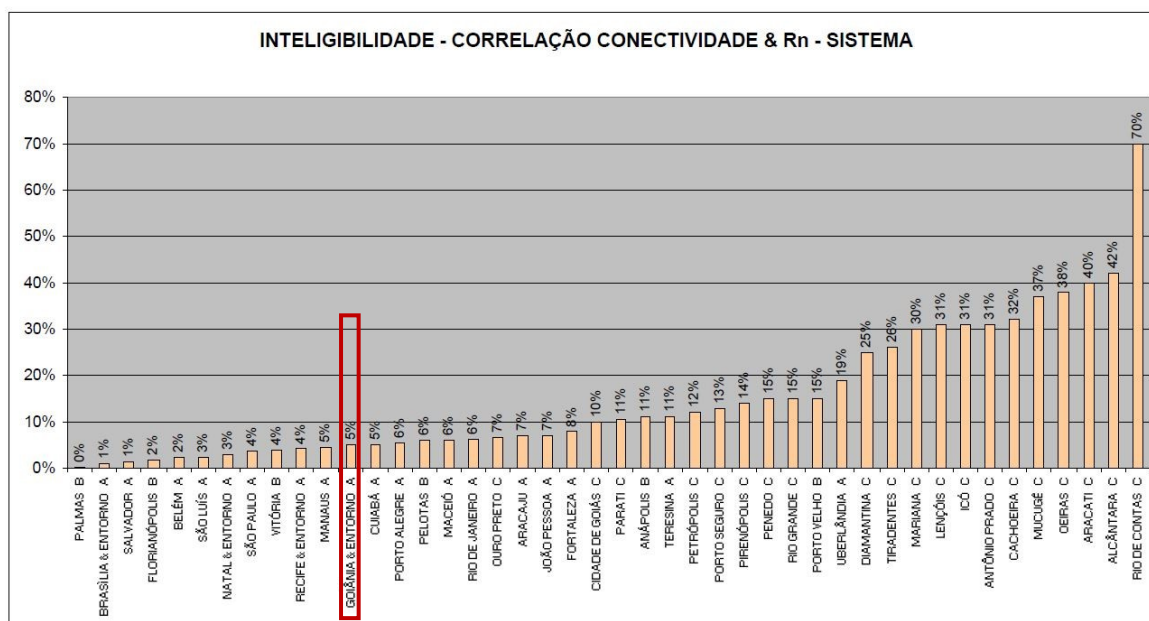
O resultado expressa os eixos em seu potencial máximo de deslocamento por considerar, ainda que haja pequenas quebras, todas as partes e extensão da via. Nessa ocasião, a Avenida Anhanguera e a BR-153 afirmam-se como grandes eixos de articulação viária.

4.2.5 Inteligibilidade

Essa medida é uma correlação entre integração (Rn) e conectividade, extraída do mapa axial a partir da variável de “INThh”, e refere-se ao grau de legibilidade do sistema. A sua leitura nos permite avaliar quão lógica é a forma da cidade para as pessoas que a percorrem, se em seu conjunto o sistema se apresentará com uma boa orientabilidade, ao favorecer transitar os espaços com fluidez, a partir de trajetos mais assertivos e menos confusos, ou se a estrutura urbana é complexa e exige de certo modo um esforço para a compreensão dos seus trajetos (MEDEIROS 2006).

Em 2006 Medeiros verificou que o valor de conectividade para Goiânia estava em torno de 5%, estando em uma posição inferior em comparação à média apresentada pelas outras capitais brasileiras. O resultado médio encontrado para a base de 2015, utilizada nesse estudo, foi de 4,7% e expressa, portanto, que a cidade continua se expandindo pouco inteligível.

Figura 33 - Comparação dos valores de inteligibilidade para as capitais brasileiras.



Fonte: Medeiros, 2006, p. 354.

Esse valor reforça as constatações feita por Medeiros (2006, p. 321), de que “os sistemas maiores vão se tornando, em termos de valores de integração, menos acessíveis. Tendem também a ser cada vez mais labirínticos”. Por conseguinte, a nossa leitura e compreensão dos sistemas parece ter um limite, quanto mais ele se expande, mais nos distanciamos de associarmos o todo, portanto, compromete-se a inteligibilidade

4.2.6 Conectividade

Partindo do mapa axial foram observados os valores de conectividade para as 7 regiões da capital goiana. Com base nos achados foi constatado que a Avenida Anhanguera aparece como o eixo com maior potencial de conectividade não somente em relação a região central, mas de todo o sistema, apresentando 52 conexões. As ruas e avenidas com valores altos na região central estão em maior número localizadas no setor Campinas.

A região com menos ruas e avenidas conectadas é a Região Oeste, resultado que sugere a expressa fragmentação entre os bairros, ilhados entre si, possivelmente em decorrência de um parcelamento gradual e isolado. As principais conexões nesse ponto da cidade são estabelecidas pela Avenida Anhanguera em continuidade com a GO-060, com seu caráter rodoviário expresso.

A região Noroeste possui um bom desempenho para a conectividade com valores em 51 conexões (Rua das brisas), 47 conexões (Rua 25 de Março) e 40 conexões (Rua Cm9). Em todas as regiões é possível constatar altos valores potenciais ao movimento. O índice de conectividade média encontrada para a capital é de 4,48. Goiânia é formada por diferentes traçados, ora regulares como Setor Campinas (Região Central) e Estrela Dalva (Região Noroeste), ora composta por vias mais curvas como as encontradas no Setor Aeroporto e Setor Universitário (Região Central). Entre esses diferentes tipos de desenhos estão grandes eixos assegurando a devida articulação entre as estruturas. Ao analisar esses aspectos, Medeiros e Barros (2014, p. 289) comentam: “a manutenção da costura parece fator essencial para adequados níveis de conexão, independente do grau de rigidez geométrica do tecido urbano.”

4.2.7 Correlação entre centralidades funcionais e sintáticas

Ao efetuar a sobreposição dos usos noturnos com as centralidades sintáticas, torna-se possível observar a articulação entre os aspectos funcionais e espaciais. Boa parte das atividades, principalmente as ligadas ao setor terciário, estão localizadas nos trajetos com valores acima das médias de integração do sistema.

Com o objetivo de quantificar os resultados e obter uma leitura mais precisa, foi feito um processamento no software QGIS, no qual utilizou-se a ferramenta: unir atributos pelo mais próximo. Para realizar essa operação, todos os usos foram unificados em uma única camada. O processamento utilizou como base, a camada com todas as atividades (em pontos) e as camadas dos mapas axiais (em linhas), em dois processamentos, primeiro a integração global e em seguida, integração local. Esses dois procedimentos geraram, cada um, uma camada com a união dos dados e uma tabela de atributos. Foi observada a correlação entre pontos e linhas do sistema a partir dos valores de integração, e estipulados intervalos de análise. Para cada intervalo foi possível obter um quantitativo de correspondência, o que permitiu extrair a porcentagem de cada nível em relação ao total.

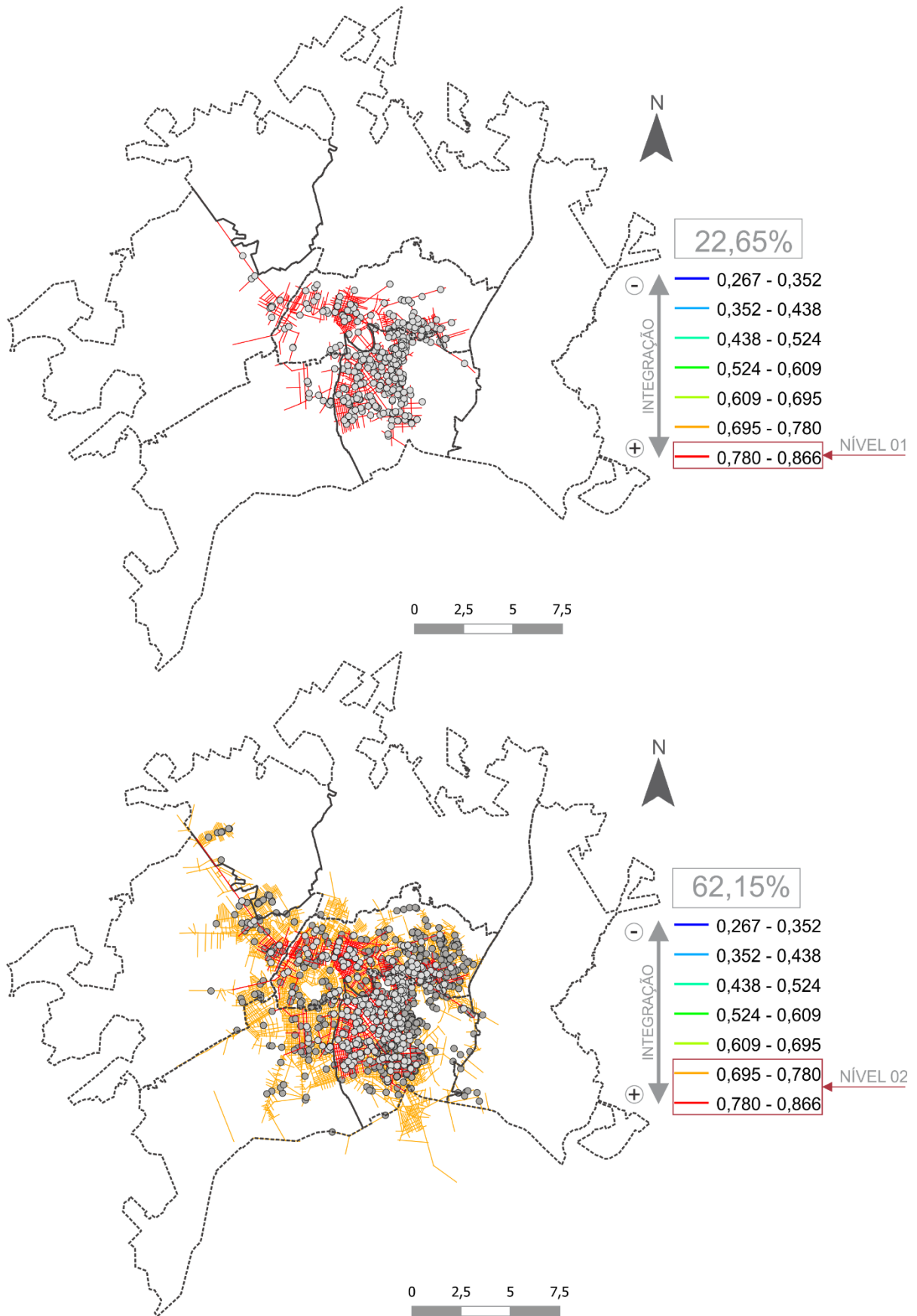
O Jardim Goiás, apesar de não estar incluso nas áreas mais integradas, está situado próximo à BR-153, identificada no mapa NAIN como uma via com um importante eixo viário do sistema e que possibilita fácil acesso a esse bairro.

Os resultados apontaram para o primeiro nível em análise no mapa de integração R_n , em que 22,65% dos estabelecimentos noturnos estão em 5% das ruas de todo o sistema. Isso significa que muitos usos noturnos estão concentrados em um trecho específico da capital, correspondentes, nesse caso, aos setores: Central, Leste Universitário, Setor Aeroporto, Campinas, Bueno, Oeste, Marista, Jardim América e Bela Vista.

O Setor Central e o Setor Bueno, classificados como centralidades funcionais diversificadas, também são centralidades sintáticas com alto potencial de integração para toda a cidade, e reafirmam sua abrangência urbana, uma vez que são partes constituintes do núcleo de integração com raio global. As centralidades especializadas como o Marista, Jardim América e Setor Universitário, também coincidem com o núcleo de integração e estão inclusas nessa escala de abrangência, com acessibilidade potencial a partir de qualquer ponto da cidade.

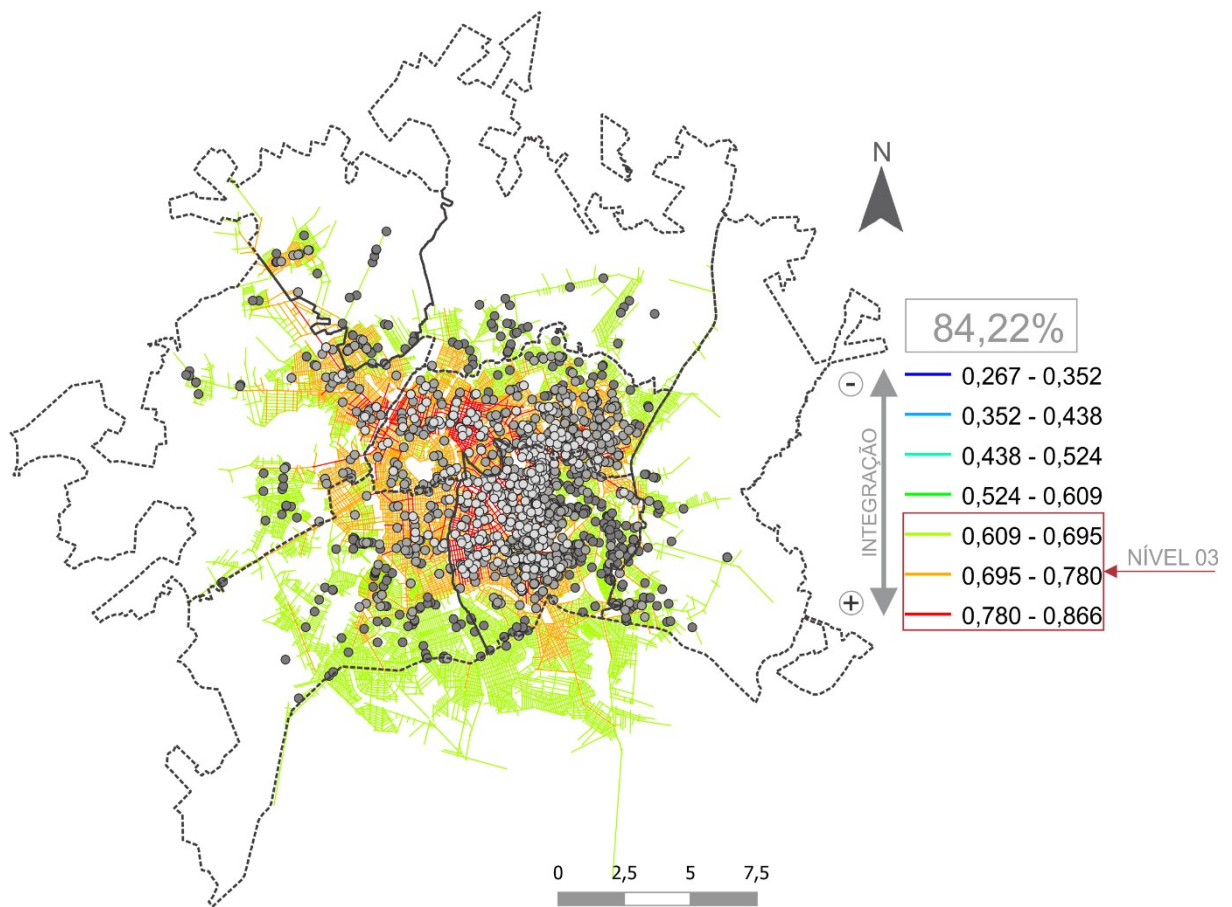
No segundo nível, quando acrescentamos mais um intervalo para os valores de integração (adicionando as linhas com valores em até 0,695), os usos alcançam uma correspondência de 62,15%. Ao aproximar do valor médio de integração do sistema, nível 03, a correlação entre os usos e o sistema viário atingem 84,22%.

Mapa 23 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global níveis 01 e 02.



Fonte: autora.

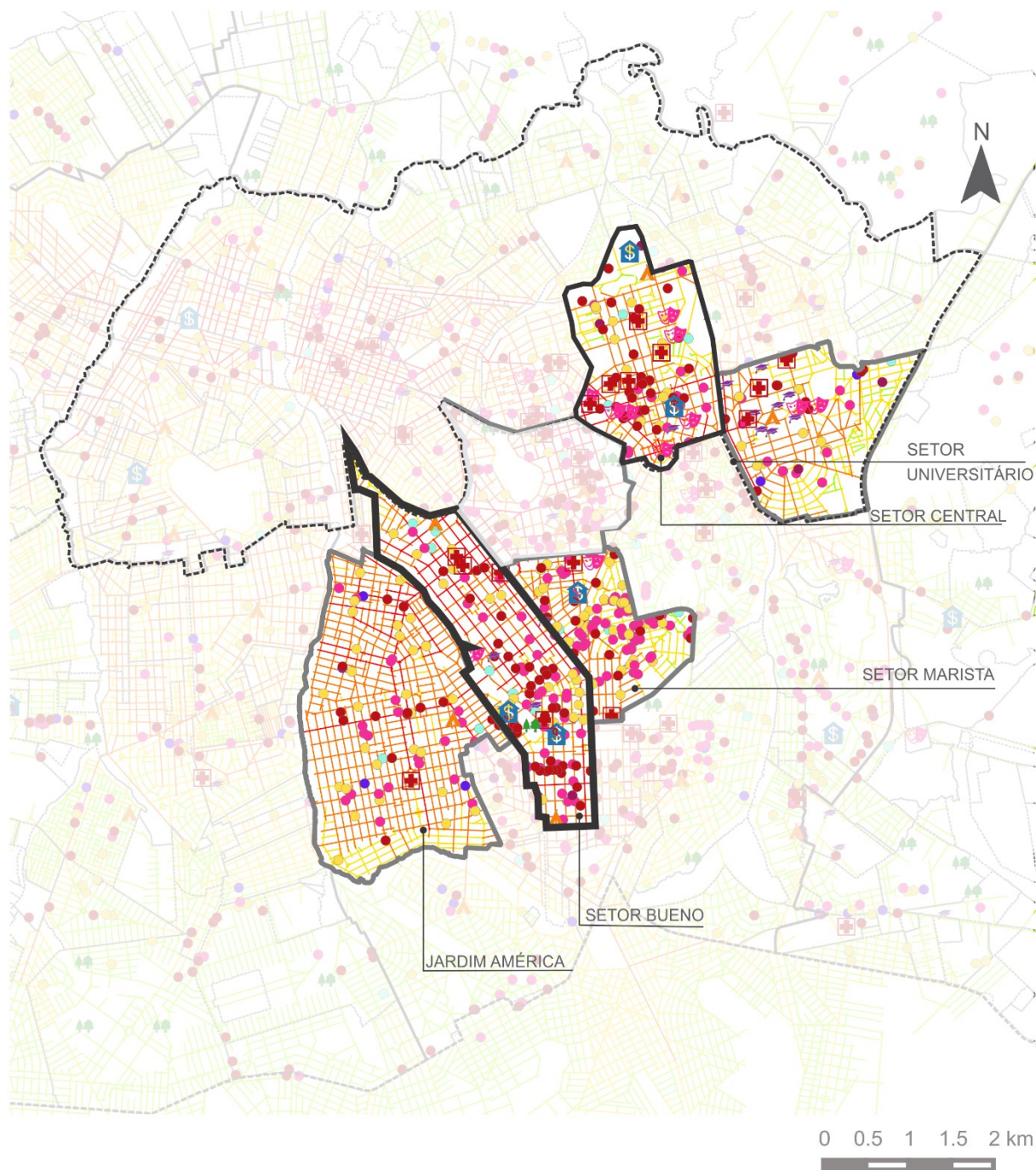
Mapa 24 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global nível 03.



Fonte: autora.

O Setor Campinas e o Bairro Capuava, ao lado da Avenida Anhanguera, apesar de serem locais com valores altos de integração, funcionalmente não ocupam o papel de centralidades à noite com abrangência urbana. Ainda que alguns usos possam atender as pessoas de outros bairros da cidade, como acontece com o Hospital Infantil (privado) e o Instituto de Educação em Artes Professor Gustavo Ritter, em Campinas. Esses bairros costumam ter um funcionamento com atividades de abrangência local.

Mapa 25 - Resultado da Correlação entre os usos e o mapa axial de integração global.

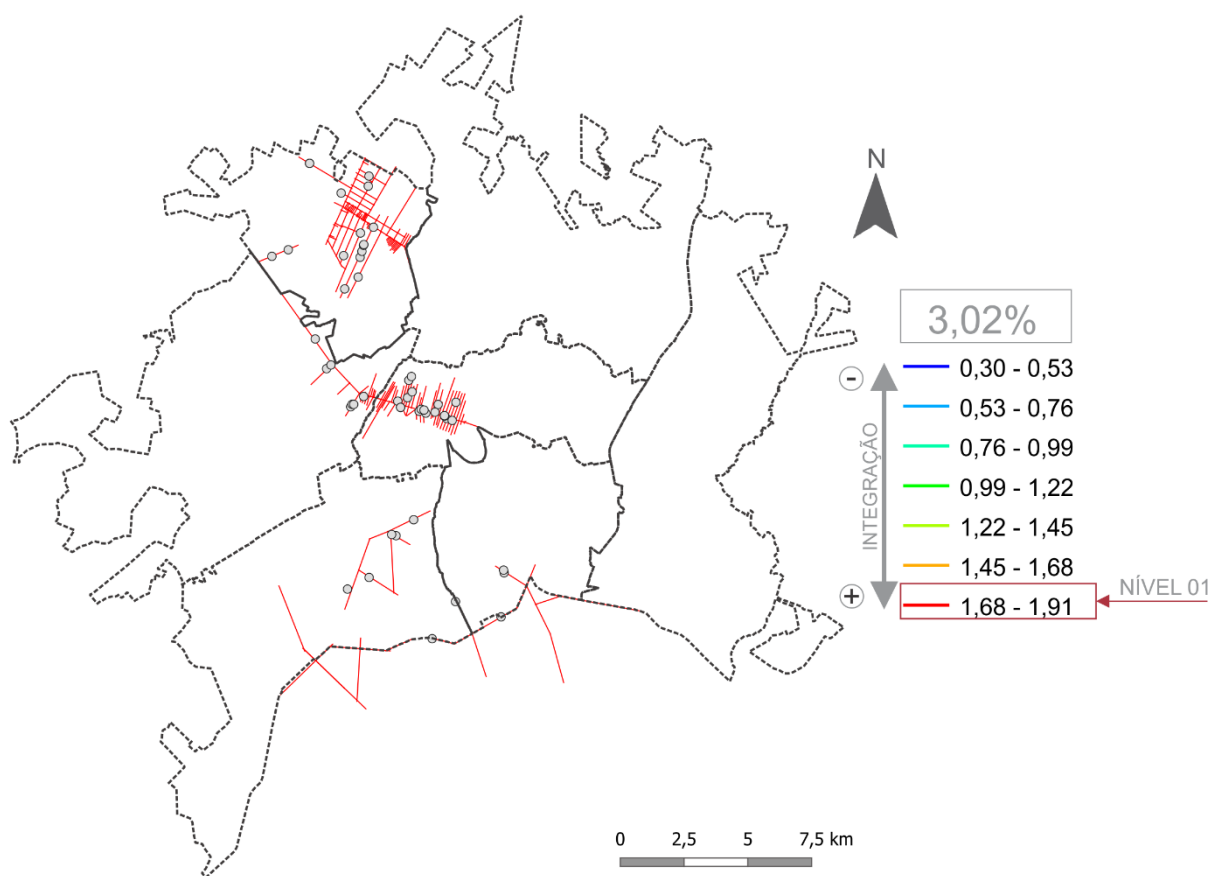


Fonte: autora.

Com o intuito de efetuar uma investigação mais detalhada, as análises para a integração local também são realizadas em 3 níveis de observação, a começar dos valores mais altos até as linhas com valores próximos à média do sistema. Para o primeiro nível, com intervalo de 1,91

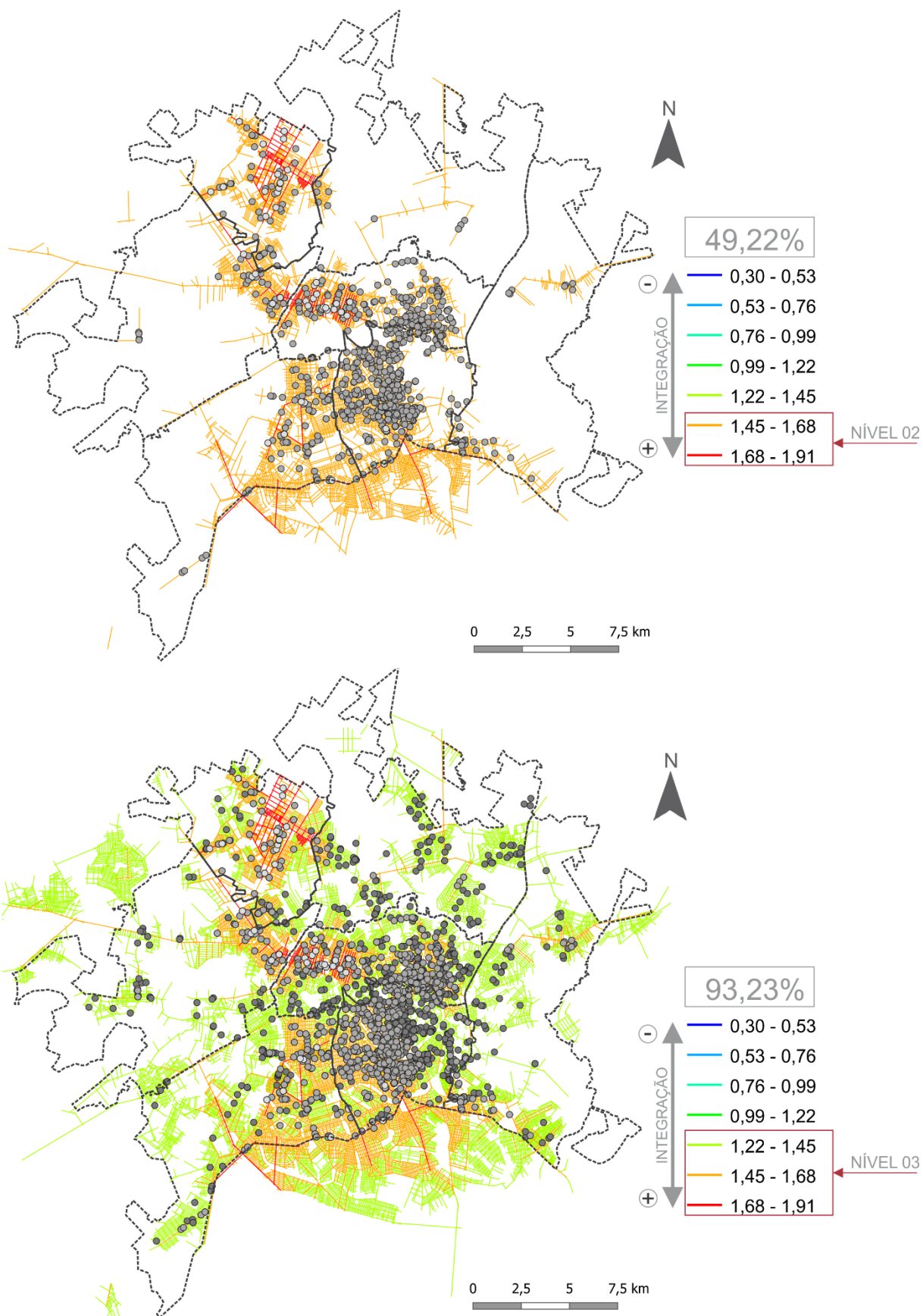
a 1,68, constatou-se que 3,02% dos usos coincidem com os eixos mais integrados. No segundo nível, esse valor é de 49,22% (Mapa 27). Por fim, com a adição dos valores até 1,22, no terceiro nível, a correspondência entre as ruas e as atividades alcançam o resultado de 93,23% (Mapa 27). As centralidades locais sintáticas e funcionais estão representadas no Mapa 28.

Mapa 26 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9 nível 01.

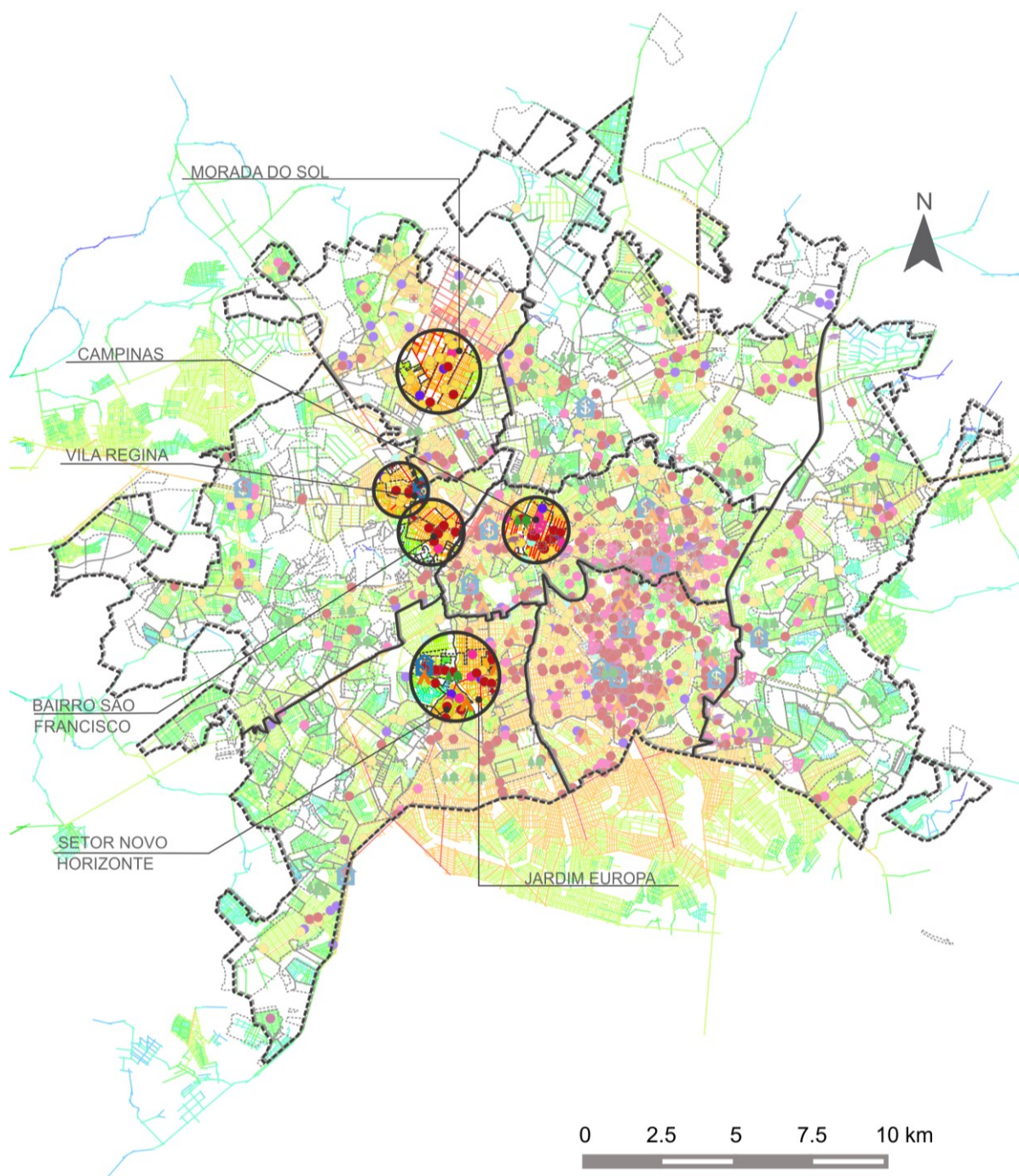


Fonte: autora.

Mapa 27 - Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9 níveis 02 e 03.



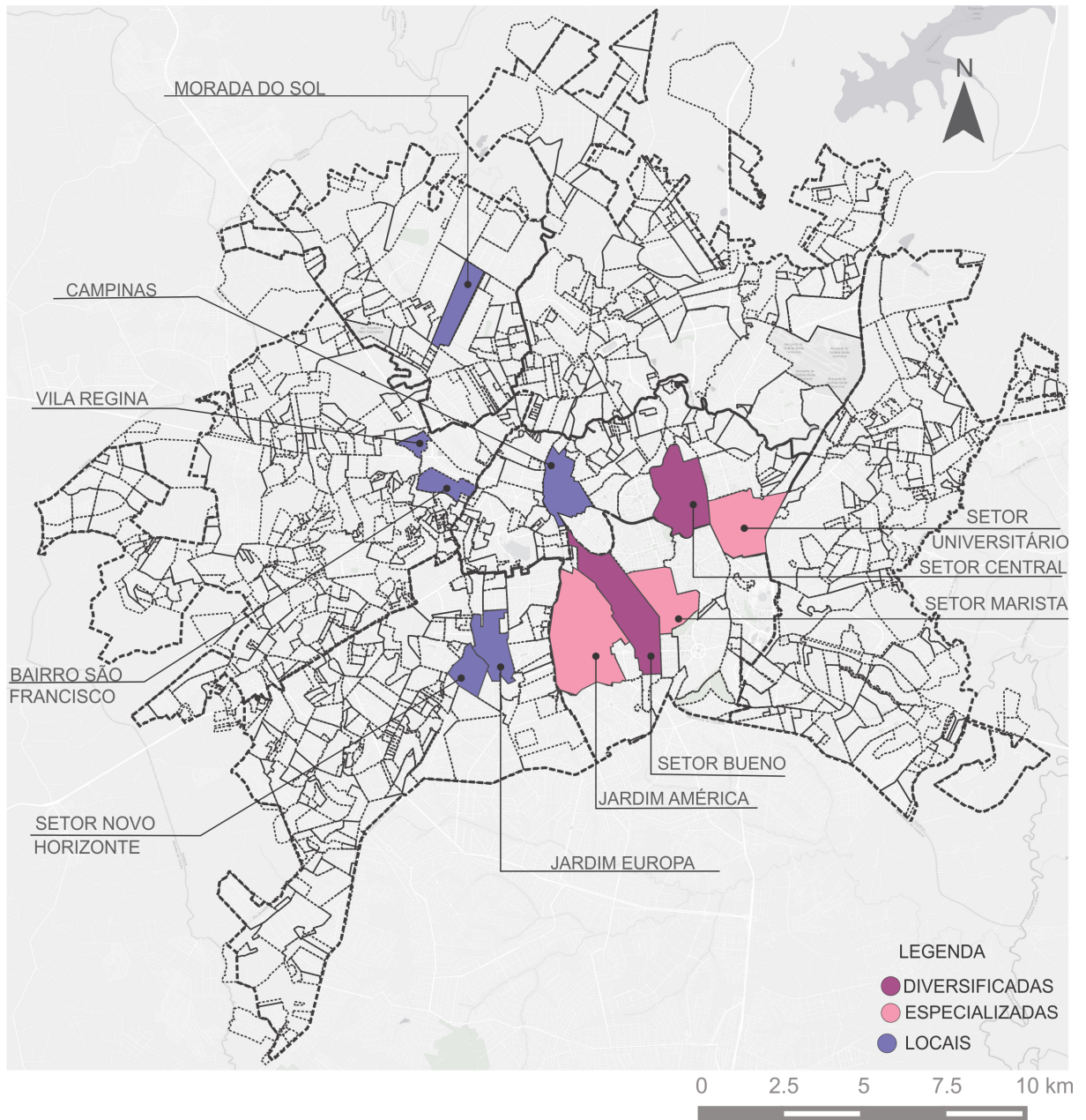
Mapa 28 - Resultado da Correlação entre os usos e o mapa axial de integração local R9.



Fonte: autora.

Os valores encontrados, tanto para a integração global quanto local, demonstram a forte conexão entre os usos e o potencial de acessibilidade, principalmente para as centralidades com raio global com abrangência urbana, com uma correspondência significativa desde o primeiro nível. Assim um número considerado dos usos noturnos concentra-se nas áreas mais acessíveis da cidade.

Mapa 29 - Resultado das centralidades sintáticas e funcionais noturnas.

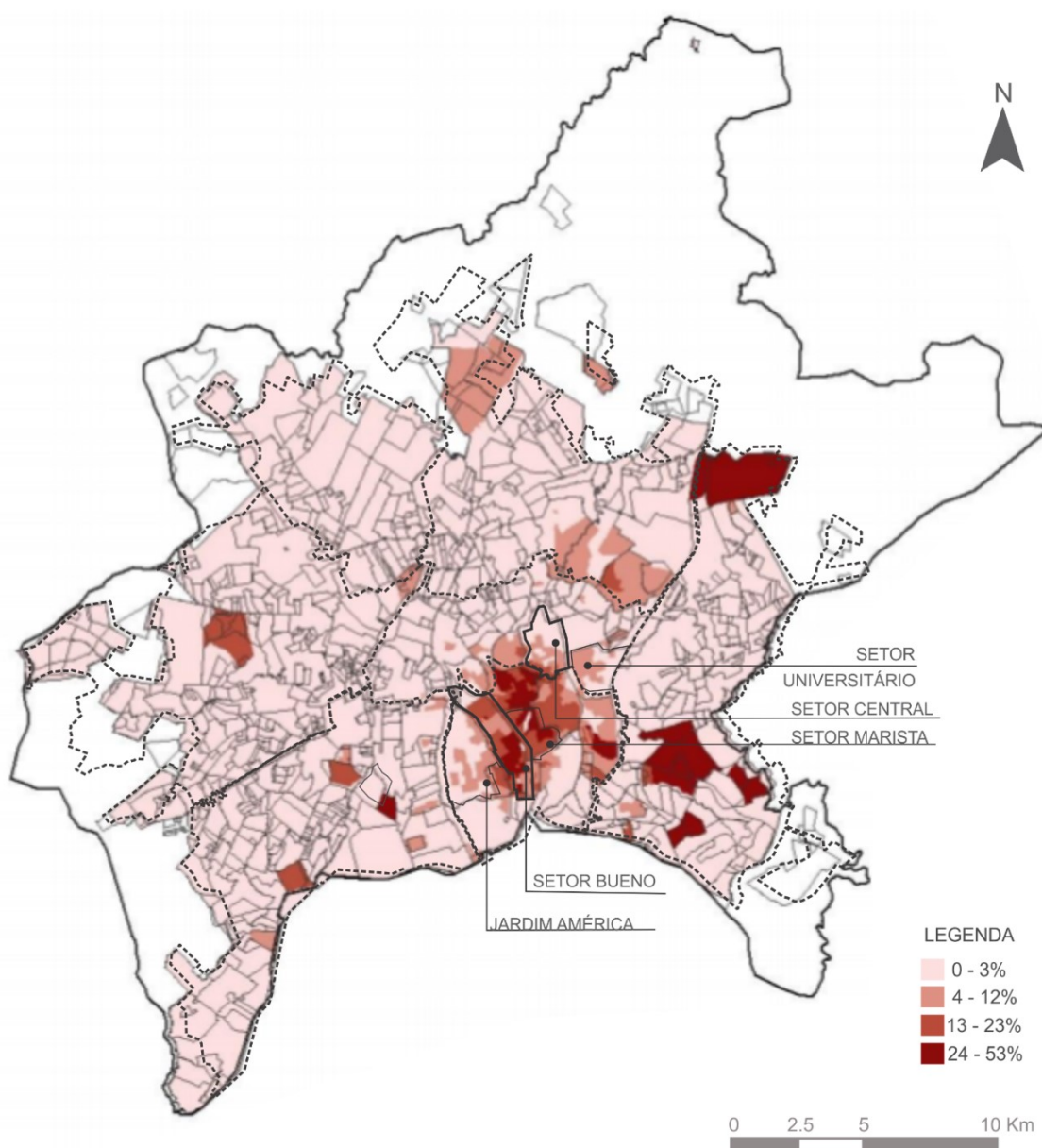


Fonte: autora.

4.3 VIDA SOCIAL

Uma leitura importante sobre a vida social é a renda dos moradores de um determinado lugar, capaz de informar previamente sobre o poder de consumo e controle. O mapa 30 apresenta os dados do último censo do IGBE em 2010, sobre a concentração dos domicílios com rendimento mensal acima de 10 salários mínimos em Goiânia. Nele é possível visualizar que os centros diversificados têm uma ocupação significativa pela população de média a alta renda, especialmente o Setor Bueno. O Setor Marista, classificado como especializado, segue a mesma lógica de ocupação dos centros diversificados e é majoritariamente composto por famílias com a renda mais elevada.

Mapa 30 - Concentração de domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de mais 10 salários mínimos.

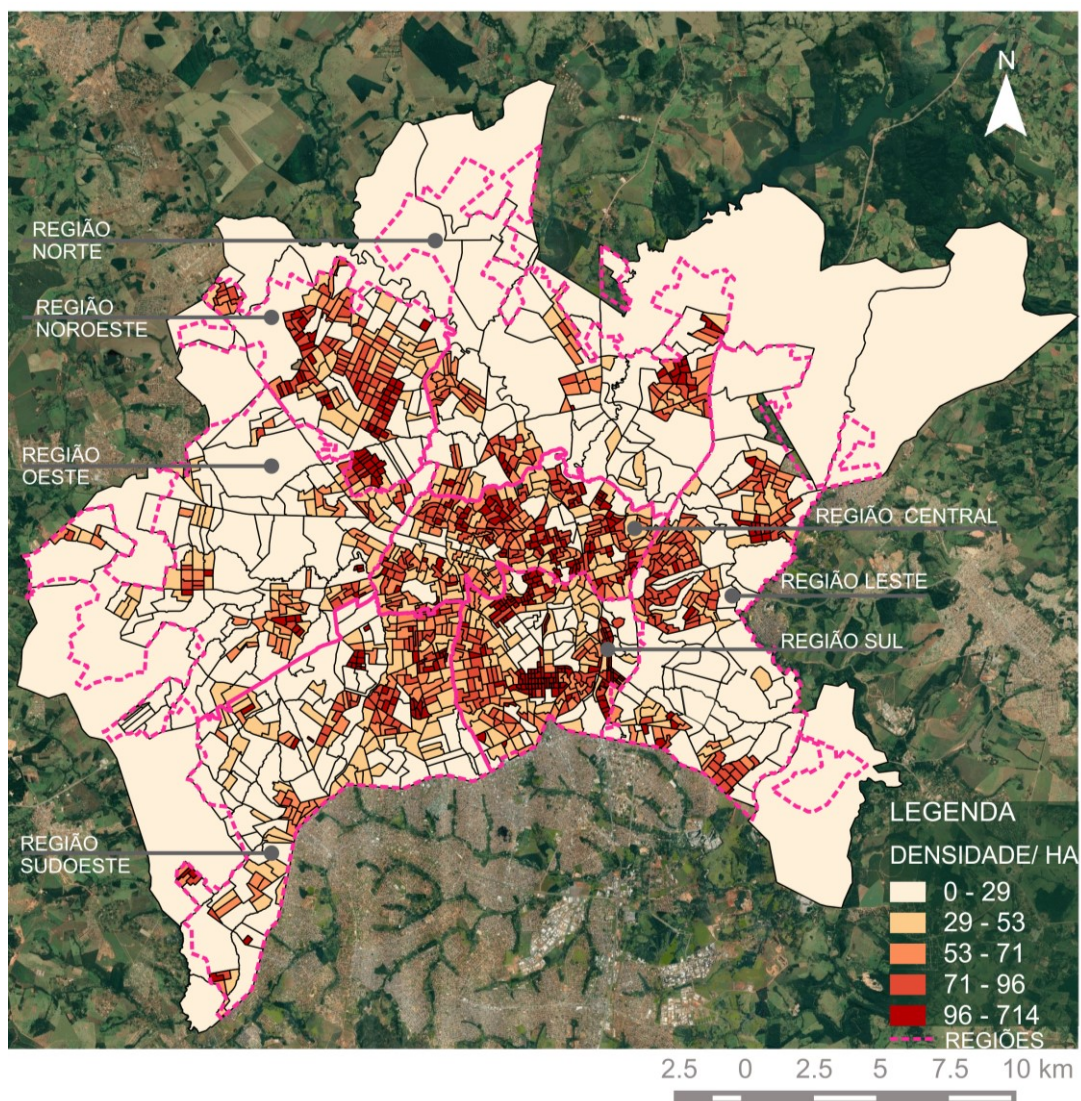


Fonte: Ferreira (2018), com intervenções da autora.

4.4 CORRELAÇÃO COM DENSIDADE

A distribuição da população no solo urbano é um aspecto relevante para a formação e consolidação das centralidades. Foram feitas duas análises em relação aos dados da densidade. A primeira considera as frações amostrais a partir das divisões administrativas intramunicipais, os subdistritos, organizadas pelo IBGE em suas coletas e espacialização de dados para os municípios acima de 500 000 habitantes¹². A segunda estratégia agrupa e estabelece a identificação da soma dessas frações, possibilitando uma leitura da densidade por setor da cidade. Ambas as análises fornecem informações complementares sobre a distribuição da população na cidade de Goiânia.

Mapa 31 - Mapa de densidade demográfica subdistritos a partir do Censo 2010.

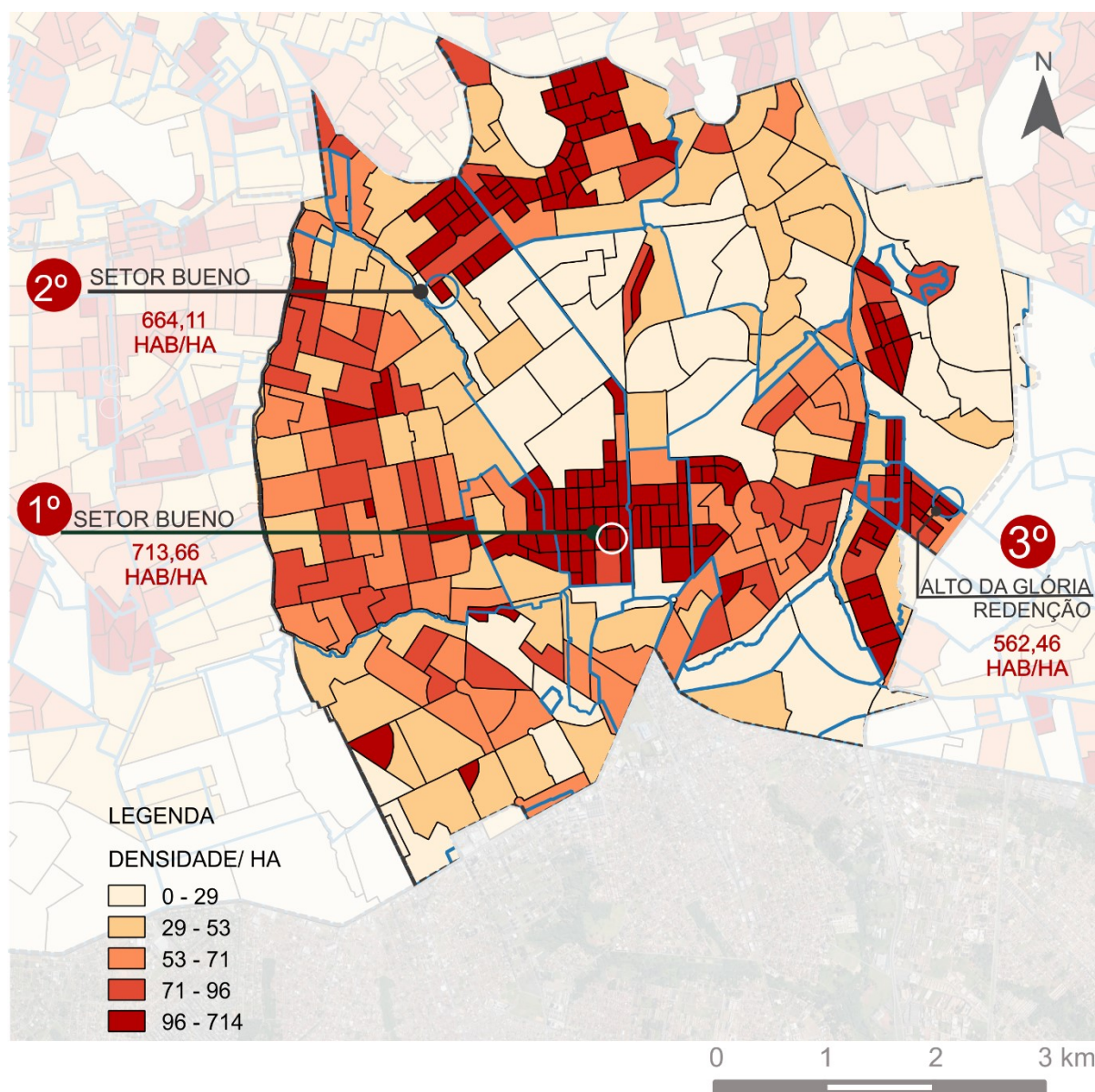


Fonte: autora.

¹² Informação extraída IBGE. Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário, Rio de Janeiro, 2011 (p.16)

Na Região Sul, temos a partir da leitura de frações, os maiores valores de densidade de toda a cidade. O primeiro e segundo lugar são encontrados dentro do Setor Bueno, com aproximadamente 713 habitantes por hectare e 664 habitantes por hectare, respectivamente (Mapa 32). O setor Alto da Glória aparece na terceira posição. Em comum, esses locais apresentam uma alta verticalização (Figura 34 - Vista área Setor Bueno, Google Maps.).

Mapa 32 - Recorte do mapa de densidade demográfica subdistritos, censo 2010, recorte Região Sul.



Fonte: autora.

Observando a apropriação da capital como um todo, constata-se uma grande variação no padrão de ocupação, formado por recortes com áreas dispersas e com baixas densidades entre os bairros, produzidos pelo processo de ocupação territorial, pautado nos vazios urbanos, sobretudo à oeste da capital.

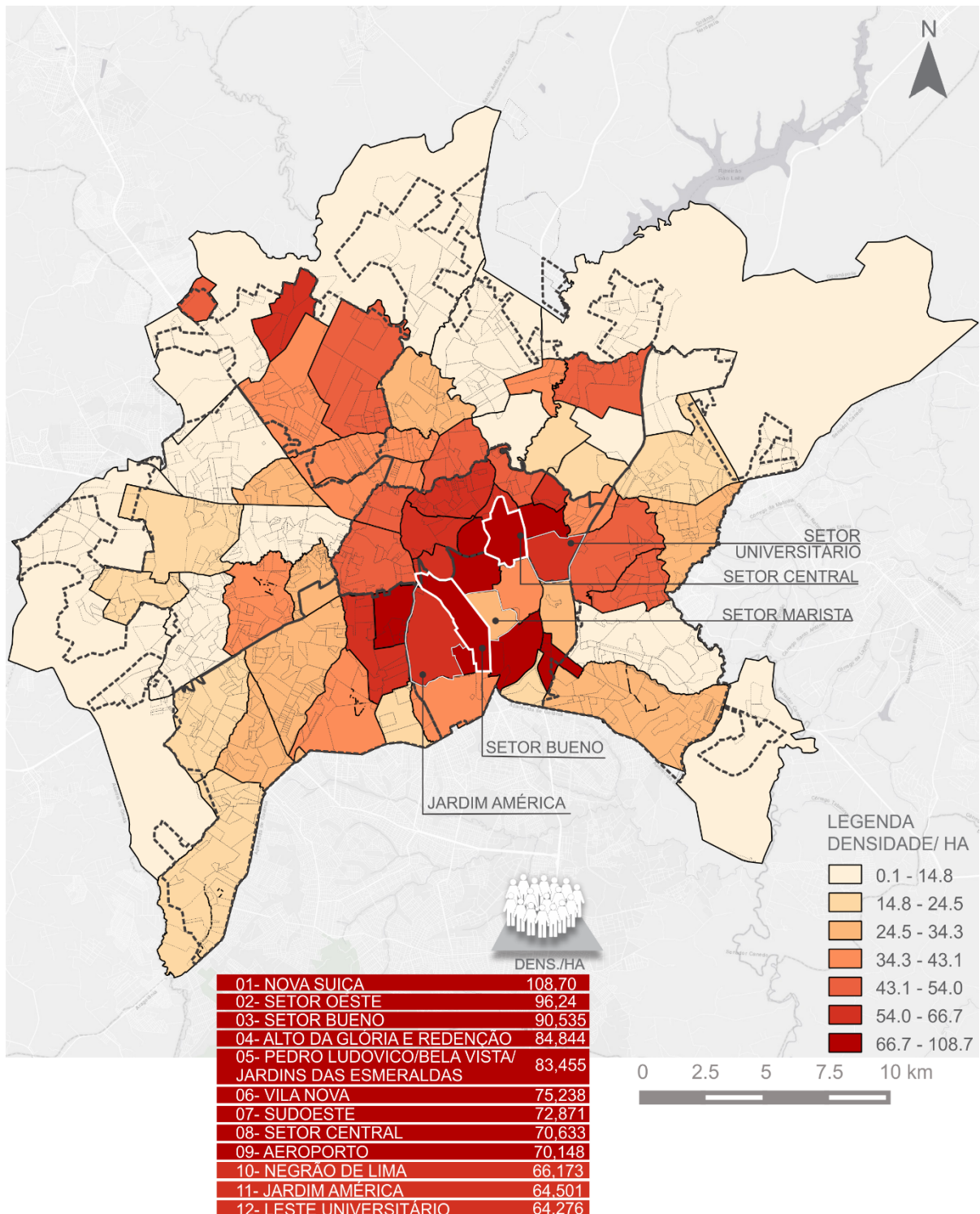
Figura 34 - Vista área Setor Bueno, Google Maps.



Fonte: Google maps com intervenção da autora.

Quando analisamos os dados da densidade a partir da soma das frações é possível identificar e classificar quais setores são em sua totalidade mais ou menos densos. No Mapa 33, pode-se visualizar de um modo mais claro que a maior concentração de densidade se direciona para as Regiões Central e Sul.

Mapa 33 - Mapa de densidade demográfica, censo 2010 com sobreposição das centralidades identificadas.



Fonte: autora.

As áreas classificadas como centralidades sintáticas e funcionais diversificadas estão situadas em áreas com alta densidade, são elas o Setor Central e Setor Bueno (destacados

no Mapa 33 com o contorno branco). O mesmo acontece com as centralidades especializadas, com exceção do Setor Marista com valor de 29,08 habitantes por hectare, conforme pode ser visualizado no mapa de densidade populacional acima.

Esses resultados dialogam com o discurso de Jacobs (2012), em que a alta concentração de pessoas favorece a vitalidade urbana, gente circulando o tempo todo, dia e noite, ainda mais quando há a diversificação de usos, incluindo o habitacional. Além do mais, um grande número de pessoas residindo em um local, impacta no aumento de potenciais consumidores dos serviços e atividades dispostos ao redor.

CONCLUSÃO

Em um contexto em que as práticas cotidianas estão cada vez mais incorporadas às noites urbanas, faz-se necessário observar o modo como as atividades se tangenciam, impactam a configuração das cidades e a economia, e interferem nas relações sociais, nas práticas de trabalho, educação e lazer. Este estudo foi motivado pela intenção de abarcar o espaço-tempo noturno nas discussões do planejamento urbano. E especialmente em identificar as centralidades noturnas na cidade de Goiânia.

O caminho adotado foi observar e identificar funcionalmente as centralidades noturnas, tendo como referência a oferta de comércios e serviços, somadas ao mapeamento de atividades ativas à noite na cidade, para então classificá-las em centralidades especializadas ou diversificadas. A partir da Lógica Social dos Espaços, a Sintaxe Espacial, foi possível proceder com as análises da configuração urbana. Assim, foi possível encontrar as centralidades sintáticas com raio global e local. A compatibilização desses resultados viabilizou observar e classificar a abrangência desses centros em locais ou urbanos.

O estudo oportunizou atestar, com auxílio da Teoria da Sintaxe Espacial, que as áreas mais integradas da cidade, sejam elas a nível global ou local, possuem uma alta correspondência com a concentração das atividades noturnas. Assume-se, portanto, no caso de Goiânia, que o desenho urbano favorece a acessibilidade topológica e a consolidação das centralidades noturnas.

Em Goiânia, as centralidades diversificadas e especializadas com abrangência urbana comumente desempenham o papel de centros, durante o horário diurno. No caso do setor Universitário, o fluxo promovido pelas universidades é estendido para a noite, mantendo a atividade educacional como um dos usos principais. Por outro lado, durante o período diurno, o Setor Marista abriga usos diversificados, comerciais e de prestação de serviços. À noite o bairro se torna um ponto de convergência para aqueles que buscam opções variadas nos serviços de bares e restaurantes, e é nesse contexto, produzido no horário noturno, que esse lugar assume um papel de destaque dentro da capital goiana.

Por sua vez, o Setor Central é reconhecido como centro histórico e uma das principais centralidades, por reunir uma parte significativa do setor terciário, no decorrer do dia. À noite, esse local também é uma importante centralidade noturna. E pode parecer não ter esse efeito, já que a euforia do intenso fluxo de pessoas nas ruas dá lugar a locais pontuais, ativos, após o entardecer. A sensação de que o centro esteja vazio pode ser causada por esse descompasso entre o ritmo frenético das pessoas circulando por entre as edificações dos comércios e serviços, instalados nas principais ruas e avenidas, pelos usos à noite, timidamente distribuídos pelo setor, em menor quantidade se comparados com as inúmeras

portas abertas em horário comercial, ocupando em muitas circunstâncias ruas sem tanto destaque. Apesar de o Setor Central ser uma centralidade diurna e noturna, nota-se que a organização dos usos e atividades não seguem a mesma lógica e configuração. E nos faz pensar que a noite tem seu próprio ritmo e dinâmica.

O Setor Bueno é a centralidade mais expressiva quanto à concentração e diversidade de práticas noturnas. A configuração espacial das ruas e avenidas, somada a fatores como a densidade habitacional e a combinação de usos diversificados, certamente favorecem a manutenção da noite urbana. Possivelmente essas condicionantes não foram previamente pensadas para que esse local da capital ocupasse esse papel, tão pouco há um plano direcionado para lidar ou até mesmo entender as questões singulares à noite, para então repensar e reestruturar o espaço noturno que aflora nesse contexto.

Muitas cidades como Goiânia estão continuamente prolongando as práticas cotidianas ao tempo noturno, explorando e experimentando a multiplicidade da vida urbana à noite. Isso ocorre em espaços privados, mas também em espaços públicos, como acontece com as feiras especiais noturnas ou com os usos dos parques urbanos, cada vez mais incorporados na rotina noturna dos goianienses.

O fato é que as centralidades noturnas podem ser resultadas de um planejamento consciente. Não se pode esperar que a cidade noturna tenha os mesmos centros que a diurna. No setor Campinas, por exemplo, a noite com o encerramento das atividades comerciais que movimentam o bairro, as ruas abarrotadas de gente são tomadas pelo silêncio em um cenário completamente diferente daqueles vivenciados em horário comercial. Com um ou outro uso em funcionamento, Campinas passa da condição de centralidade urbana para centro local. Ao cair da noite, aquele lugar não é mais um ponto de convergência para os habitantes da capital.

Com efeito, a noite urbana é descontínua, os usos noturnos não são estendidos para todas as partes da cidade. Na capital goiana, há um desequilíbrio: as centralidades locais suprem as necessidades de algumas atividades essenciais à noite, como farmácias e supermercados, mas se a população necessita ir a um teatro, centro cultural, é necessário se deslocar para as regiões central e sul da cidade, onde esses usos acontecem.

Não que todas as partes da cidade devam estar continuamente em movimento, com comércios abertos para todos os lados, bares, restaurantes, casas noturnas e intenso fluxo de pessoas circulando, mas a cidade também precisa de locais em que a noite ocupe o seu lugar de silêncios, para permitir o descanso àqueles que desejam. Entretanto, precisamos nos atentar para que o acesso a essas centralidades não se restrinja a uma pequena parcela da população, e reproduza uma lógica de desigualdade e segregação.

A discussão das centralidades pode ser recriada tomando como ponto as particularidades da noite, e ter um olhar inverso e ao mesmo tempo complementar ao que foi proposto neste estudo. Isso significa explorar as especificidades da noite urbana para pensar as centralidades, avançando em questões como a mobilidade noturna, por exemplo.

Estudos futuros podem buscar compreender se as centralidades noturnas em outras cidades brasileiras estão concentradas em áreas consolidadas do tecido urbano como acontece em Goiânia. Como método teórico e ferramental, a Sintaxe Espacial poderá ser utilizada por sua efetividade nas análises urbanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÓN, Leyla Elena Láscar. **A centralidade em Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2004.

ALVES, Tereza. **Geografias da Noite: Fazer Geografia Através da Luz**. Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Extramuros, Almada, 2004.

ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. **Atílio Corrêa Lima: uma trajetória para a modernidade**. Tese de Doutorado (Arquitetura), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARRETO, Rogério. **O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação**. Cadernos Curso de Doutorado em Geografia Flup. 2010. p. 23 - 41.

BORGES, Larissa Barbosa. **Entre sons, aromas e sabores. As feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2013.

CARVALHO, Ladjane Barros de. **Poluição luminosa x poluição urbana: o desperdício gerado pela cultura do medo**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Recife, 2016.

CASTILHO, Ana Luisa Haword de; VARGAS, Heliana Comin. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 3ª ed. São Paulo, Manole, 2006.

COELHO, Juliana Machado. **Na riqueza e na pobreza: o papel da configuração para o estudo de centralidades e desigualdades socioespaciais em Brasília**. Tese (Doutorado - Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, 2017.

Colaboratório, Grupo Interdisciplinar. **Manifesto da noite**. Grupo Interdisciplinar Colaboratório. São Paulo: Invisíveis Produções, 2014.

COLCHETE FILHO, A. et. al. **Comércio noturno em Juiz de Fora/MG: dinâmicas do espaço público e da vida urbana**. CINCCI- IV Colóquio Internacional sobre o Comércio e Cidade: Uma relação de origem, Uberlândia, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, 1989.

DERZE, Farley. **Cidade à noite: iluminação artificial e modernidade**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DIAS. Clímaco César Siqueira. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador**. Tese

(Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) - Ideal estético e realidade política**. Dissertação– Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, p. 250, 2007.

FERREIRA, Danilo Cardoso; RATTI, Alex. **A cartografia racial de Goiânia: uma possibilidade metodológica**. Revista de Geografia (Recife). V. 35, Nº 3, 2018.

FERREIRA, Wattson Estevão. **Apropriação de espaços públicos para território noturno recreativo em Ituiutaba-MG**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís, p. 24-30, 2016.

FURQUIM, Késsio Guerreiro. **Lugares boêmios de Brasília**. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-IV ENANPARQ, Porto Alegre, p. 25-29, 2016.

GASPARI, Gustavo Domingues; DA SILVA, Madianita Nunes. Centralidade e a cidade contemporânea: reflexões para pensar o direito à cidade na produção da metrópole. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v.19, n.40, p. 67 - 37, jan./abr. 2018.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GELPI, Adriana; KALIL, Rosa Maria Locatelli. **A cidade comentada [recurso eletrônico]: expressões urbanas e glossário em urbanismo**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

GODINHO, Iúri Rincon. **A construção: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia**. Goiânia: Contato Comunicação, 2013.

GÓIS, Marcos Paulo. Ferreira de. **Cenários Noturnos: sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana na área central da cidade do Rio de Janeiro**. Revista de geografia, Recife, 27, p. 40-52, 2010.

GÓIS, Marcos Paulo. Ferreira de. **Luzes na Cidade: sobre as Paisagens Luminosas e os Cenários Noturnos da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, n. 1, p. 117-127, 2011.

GÓIS, Marcos Paulo. Ferreira de. **A gestão da noite urbana carioca: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconômicas**. Rio de Janeiro. Sociedade & Natureza. (UFU. Online), n. 26, p. 221-235, 2014.

GÓIS, Marcos Paulo. Ferreira de. **Espaços públicos e vida noturna**. Rio de Janeiro. Revista geógrafos, Rio de Janeiro, n. 26, p. 69-85, 2018.

GÓIS, Marcos Paulo. Ferreira de. **Mobilidade noturna: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro**. UNIVERSITAS HUMANISTICA, 85, p. 263-291, 2018.

GWIAZDZINSKI, Luc. **'La nuit, dernière frontière'**. Les Annales de la Recherche Urbaine, 87, p. 81-88, 2000.

HOLANDA, Frederico. **Uma ponte para a urbanidade**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. n. 5, 2002.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Brasília: Ed. FRBH, 2018.

HOLANDA, Frederico de; MEDEIROS, Valério; RIBEIRO, Rômulo; MOURA, Andréa. **A configuração da área metropolitana de Brasília**. In: RIBEIRO, Rômulo; TENORIO, Gabriela; HOLANDA, Frederico de. Brasília: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 64-97, 2015.

IANNICELLI, Ana Carolina Punttini. (2016). **A cidade noturna: caracterização dos hábitos noturnos em bairros de classe média do Recife**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Centro de Artes e Comunicação– Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MASCARÓ, Lúcia. **A iluminação de espaços urbanos**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2009.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Estudos Especiais em Desenho Urbano**. 2020. Notas de aula (UnB).

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de; BARROS, Ana Paula Borba Gonçalves. **Centralidades e sintaxe espacial: variáveis para a compreensão da acessibilidade urbana**. Projeto e Cidade: Centralidades e Mobilidade Urbana. P.269. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

MONTEIRO, Maria Manuel Rocha Benoliel. **Quando a rua entra em casa: "night out" e "time out" em Lisboa**. Tese (Doutorado em Estudos Urbanos) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018.

NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira.; OLIVEIRA, Ivanilton.José de. **Mapeamento do processo histórico de expansão urbana do município de Goiânia-GO**. Revista Geographia, v. 17, n °34, p. 141-167, 2015.

OLIVEIRA, Carolina Fidalgo de. **Sustentabilidade nas cidades**. Preservação dos Centros Históricos. Arquitectos, São Paulo, ano 11, n. 125.06, Vitruvius, 2010 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/11.125/3569>>. Acesso em 07 abr. 2020.

OLIVEIRA, Eliézer. Cardoso de. **A realidade da ficção: representações da cidade de Goiânia nos contos literários e poemas.** História Revista, p. 17, 2012.

OLIVEIRA, Maria das Mercedes Brandão de. **O padrão territorial de Goiânia: um olhar sobre o processo de formação de sua estrutura urbana.** Arqtextos, 065.07, ano 6, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.065/419>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PANERAI, Philippe. **Análise urbana.** Editora UNB, Brasília, 2006.

SABOYA, Renato. Sintaxe Espacial. **Urbanidades.** 2007. Disponível em: em: <http://www.urbanidades.arq.br/2007/09/sintaxe-espacial/>. Acesso em: 10 Mar. 2020.

SILVA, Anderson Ferreira da. **Goiânia à Noroeste: da ocupação ao novo centro urbano.** 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Lourenço Lustosa Fróes da. **Iluminação pública no Brasil: aspectos energéticos e institucionais.** Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Estruturação Urbana e Centralidade.** Observatório Geográfico da América Latina. 4ª Reunião de Geógrafos da América Latina. 1993. p. 1-8.

TENORIO, Gabriela de Souza. **E Brasília tem centro?** Projeto de pesquisa (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 2ª ed São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

XAVIER. F.B; FELIPE, J.; ARANA, A. R. A. **O parque verde urbano: características do uso através de observação sistemática.** Rev Bras Gest Urbana. 2018;10(1):82-95.